iseclisboa
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO -

Estudo Qualitativo com Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

CLÁUDIA BEATRIZ CRUZ DA SILVA

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Outubro de 2018

Versão Definitiva

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação

Provas de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Desafios para a construção de uma escola inclusiva no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estudo Qualitativo com Professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Autora: Cláudia Beatriz Cruz da Silva

Orientador: Professor Doutor Marco Ferreira

Outubro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao terminar mais uma etapa da minha formação académica quero agradecer a um conjunto de pessoas, que sem as mesmas não teria sido possível concluir esta etapa.

Começo por agradecer ao meu namorado pelo apoio que me deu durante este percurso, pela força, pelas palavras de incentivo para nunca desistir, pela paciência nos momentos difíceis, por me acompanhar em todas as minhas conquistas e derrotas e por ter sempre um sorriso, uma palavra ou um gesto de amor para me alegrar.

Aos meus pais por me terem possibilitado a realização deste sonho, por me terem apoiado em todos os momentos, maus ou bons, e pelo carrinho e amor que me deram e que me dão diariamente.

A minha irmã, a tia Fátima, a Raquel e aos meus sogros por sempre acreditaram em mim. A minha afilhada Rita, a luz dos meus olhos, pela alegria que me trás todos os dias e pelos beijinhos e abraços nos momentos maus.

A duas amigas especiais, Andreia e Daniela, por todos os momentos que compartilhamos, pelas palavras de apoio, pelas experiências que vivemos e pela amizade que construímos durante estes anos. A Catarina pelo apoio e pela disponibilidade em me ajudar nos momentos difíceis.

Ao professor Doutor Marco Ferreira pela orientação, incentivo, atitude crítica, disponibilidade, compreensão e encorajamento na realização deste trabalho. Muito obrigada.

Aos professores que se disponibilizaram a participar neste estudo de investigação, partilhando as suas experiências, pois sem o seu contributo este estudo de investigação não teria sido possível realizar. Muito obrigada.

A todos muito obrigada.

RESUMO

O nosso estudo de investigação aborda a questão dos desafios para a construção de uma escola inclusiva no 1.º ciclo. Este estudo foi realizado com professores do 1.º ciclo de quatro escolas da região de Lisboa e tem como objetivo aprofundar nosso conhecimento sobre as perceções que os professores de 1.º ciclo tem perante a inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) em sala de aula.

Pretende conhecer os desafios dos professores face a inclusão de crianças com NEE em sala de aula e conhecer as estratégias e os instrumentos de avaliação que utilizam para facilitar a inclusão. Pretende ainda conhecer as vantagens e desvantagens da implementação de práticas inclusivas em crianças com NEE em sala de aula.

Este estudo de investigação é de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa, baseada num paradigma construtivista. O método de recolha de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada. A recolha de dados decorreu entre os meses de Maio e de Junho de 2017.

A análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas aos professores de 1.º ciclo, foi realizada através do processo de análise de conteúdo, mais precisamente a análise de temática de Braun e Clarke (2006), por considerarmos ser a mais indicada, tendo em conta os objetivos e o instrumento de recolha de dados deste estudo de investigação.

Os resultados obtidos destacam que ainda existem alguns desafios quanto a inclusão de crianças com NEE em sala de aula regulares. Estando a elevada carga horária associada às turmas com um número elevado de alunos e a falta de apoio especializado. As principais vantagens apresentadas para a inclusão de crianças com NEE são a socialização e o crescimento pessoal e humano de todas as crianças, já as desvantagens são as turmas grandes e a falta de recursos materiais e humanos.

PALAVRAS-CHAVE: 1.º ciclo do ensino básico, escola inclusiva, inclusão, necessidades educativas especiais.

ABSTRACT

Our research study addresses the challenges of building an inclusive school in the primary school. This study was carried out with teachers from the elementary school of four schools in the Lisbon region and aims to deepen our knowledge about the perceptions that primary school teachers have for the inclusion of children with special educational needs (SEN) in the classroom.

It intends to know the challenges of teachers in relation to the inclusion of children with SEN in the classroom and to know the strategies and evaluation tools they use to facilitate the inclusion. It also aims to learn about the advantages and disadvantages of implementing inclusive practices on children with SEN in the classroom.

This research study is qualitative, descriptive and interpretative in nature, based on a constructivist paradigm. The data collection method used was semi-structured interviews. Data collection took place between May and June 2017.

The data analysis obtained through the interviews conducted to primary school teachers, was under a content analysis process, more precisely the thematic analysis procedure by Braun and Clarke (2006), considering that it is the most indicated, taking into account the objectives and the data collection instrument of this research study.

The results obtained highlighted that still have some challenges regarding the inclusion of children with SEN in regular classes. They raised the daily routines burden associated to the teaching classes with a higher number of students and the lack of specialized support. The main advantages presented for the inclusion of children with SEN are socialization and personal and human growth for all the children, and the disadvantages are the large groups and the lack of material and human resources.

KEYWORDS: Primary education, inclusive education, inclusion, special educational needs.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS ix
ÍNDICE DE TABELAS xi
LISTA DE ABREVIATURAS xiii
INTRODUÇÃO 1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO 3
1.1 AS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS 3
1.1.1 Conceito de Necessidades Educativas Especiais 3
1.1.2 Conceito de Diferenciação Pedagógica 7
1.2 A INCLUSÃO 11
1.3 OS PROFESSORES 17
1.3.1 O papel do professor 17
1.3.2 Perspetivas dos professores face a Inclusão 21
2. PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO 25
2.1 Problema, questões e objetivos de investigação 25
2.2 Abordagem e *design* de estudo 27
2.3 Participantes 29
2.4 Instrumento de recolha de dados 31
2.4.1 Guião de Entrevista 32
2.4.2 Procedimentos 33
2.5 Tratamento e análise de dados 35
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 39
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 49
4.1. Conceções sobre o papel do professor 49
4.2. Conceções sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE) 50
4.3. Conceções sobre Inclusão 52
4.4. Práticas de Ensino Aprendizagem e Equipa Multidisciplinar 55
4.5. Formação Profissional ao nível das NEE 58
CONSIDERAÇÕES FINAIS 61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 65
ANEXOS 71
ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA 73
ANEXO 2 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO A DIREÇÃO DAS ESCOLAS 77

ANEXO 3 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 1 81
ANEXO 4 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 2 95
ANEXO 5 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 3 107
ANEXO 6 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 4 117
ANEXO 7 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 5 127
ANEXO 8 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 6 135
ANEXO 9 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 7 147
ANEXO 10 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 8 159
ANEXO 11 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 9 165
ANEXO 12 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 10 173
ANEXO 13 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 11 183
ANEXO 14 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 12 193
ANEXO 15 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 13 201
ANEXO 16 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 14 209
ANEXO 17 – ANÁLISE DE CONTÉUDO DAS ENTREVISTAS 217

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Os desafios sentidos pelos professores de 1.º ciclo face à inclusão de crianças com NEE. 41

Figura 2 - Estratégias utilizadas pelos professores de 1.º ciclo para facilitarem o processo de inclusão. 43

Figura 3 - Instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão. 44

Figura 4 - Vantagens da inclusão de crianças com NEE em sala de aula. 46

Figura 5 - Desvantagens da inclusão de crianças com NEE em sala de aula. 47

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização pessoal dos participantes no estudo de investigação. 29

Tabela 2 - Caraterização profissional dos participantes no estudo de investigação. .. 30

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Ciclo de Ensino Básico

CEI – Currículo Específico Individual

ONU – Organização das Nações Unidas

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PEI – Plano Educativo Individual

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

A escola tem sofrido mudanças constantes na sua organização e estruturação, nos últimos anos. Estas mudanças devem-se à diversidade cultural, religiosa e étnica que existe na comunidade escolar, e às mudanças constantes que ocorrem na sociedade em que nos encontramos inseridos.

A inclusão é um conceito e uma problemática com grande destaque na nossa sociedade. A escola inclusiva reflete uma tentativa de mudança na área da educação, neste caso nas metodologias e nas abordagens utilizadas pelos professores. Como indica Brandão, Ferreira e Santo (2010) a escola inclusiva tem como finalidade e responsabilidade, conseguir que todos os seus alunos, independentemente das diferenças existentes entre eles, obtenham sucesso no seu percurso escolar.

O nosso estudo de investigação insere-se na problemática das representações e das atitudes dos professores de 1.º Ciclo face à inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no primeiro ciclo do ensino básico. Com este estudo temos ainda como objetivo conhecer os desafios que existem na construção de uma escola inclusiva.

Sendo assim, o nosso estudo enquadra-se na problemática da inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na escola de ensino regular e na sala de aula regular.

Neste sentido, e de acordo com a Declaração de Salamanca, assinada em 1994, toda a criança tem direito a uma educação de qualidade, as crianças com NEE devem de ter acesso às escolas regulares, sendo que as escolas devem de adequar a sua pedagogia, de forma a ir ao encontro das suas necessidades, e combater as atitudes discriminatórias, de modo a conseguir criar comunidades abertas e solidárias e que promovem uma educação eficaz para todos.

Com a elaboração deste estudo pretendemos que o mesmo seja um contributo para a área da educação especial, mais especificamente na construção da escola inclusiva e na inclusão de crianças com NEE, em salas de aulas regulares.

O nosso relatório encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico do estudo, no mesmo fazemos uma revisão de literatura existente sobre o tema que estamos a abordar e apresentamos as bases de

fundamentação que acabam por sustentar a nossa investigação. Este capítulo encontra-se dividido em três subcapítulos, sendo eles os seguintes: 1. A Inclusão, onde abordamos o conceito de inclusão e a escola inclusiva; 2. Os Professores, onde refletimos sobre o papel do professor e sobre as perspetivas dos professores em relação a inclusão; e 3. As Necessidades Educativas Especiais, onde abordamos os conceitos de necessidades educativas especiais e de diferenciação pedagógica.

O segundo capítulo diz respeito à problematização e à metodologia utilizada no estudo de investigação, onde apresentamos o problema, as questões e os objetivos do estudo, fazemos também uma fundamentação sobre as opções metodológicas que adotámos, nomeadamente o paradigma e o design de estudo, os participantes, o instrumento de recolha de dados e os procedimentos, e o tratamento e análise dos dados recolhidos.

No terceiro capítulo apresentamos os resultados que obtivemos através do tratamento e da análise dos dados recolhidos, ou seja, apresentamos os resultados obtidos através da análise de conteúdos das entrevistas realizadas.

O quarto capítulo diz respeito às conclusões do estudo, no mesmo temos a discussão dos resultados obtidos e o cruzamento da fundamentação que fizemos anteriormente, com os resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas, construindo deste modo as conclusões do estudo.

No quinto capítulo temos as considerações finais, onde elaboramos uma reflexão sobre os resultados que obtivemos, sobre as implicações que este estudo terá na nossa vida futura, sobre os desafios que surgiram e sobre os aspetos que nos surpreenderam e ou que já estávamos a espera.

No final, indicamos ainda as referências bibliográficas que utilizámos no decorrer do trabalho e apresentamos os anexos, neste caso documentos que utilizámos no decorrer do estudo, os protocolos de entrevista e a análise de conteúdo realizada.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este enquadramento teórico foi organizado tendo como perspetiva o suporte para o estudo empírico que iremos realizar, neste sentido começamos por descrever a evolução do conceito de necessidades educativas especiais e as conceções e representações que foram construídos desde o aparecimento do conceito, Warnock Report até aos dias de hoje por todos os agentes educativos, embora com uma preocupação maior nos professores. Num segundo momento iremos também desenvolver teoricamente os aspetos relacionados com a diferenciação pedagógica e com todos os mecanismos e procedimentos que vão ao encontro da diversidade metodológica em contexto de sala de aula.

Avançamos depois para o conceito de inclusão e escola inclusiva, valorizando a perspetiva socio-educacional que aponta para uma escola que promova a igualdade para todos, fundamentada em aprendizagens e em adequações curriculares flexíveis e úteis para todos os alunos.

Terminaremos destacando o papel do professor, a sua relevância para a implementação desta escola que associa aprendizagem a desenvolvimento global do aluno.

1.1 AS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

1.1.1 Conceito de Necessidades Educativas Especiais

Jamais houve ou haverá um único termo correto ou palavra correta, que seja definitivo em todos os tempos e espaços. Isto deve-se ao facto que cada época utiliza termos/palavras cujo significado é compatível com os valores vigentes em cada sociedade.

A partir dos anos 70, sucederam-se grandes mudanças na forma como se encarava a educação das minorias, até então ignoradas.

O conceito de necessidades educativas especiais foi introduzido pela primeira vez no relatório de Warnock Report, em 1978, publicado em Londres. Este relatório foi fruto de um estudo feito em campo e que acabou por revolucionar as perspetivas de

intervenção no campo educativo e pedagógico, junto de crianças e jovens com problemas. Por sua vez perspetivou também a atuação do professor de acordo com as necessidades educativas dos alunos, neste caso no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem (Sanches, 1996).

O relatório de Warnock Report, em 1978, quis reforçar a importância de existir uma educação que não fosse segregadora, que abrangesse todas as crianças. Com este relatório pudesse constatar que uma percentagem significativa, cerca de 20% dos alunos, apresentava problemas de aprendizagem durante o seu percurso escolar, logo esta percentagem iria precisar de alguma forma de intervenção especial (Sanches, 1996; Madureira, 2005).

Segundo Sanches (1996) ter necessidades educativas especiais é precisar de um complemento educativo adicional ou diferente, sendo este a resposta especifica dada a cada caso, pela escola. O mesmo tem de ser específico a cada caso e deve ter na base critérios pedagógicos, que promovam o desenvolvimento e a educação dos alunos, utilizando o potencial de cada um, de modo a que no futuro se torne um cidadão válido, autónomo e ajustado. A adequação da resposta específica a dar vai depender da natureza da necessidade e dos meios que forem disponibilizados para tal.

O objetivo e a finalidade de qualquer educação passa por otimizar as potencialidades dos alunos, ou seja, ajuda-las a potenciar o seu desenvolvimento e a eliminar dificuldades, através do apoio e do reforço (Fernandes, 2002).

O conceito de necessidades educativas especial (NEE) é um conceito chave. Uma criança necessita de educação especial caso tenha alguma dificuldade de aprendizagem que necessite de uma medida especial (Jiménez, 1997).

Segundo Madureira (2005), estes problemas podem ser de caráter permanente ou temporário no percurso escolar dos alunos, uma vez que não resultam necessariamente de uma incapacidade ou de uma deficiência. Este conceito surge na defesa de um conjunto de princípios e valores, entre os quais o direito de todos os alunos poderem frequentar uma educação integrada e regular, atribuindo assim a escola a responsabilidade de criar condições que permitam o sucesso escolar de todos.

A introdução deste conceito no domínio educativo levou a um afastamento do paradigma médico-psicológico, que se caracterizava pela valorização excessiva das classificações, que conduzia a processos de estigmatização, discriminação e

despersonalização dos alunos incapacitados (Madureira, 2005). Fazendo por sua vez surgir uma nova metodologia, ao nível da identificação, da avaliação e de intervenção com crianças com necessidades educativas especiais.

Madureira e Leite (2003) consideram que o uso progressivo do conceito de NEE na área da educação pode contribuir para uma visão social menos estigmatizante dos problemas. Este conceito tinha como intenção inicial retirar o estigma dessas classificações médicas e psicológicas, mas tal não foi conseguido, uma vez que este conceito passou a ser referente a um grupo homogéneo, que continua a ser visto como deficitário em algum aspeto do desenvolvimento ou da aprendizagem (Madureira, 2005).

Alguns autores referem que a tentativa de não rotulação dos alunos e do afastamento do modelo médico-psicológico continua a ser uma realidade afastada da prática.

Ao longo dos anos o conceito de NEE tem vindo a sofrer algumas alterações e clarificações. É o caso de Correia (1993, 1997, 2003, 2008) que afirma que o conceito de necessidades educativas especiais se aplica "a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos e de suade, intelectuais e emocionais e, também, com dificuldades de aprendizagem específicas (fatores processológicos/de processamento de informação) derivadas de fatores orgânicos e ambientais." (p., 23)

Madureira (2005) considera que é mais fácil identificar dificuldades de aprendizagem decorrentes de incapacidades, do que dificuldades de aprendizagem que surgem durante o processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes associados a um conjunto de situações diversas.

A autora refere ainda que a identificação das NEE inclui não só as incapacidades e dificuldades individuais, mas também as condições gerais do processo de ensino-aprendizagem desenvolvidas pelos professores Logo o maior ou o menor número de alunos identificados é determinado também pelos aspetos seguintes:

- "pela forma como são definidos os objetivos de ensino;
- pelos processos de avaliação dos progressos dos alunos;
- pelas áreas de aprendizagem mais valorizadas pelo professor;
- pelas atitudes que estes desenvolvem face a alunos com níveis menores de sucesso e em suma;

- pela forma como encara as diferenças individuais dos alunos.” (p. 31)

As NEE são “produto de processos sociais e, nessa medida, não podem ser compreendidas apenas com base nas características individuais dos alunos, devendo antes ser perspetivadas tendo em conta o contexto social, educativo e pedagógico em que emergem.” (Madureira, 2005, p. 31).

Sanches (2001) vai ao encontro da autora anterior, referindo que os alunos com NEE não são apenas os alunos com deficiências, a esses juntam-se “os que são rebeldes e não deixam dar a matéria, os que são provocadores e fazem desatinar o professor, os que são insolentes e que subvertem todo o esquema, os que não estão para aturar os “chatérrimos” dos professores” (p. 89), enfim todos os que fogem a regra do normal.

Concluindo, a escola tem necessidade de definir as suas prioridades em função da população que abrange, adotando e organizando as aprendizagens dos professores face aos alunos presentes nas turmas. A ideia de um ensino para todos, exigi a escola um reconhecimento e uma aceitação da diferença, sem limitações ao nível das aprendizagens e adoção de percursos curriculares que conduzam ao sucesso escolar de todos (Madureira e Leite, 2003).

1.1.2 Conceito de Diferenciação Pedagógica

O conceito de diferenciação pedagógica tem associado a si o conceito de diversidade ou heterogeneidade.

Nas nossas escolas temos presente uma grande diversidade de alunos, esta diversidade decorre, como indica Ferreira, Prado e Cadavieco (2015), da diversidade da população escolar, que por sua vez tem diferentes interesses, experiencias, vivencias, culturas, etnias, religiões e línguas, mas para além disso os alunos tem também diferenças a nível das suas capacidades, limitações, ritmos de aprendizagem e perfis, logo nem todos aprendem da mesma forma, nem ao mesmo ritmo, por isso é preciso implementar diferentes estratégias e atividades de aprendizagem, para que todos os alunos consigam ter sucesso escolar.

Correia (2001), refere que "o conceito de inclusão esta inevitavelmente relacionado com os conceitos de diversidade educacional e de diferenciação pedagógica."

Segundo Ferreira (2017) a diferenciação pedagógica é um conjunto de teorias e práticas comuns que reconhecem que os alunos são todos diferentes, uma vez que todos eles têm experiências de vida e de ensino-aprendizagem diferentes, um desenvolvimento cognitivo diferente e interesses e expectativas diferentes, o que leva a que o ensino tenha em consideração as necessidades cognitivas, afetivas e psicomotoras dos alunos, para que tenha significado e relevância para os alunos. O mesmo autor refere que é tarefa do professor reconhecer o aluno como pessoa, tendo está interesses, saberes, experiências e dificuldades próprias.

Madureira e Leite (2003) apresentam um conjunto de situações que necessitam que haja uma definição de tipo e de graus de diversidade, sendo elas:

1. A diversidade decorrente da heterogeneidade dos grupos, onde existe diferentes interesses, capacidades e pré-disposições;
2. A diversidade que é criada pela frequência escolar, diferentes ritmos de aprendizagem e de resultados;
3. A diversidade resultante de problemas específicos dos alunos e que dão origem as necessidades educativas especiais. (p. 97)

As repostas a estas situações acabam por ser muito diversas, passando pela diversificação de estratégias de ensino aprendizagem e pelo desenvolvimento de currículos individuais específicos.

Mas é preciso ter em conta que "diferenciar não significa elaborar 25 projetos curriculares diferentes... existe um vasto leque de alternativas intermédias mais eficazes que passam pela organização do trabalho letivo, utilização dos recursos disponíveis, gestão dos tempos e espaços de aprendizagem." (Madureira e Leite, 2003, p. 97).

Heward (2003) vai ao encontro das autoras anteriores, referindo que não tem de existir uma metodologia diferente para cada aluno, tendo em conta ao número de alunos por turma é algo impensável, diferenciar por sua vez implica a existência de abordagens pedagógicas diferenciadas no processo de ensino aprendizagem. Só desta forma é que a escola consegue contribuir para uma igualdade de oportunidades (Ferreira, 2017, p. 9).

Ferreira (2017) refere que a diferenciação pedagógica gera igualdade de oportunidades educativas, ou seja, quando se adota metodologias e estratégias de ensino tendo em conta a diversidade de alunos presentes, não significa "facilitar o acesso aos currículos, sem a devida aquisição de aprendizagem necessárias e suficientes" (p. 12) A diferenciação pedagógica assenta na adequação de estratégias, conteúdos e avaliações tendo em conta as características do aluno e não desprezando o currículo Nacional (Rodrigues, 2006; in Ferreira, 2017, p. 11).

Sendo assim, existem dois modelos de currículos, o fechado e o aberto. Centrando-nos num modelo de currículo aberto, este é gerido pelo docente, tendo em conta os diferentes contextos escolares e as características individuais dos alunos, possibilitando, por sua vez, a construção de opções pedagógicas próprias, com objetivos e conteúdos que podem sofrer alterações (Morgado, 2003, in Ferreira, 2017).

Ferreira (2017) defende que "o currículo deve ser um processo aberto e flexível, organizado a partir de bases curriculares comuns a nível nacional." (p. 13) O autor refere ainda que a flexibilidade e a adequação curricular são alterações no currículo que tem como objetivo principal a maximização do potencial do aluno, ou seja, dar mais importância as potencialidades do aluno, de modo a alcançar o sucesso escolar.

Para implementar práticas de flexibilização e de adequação curricular é preciso ter em conta os seguintes aspetos:

> "1. Uma atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos;
> 2. Uma identificação das necessidades educativas especiais para fundamentar a prioridade de recursos e meios favoráveis à sua educação;
> 3. Uma adopção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículos;
> 4. Uma flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola para atender ao aumento da diversidade dos alunos;
> 5. A inclusão de professores especializados, terapeutas e serviços de apoio para apoiar o processo pedagógico-terapêutico." (Ferreira, 2017, p. 14).

O currículo é uma prática pedagógica que resulta de uma interação entre várias estruturas, tendo na sua base interesses concretos e responsabilidades partilhadas. Sendo assim, é de responsabilidade do professor proporcionar aos seus alunos experiências educativas diversificadas e significativas, permitindo que os mesmos possam construir as suas aprendizagens (Reis-Jorge & Ferreira, 2012; in Ferreira, 2017).

Madureira e Leite (2003) referem que é importante que a escola se envolva em projetos, criando de parcerias e protocolos com diversas entidades, rentabilizando os recursos da comunidade e criando respostas eficazes. Por sua vez, o processo de diferenciação deve permitir criar condições para o desenvolvimento de trabalhos colaborativos, uma vez que favorece uma participação e interação dos alunos com os pares e contribui para uma promoção da socialização, autonomia e responsabilização.

Vygotsky (1978) destaca a importância do trabalho a pares, no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, onde diz que os alunos são capazes de executar tarefas complexas quando trabalham em conjunto com os seus pares, pois estes acabam por ser um apoio, o que possibilita os alunos desenvolverem as suas potencialidades e indo mais além nas suas aprendizagens (Ferreira, 2017).

Segundo Leite (2005) existem alguns aspetos a ter em conta quanto as adaptações a realizar no currículo, nas organização e na gestão, que são:

1. organização dos espaços e dos equipamentos de sala de aula e da escola, possibilitando a realização de tarefas diferente no mesmo espaço e tempo e contribuindo para a autonomia dos alunos;

2. organização das estratégias e das atividades, ou seja, não existe uma metodologia única que resolva todos os problemas, logo é preciso criar um ambiente de aprendizagem sereno e estruturante na sala de aula;
3. seleção e elaboração dos recursos educativos adequados às aprendizagens pretendidas e possíveis de serem manipulados de pelos alunos;
4. criação de instrumentos de autorregulação e de verificação das atividades realizadas e das aprendizagens alcançadas
5. organização dos objetivos específicos e dos conteúdos a abordar, realizada com os alunos, de modo a que estes possam antecipar as matérias e a verificar as que já foram abordadas.

Os professores que diferenciam as suas práticas de ensino-aprendizagem reconhecem que os alunos são diferentes em vários aspetos, no conhecimentos, nas experiencias vidas, no ritmo de aprendizagem, na cultura e nos interesses, logo compreendem que tem de alterara sua forma de ensinar, de modo a abranger a diversidade de alunos presentes em sala de aula (Ferreira, 2017).

Segundo Madureira e Leite (2003), os professores experientes, capazes de refletir sobre a sua prática e que tomam em consideração as opiniões dos alunos, facilmente conseguem colocar em prática metodologias de diferenciação.

A diferenciação pedagógica é uma abordagem de ensino-aprendizagem que é útil para todos os alunos, independentemente das capacidades e das experiências de cada um (Ferreira, 2017).

Sendo assim, a diferenciação pedagógica pretende, assim adequar o ensino às características cognitivas dos alunos e as suas necessidades, mas para que isso ocorra o professor deve de ter a capacidade de promover uma educação inclusiva, de modo a promover o sucesso escolar dos seus alunos (Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015).

Tendo em conta a diversidade cada vez maior da população escolar, as tarefas da escola, dos professores e dos técnicos especializados é reconhecer as diferenças existentes entre os alunos, encontrar estratégias de adaptação e desenvolvimento que respeitem e incluem todos e adotar os processos de organização e de gestão adequados para conseguirem dar respostas as necessidades de cada aluno.

1.2 A INCLUSÃO

Segundo Silva (2009) o caminho percorrido entre a exclusão e a inclusão de crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais (NEE) está relacionado com as características económicas, sociais e culturais de cada época, que por sua vez são determinadas pelo modo como se perspetiva/olha para diferença. A história demonstra isso mesmo, ou seja, mostra que as sociedades têm tido grandes dificuldades em lidar com as diferenças, sejam elas quais forem, tornando deste modo o caminho entre a exclusão e a inclusão muito longo e doloroso, (Silva, 2009).

Caldwell (1973, citado por Serra, 2002) refere existirem três períodos da história da inclusão, sendo eles os seguintes: 1.º período – "dos esquecidos e escondidos"; 2.º período – "do despiste e segregação; e o 3.º período – "de identificação e ajuda". (Serra, 2005)

Serra (2005) diz que a ideia de inclusão está relacionada com a pessoa diferente, ou seja, com a pessoa portadora de uma deficiência.

Inclusão é mais do que um juízo de valor, como indica González (2010), "é uma forma de melhorar a qualidade de vida, onde a educação pode desempenhar um papel primordial ao oferecer as mesmas oportunidades e idêntica qualidade de meios a todo aquele que chega de novo." (Correia, 2010, p. 57-72) Ou seja, a inclusão trata-se de dar opções e lugares, de oferecer recursos e melhorar a oferta educativa existente, tendo em consideração as necessidades de cada indivíduo, promovendo a integração escolar e descartando a exclusão escolar.

A promoção da inclusão social tem vindo a ser discutida nos últimos anos, um dos maiores marcos foi a assinatura da Declaração de Salamanca, em 1994, a mesma foi redigida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela UNESCO, e assinada por 92 países e 25 organizações internacionais, que entre si acordaram os princípios fundamentais da escola e da educação inclusiva, (Sanches e Teodoro, 2006). Esta declaração surge na tentativa de contrariar e diminuir as desigualdades sociais existentes e incluir as crianças com NEE no ensino regular.

A Declaração de Salamanca defende que a inclusão de crianças e jovens com deficiências é um direito inalienável: "qualquer que seja a origem, natureza e gravidade das suas deficiências e dificuldades, as pessoas com deficiência têm os

mesmos direitos fundamentais que os seus concidadãos da mesma idade." (Rodrigues, 2001, p. 111) Ou seja, isto significa que as crianças e jovens com NEE têm todo o direito de serem incluídos na educação regular assim, como as crianças e jovens sem NEE, (Warwick, 2001).

Segundo Mittler (1995), Ballard (1995) e Johnstone (1995), a inclusão deve ser vista como "um processo através do qual a escola ou a comunidade continua a explorar novas formas de desenvolver repostas que valorizem a diversidade" (Warwick, 2001, p. 112).

Para Correia (1994), (in Correia, 2010) inclusão é a inserção do aluno com NEE na sala de aula regular, onde, sempre que possível, deve receber todos os serviços educativos adaptados, contando-se para esse fim, com um apoio adequado às suas características e necessidades.

O caminho percorrido pela escola inclusiva tem sido complexo e difícil, pois a escola inclusiva veio levantar um conjunto de questões que propõem mudanças profundas na escola, que passam pelas atitudes dos profissionais de educação e dos pais, e a reorganização da escola e das salas de aula, a nível físico e pedagógico. (Correia, 2003)

Segundo Arnáiz e Ortiz (1997) a finalidade das escolas inclusivas é criar um sistema educativo que faça frente as necessidades dos alunos, por sua vez, implica respeitar a individualidade e desenvolver uma cultura de colaboração, tendo como base a resolução de problemas e que facilite a aprendizagem profissional dos professores e aumente a igualdade de oportunidades, de forma a obter uma melhoria educativa. (Correia, 2010)

Sendo assim, inclusão consiste em dar oportunidade a todas as crianças, sempre que possível, de aprenderem juntas num ambiente rico e de qualidade, independentemente das dificuldades e diferenças existentes entre elas. Para além disso, as escolas inclusivas devem de reconhecer e satisfazer as necessidades dos alunos e adaptar a sua ação, de forma a garantir o sucesso académico dos seus alunos. Como refere a Declaração de Salamanca (1994):

> "As Escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Isto inclui crianças com deficiências, e sobredotadas, crianças de rua e crianças

> trabalhadoras, as crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupo desfavorecidos ou marginalizados." (UNESCO, 1994; p.3; in Silva, Ribeiro e Carvalho, 2013, p. 54-55).

Como indica Sanches e Teodoro (2006) "numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema, mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais de educação." (p. 72) Os autores referem ainda que na escola inclusiva não existe a necessidade de o aluno com NEE sair da sala de aula para receber ajuda, essa ajuda deve ser dada na sala de aula onde o aluno esta inserido, porque apesar de as situações de aprendizagem separadas serem mais intensas e sistemáticas, acaba por não assegurar a interação social entre pares, que é fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem de competências académicas e sociais dos alunos.

A educação inclusiva deve ser um processo dinâmico, como refere Correia (2003), pois deve de conseguir responder as necessidades de cada aluno e proporcionar-lhes uma educação adequada e apropriada.

Podemos concluir que a educação inclusiva exige grandes mudanças organizacionais e funcionais no sistema educativo, obrigando a transformações ao nível da articulação entre os diversos agentes educativos, impõem modificações na gestão e organização da sala de aula, no currículo e no processo de ensino aprendizagem (Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015).

A Declaração de Salamanca sobre os Princípios, as Políticas e as Práticas na área da Necessidades Educativas Especiais é um marco importante para a Escola Inclusiva, uma vez que constitui uma nova visão sobre a importância da escola regular, numa educação inclusiva, ou seja, uma educação para todos, colocando de lado as diferenças e as dificuldades de cada aluno. Sendo assim, rompeu-se com a escola segregadora e todo o que ela acarreta (Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015).

Segundo a Declaração de Salamanca (1994) o princípio fundamental da escola inclusiva é:

> "…os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e

satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades." (UNESCO, 1994, p. 11-12).

Ainscow (1997; citado por Serra, 2005) refere que a intervenção da escola inclusiva já não se encontra centrada em diminuir as dificuldades das crianças, mas em criar condições favoráveis para o crescimento pessoas e escolar das crianças, eliminando as barreias existentes nos contextos que as crianças se encontram inseridas.

Neste sentido, e como indica Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) a escola inclusiva não vai só integra a criança num ambiente normal de escola, vai, por sua vez, criar uma escola onde exista respeito pela diferença e igualdade de oportunidades para todas as crianças, sendo o objetivo principal da mesma "atender a diversidade" de alunos com qualidade e exigência, partindo do pressuposto que todas as crianças tem o direito de serem envolvidas no mesmo processo de aprendizagem, na mesma escola e na mesma sala de aula, independentemente das suas dificuldades e diferenças.

Stainback e Stainback (1992; citado por Correia et al, 2010) vão de encontro ao que é dito pelos autores anteriores, referindo que a escola inclusiva "é aquela que educa todos os alunos dentro de um único sistema, com o compromisso de lhes proporcionar programas educativos adequados às suas capacidades e apoios tanto para os professores como para os alunos em função das suas necessidades." (p. 63) Os autores expõem ainda algumas das características que as escolas inclusivas deveriam ter:

- "diversidade como melhoria de aprendizagem interactiva;
- respeito pelas diferenças dentro e fora da escola;
- adaptação e diversificação do currículo normal;
- apoio aos alunos dentro da sala;
- colaboração entre os profissionais da escola;
- participação dos pais na planificação educativa." (p. 63)

Neste sentido, podemos dizer que o conceito de escola inclusiva reforça o direito de todos os alunos de frequentarem um único sistema de ensino, caracterizado

por objetivos escolares e planos de estudo iguais para todos, independentemente das diferenças existentes entre os alunos. Como indicam alguns autores (Ainscow, 1995; Armstrong, 2001; Correia, 2001; Rodrigues, 2001; Warwick, 2001) a ideia chave da escola inclusiva é que a escola é para todos, independentemente do sexo, da cor, da origem, da religião, da condição física, social ou intelectual, colocando a diferença como ponto de partida para o trabalho a desenvolver.

Sendo assim, e segundo Pearpoint e Forest (1992, citado por Correia et al, 2010) os valores principais da escola inclusiva são: "aceitação, pertença à comunidade, relações pessoais, interdependência, considerando pais e professores como uma unidade aprendizagem." (p. 63)

Ainscow (1991; citado por Sanches e Teodoro, 2006) refere a escola inclusiva é uma escola de qualidade para todos os alunos, tanto para aqueles que possuem NEE, como para os que não possuem NEE.

Segundo, ainda o mesmo autor, (2000; citado por Sanches e Teodoro, 2006), as escolas para se tornarem mais inclusivas necessitam de: assumir e valorizar os seus conhecimentos e práticas, considerar a diferença como um desafio e uma oportunidade de criação de novas situações de ensino-aprendizagem, enumerar os aspetos que estão a impedir a participação de todos, disponibilizar e utilizar os recursos disponíveis e gerar novos, utilizar uma linguagem acessível e encorajar os alunos a correr riscos.

Apesar dos progressos verificados e do percurso percorrido pela educação inclusiva é preciso ter em atenção que ainda existe um longo caminho a percorrer e muitos desafios a ultrapassar, como refere Hegarty (2001; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015) tais como:

> "a diversidade das práticas, o reequacionamento das escolas de ensino especial, os mecanismos de alocação de recursos, a formação de professores e o aperfeiçoamento do pessoal auxiliar, os serviços de apoio às escolas regulares, o impacto da informação e a preparação para a transição para a vida adulta e para o mercado de trabalho." (p. 5)

Correia (2005; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015) diz que a escola regular ainda não dispõe de condições logísticas e operacionais para o efetivo

atendimento dos alunos com NEE, pois existe falta de sensibilização, de formação, de materiais e equipamentos, que por sua dificultam o trabalho e a implementação da escola inclusiva.

Sanches e Teodoro (2007; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015) referem existe um conjunto de "obstáculos à prática da educação inclusiva, destacando a falta de formação ou formação adequada dos professores, a falta de recursos humanos e materiais, assim como, os espaços de intervenção inadequados e as politicas desajustadas às situações reais do dia-a-dia." (p. 6)

Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) vão ao encontro do que é referido pelos autores anteriores, dizendo que ainda existe um longo caminho a percorre no que diz respeito a educação inclusiva, pois o princípio da inclusão implica a restauração significativa da escola e do currículo, possibilitando a todos os alunos uma aprendizagem em conjunto, um ensino de qualidade e que produza resultados positivos.

Podemos concluir, que a escola inclusiva é uma escola de qualidade para todos os alunos, capaz de responder adequadamente às problemáticas dos seus alunos e que gera e disponibiliza os recursos necessários aos mesmos (Sanches, 2001).

> "A escola inclusiva não é a escola do futuro, é a escola que cada um é capaz de criar hoje, dando-lhes a sua disponibilidade e o seu saber. A escola inclusiva, somos todos nós e cada um a cooperar para uma escola mais justa, mais humana em que cada um tem um espaço e um tempo que são seus para usufruir e partilhar." (Sanches, 2001, p. 93)

1.3 OS PROFESSORES

1.3.1 O papel do professor

Roldão (1999) refere que há alguns tempos ser professor parecia "uma atividade relativamente fácil de desempenhar." (pág. 14) Hoje em dia continuará a parecer ser uma profissão fácil de desempenhar, tendo em conta as funções, os papéis e as responsabilidades que lhe são atribuídas?

A sociedade atual sofre constantes mudanças a todos os níveis, seja a nível económico, financeiro, cultural, religioso, tecnológico, entre outros. Como refere Perrenoud (1999) as sociedades estão em constante transformação, fazem-se e desfazem-se constantemente.

Na área da educação também ocorrem mudanças a vários níveis, novas metodologias, abordagens, competências e de funções. Segundo Perrenoud (1999) "se a sociedade muda, a escola só pode evoluir com ela, antecipar, até mesmo inspirar as transformações culturais". (p. 6)

Estas mudanças na área da educação, segundo Esteve, Franco e Vera (1995) (in Morgado, 2004), devem-se as seguintes alterações:

- aumento da exigência sobre a escola, isto deve-se o desenvolvimento que se verifica a todos os níveis na sociedade, fazendo com que a escolarização seja cada vez mais importante, o que faz com a escola tenha cada vez mais responsabilidade quanto ao sucesso escolar dos seus alunos e por sua vez acaba por exigir aos professores mais qualidade e empenho na promoção do sucesso escolar dos alunos;
- ajustamentos na ação educativa de outros agentes, ou seja, uma vez que se verificam mudanças nas dinâmicas familiares, faz com que a escola ajuste a sua função e os seus objetivos, ou seja, alguns aspetos essenciais da formação das crianças, que antes estavam ao encargo da família, passaram a ser encargo da escola;
- emergência de fontes de informação/conhecimento alternativas à escola, isto deve-se ao desenvolvimento e o acesso crescente das novas tecnologias, o que faz com que as crianças tenham acesso a uma quantidade gigantesca

de informação, por sua vez compete ao professor gerir essa informação e introduzir as novas tecnologias na sala de aula, de modo a incentivar o aluno;

- mudanças nos conteúdos curriculares, ou seja, é necessário que o professor reflita regularmente sobre os conteúdos a serem lecionados e aprendidos em cada etapa, devido a necessidade constante de ajustamentos no âmbito da gestão curricular;
- eventual escassez de recursos materiais e as deficientes condições de trabalhos, o que solicita ao professor flexibilidade de processos e capacidade de adaptação;
- mudanças na relação professor-aluno, isto deve a forma como o papel do professor é visto socialmente, o que se reflete na relação com os alunos;
- e a fragmentação do trabalho do professor, ou seja, é exigido ao professor novas funções e papéis de natureza diversificada, o que pode levar a fragmentação da função do professor.

Estas são algumas das alterações referidas pelos autores, que se encontram pode de trás das mudanças verificadas na educação.

Cunha (2015) refere que a escola portuguesa tem vindo a acompanhar a evolução da sociedade e por sua vez a mesma acabou por sofrer algumas transformações, sendo elas quantitativas, aumento do número de alunos que acolhe, dos anos de escolarização, do número de professores e do número de escolas, e qualitativas, massificação da escola, acolhimento de público mais heterogéneo e multicultural, o que levou a reformas e reorganizações dos currículos.

O papel do professor também sofre mudanças, o mesmo tem cada vez mais responsabilidades, novas tarefas e novas funções a cumprir, ou seja, uma “panóplia” de competências a cumprir. Outrora o professor tinha como principal papel ensinar, fazer aprender, mas atualmente é confortado com novas funções e novos papéis (Conceição e Sousa, 2012).

Os professores formam um grupo social que tem uma missão, deveres, funções e papéis que são definidos consoante o nível de ensino que frequentam, o perfil académico e a identidade profissional especifica. É uma profissão muito exigente e complexa, que implica a execução de funções educativas e de formação pessoal e social, por parte de quem a exerce. Cabe ao professor fazer com que cada aluno

descubra os seus interesses e aptidões e que desenvolva as suas capacidades (Ramos, Faria, Ramos e Rodrigues, 2016).

Segundo Perrenoud (2001), "é preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores…" (p. 8) Ou seja, o professor possuem diversos saberes, mas devido as mudanças constantes é-lhe exigido adquirir novos saberes e competências.

O mesmo autor, tendo em conta as mudanças que ocorreram e que ocorrem na educação e no papel do professor, elaborou um referencial que contém 10 competências amplas, sendo elas as seguintes:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem – o professor tem de dominar os conteúdos, mas também os conceitos, o mesmo tem de ser capaz de os mobilizar e traduzir em objetivos de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens – o professor deve ser capaz de proporcionar situações de aprendizagem que desafiem os alunos e que os levem a progredir nas suas aprendizagens e ao mesmo tempo tem de as ajustar consoante as necessidades dos alunos;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação – o professor tem de organizar o trabalho em sala de aula consoante as necessidades dos alunos;
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho – o professor tem de incentivar e envolver os alunos nas tarefas da sala de aula e nas aprendizagens;
5. Trabalhar em equipa – os professores devem cooperar entre si, ou seja, devem partilhar recursos, ideias e práticas entre eles, e devem de conseguir enfrentar e analisar em conjunto situações complexas e problemáticas;
6. Participar na administração da escola – a comunidade educativa deve de trabalhar em conjunto, ou seja, é preciso que exista atitudes e competências positivas entre todo a comunidade educativas, de modo a garantir coerência no atendimento dos alunos;

7. Informar e envolver os pais – os professores devem de estabelecer e manter uma relação positiva com os pais, uma vez que os pais têm um papel importante no sucesso escolar dos filhos;
8. Utilizar novas tecnologias – o professor deve de familiarizar os seus alunos com as novas tecnologias e de lhes possibilitar a utilização das mesmas;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão – o professor deve de participar na criação de regras de vida comum, deve de incutir valores e atitudes cívicas nos seus alunos;
10. Administrar a sua própria formação contínua – a formação contínua é fundamental, logo o professor deve de conservar as competências já adquiridas, mas deve de ir adquirindo novas competências, dai a formação contínua (Conceição e Sousa, 2012).

Sendo assim, as funções e os papéis do professor multiplicaram-se e diversificaram-se, ser professor atualmente implica trabalhar com as mais diversas situações e adaptar-se as mesmas (Cunha, 2015).

Com isto, podemos concluir, que o professor continua a dar valor as aprendizagens dos alunos, mas numa visão menos clássica do ofício de professor, ou seja, para além de ter de dominar os conteúdos que leciona, tem de trabalhar também as suas representações, construir e planear dispositivos e sequencias didáticas, que facilitem a aprendizagens dos alunos (Conceição e Sousa, 2012).

1.3.2 Perspetivas dos professores face a Inclusão

As sociedades, no século XXI, caracterizam-se pela mudança, pela complexidade e pela diversidade cultural. Por sua vez, a escola irá ser caracterizada como um espaço complexo, diversificado e em constante mudança (César, 2009; Perret-Clermont, 2004; in Santos e César, 2010).

Um dos maiores desafios que a escola e a comunidade educativa encontram é a capacidade de conseguir que todos os alunos obtenham sucesso no seu percurso escolar, independentemente das diferenças que possam existir entre os alunos (Silva, Ribeiro e Carvalho, 2013).

A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) refere que o direito à educação de qualidade é um direito de todos os alunos, independentemente das suas características, para além disso, refere ainda o direito do reconhecimento das diversas necessidades e ritmos de aprendizagem de cada aluno (Ainscow e César, 2006; in Santos e César, 2010). Ou seja, a escola tem de incluir todos os alunos, independentemente de os mesmos terem NEE, e tem de lhe proporcionar acesso uma educação de qualidade e gratuita.

Em Portugal, também é possível encontrar legislação que vai ao encontro da Declaração de Salamanca, como a "Lei de Bases do Sistema Educativo, o Decreto-Lei n.º35/90, de 25 de janeiro, que garante o acesso à educação e a sua gratuitidade aos alunos com NEE", e no Decreto-Lei n.º3/2008, de 7 de janeiro, que refirma a exigência de criação de medidas e de respostas adequadas nas escolas de ensino regular (Silva, Ribeiro e Carvalho, 2013, p. 54).

A educação inclusiva envolve e abrange toda a comunidade escolar, de modo a aceitar a diversidade e a diferenciação como desafio e uma celebração do direito a igualdade de oportunidades. Por sua vez, a educação inclusiva exige a escola grandes mudanças organizacionais e funcionais nos diversos níveis do sistema educativo obriga a transformações na articulação entre os diversos agentes educativos, impõem alterações na gestão de sala de aula, na gestão do currículo e no processo de ensino-aprendizagem (Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015).

Mas, para que se consiga construir uma escola inclusiva é preciso colmatar algumas lacunas que ainda existem no sistema educativo, só assim será possível construir-se uma escola inclusiva onde existia igualdade de oportunidades.

Alguns estudos realizados apontam diversos problemas/dificuldades existentes na construção de uma escola inclusiva, referindo alguns que as escolas ainda não se encontram preparadas para inclusão, apontando como principais problemas: a falta de formação dos professores na área da educação especial, o número elevado de alunos por turma, espaços inadequados, poucos recursos materiais, falta de financiamento, má gestão dos recursos humanos existentes e muita burocracia (Ferreira, Brandão e Santos, 2010; in Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015).

De todos os fatores apontados como os fatores fundamentais para a construção da escola inclusiva são: a falta de formação dos professores e o número elevado de alunos por turma.

A falta de formação dos professores é um fator importante, pois sem formação adequada os professores não conseguem colocar em práticas as estratégias inclusivas, logo não conseguem chegar a todos os seus alunos. Sant'Ana (2005) refere que muitos professores estão conscientes de que não se encontram preparados para a inclusão, pois não aprenderam as práticas educacionais essenciais para a promoção da inclusão em sala de aula e de que precisam de apoio especializado.

Mittler (2003; in Capellini e Rodrigues, 2009) defende que a inclusão deve ser um assunto a ser estudado e debatido na formação inicial do professor, dando assim a oportunidade ao professor de refletir sobre o seu papel, enquanto responsável pela aprendizagem de qualquer criança. Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) vão ao encontro do autor anterior, referindo que é "fundamental que todos os profissionais de educação estejam aptos para prestarem os apoios adequados, entendendo as problemáticas que os seus alunos apresentam, planificando e diferenciando o seu ensino." (p. 6) Os autores defendem ainda que a formação docente é primordial na inclusão, pois contribui para que o professor seja capaz de criar condições de aprendizagem adequadas para todos os alunos.

Segundo Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) os professores são o recurso mais importante no ensino. Pois, a conceção que o professor tem sobre inclusão pode determinar a sua ação no processo que envolve o aluno, determina não só as

expectativas, mas também a oferta de oportunidades oferecida aos alunos com NEE (Capellini e Rodrigues, 2009).

Silva (2004) diz que "a inclusão depende sobretudo da atitude com que se perspectiva e prospectiva uma escola para todos." Rodrigues (2006) apoia a ideia referindo que a promoção da inclusão esta dependente das atitudes, das vontades e da ética do professor.

As atitudes dos professores são um aspeto fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, uma vez que as mesmas são fundamentais para o sucesso de qualquer mudança educacional, principalmente na construção de uma escola inclusiva, ou seja, uma escola para todos os alunos. Uma escola inclusiva exige uma mudança de atitudes e de práticas, onde todos desenvolvam sentimentos de respeito, tolerância, amizade, valorização da diferença e cooperação, e onde todos tenham igualdade de oportunidades, mas para que isto aconteça é preciso existir uma mudança de atitudes e de práticas por parte da escola, da comunidade escolar e dos professores (Silva, Ribeiro e Carvalho, 2013).

Outro fator apontado como principal é o número elevado de alunos por turma, Rodrigues (2006; in Capellini e Rodrigues, 2009) refere que o número elevado de alunos por sala é um obstáculo para o desenvolvimento das práticas inclusivas, pois uma turma com menos alunos possibilita ao professor fazer um trabalho mais individual.

Podemos concluir, que o sucesso escolar dos alunos com NEE depende, em grande parte, das perceções que os professores têm em relação à escola Inclusiva, das atitudes que demonstram em relação a inclusão de alunos com NEE em sala de aula, das prática educativas que conseguem implementar em sala de aula e das condições estruturas existentes para a implementação de uma educação inclusiva (Silva, Ribeiro e Carvalho, 2013).

Podemos concluir que o processo de inclusão, no meio escolar, necessita ter em conta todos os conceitos e os aspetos que referimos anteriormente, de tempo e de recursos adequados, para que os resultados a obter sejam os mais positivos para as crianças envolvidas no processo.

No capítulo seguinte, que é referente a problematização e metodologia de investigação, iremos apresentar os procedimentos metodológicos que utilizamos para a elaboração e realização do estudo de investigação.

2. PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo encontra-se subdividido em cinco subcapítulos, sendo eles os seguintes: o primeiro é referente a problemática do estudo, as questões e os objetivos que orientaram o estudo de investigação; o segundo corresponde a abordagem e o *design* de estudo utilizados no decorrer do estudo; o terceiro é referente a caracterização dos participantes do estudo e a justificação da sua participação no estudo; o quarto corresponde ao instrumento de recolha de dados utilizado e os procedimentos realizados para a recolha de dados; e o quinto é referente ao tratamento e a análise de dados utilizada no estudo de investigação.

2.1 Problema, questões e objetivos de investigação

O presente estudo, insere-se na problemática das representações dos professores face à inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no primeiro ciclo do ensino básico.

A abordagem e o *design* metodológico utilizados requerem um aprofundamento e fundamentação inicial de suporte e estruturação do instrumento a utilizar em campo.

Uma vez que, temos a noção das dificuldades que existem nos processos de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no Sistema de Educação Português, pretendemos averiguar quais são as representações e as atitudes dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, como atores principais do processo de inclusão e apurar quais as práticas pedagógicas que utilizam para promover e facilitar a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais em sala de aula.

A inclusão é uma temática com grande amplitude na sociedade, assim, como a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas de ensino regular. Segundo Brandão, Ferreira e Santo (2010), "A escola inclusiva é vista como uma comunidade educativa, onde todos os alunos aprendem juntos, independentemente das suas caraterísticas desenvolvimentais, sendo responsável pelo sucesso e insucesso de cada aluno, com ou sem Necessidades Educativas Especiais." (p. 33-46) Sendo, assim, a escola inclusiva tem como finalidade a

participação de todos os alunos na educação, independentemente do seu desenvolvimento, acabando a mesma por ser responsável pelo sucesso ou insucesso de todos os alunos.

Sendo, assim, apontamos como questão geral de estudo:

-"Quais as representações/atitudes dos professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico perante a inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) em sala de aula?".

Pretendemos não só obter resposta à questão geral, mas também obter reposta a questões mais específicas sobre o tema a trabalhar, tais como:

-"Quais os desafios referidos pelos professores de 1.º ciclo face à inclusão de crianças com NEE em sala de aula?";

-"Quais as estratégias que os professores de 1.º ciclo implementam para facilitar o processo de inclusão?";

-"Quais os instrumentos de avaliação e critérios utilizados pelos professores de 1.º ciclo para promover e facilitar o processo de inclusão?";

-"Quais as vantagens e desvantagens da inclusão de crianças com NEE's em sala de aula?".

A questão geral de estudo aponta como objetivo geral de estudo, o seguinte:

-Identificar os conceitos e as representações dos professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a Inclusão e as Necessidades Educativas Especiais.

No sentido de dar resposta ao objetivo geral de investigação formulado, procedemos à construção de vários objetivos específicos, os quais passamos a indicar:

- Conhecer os desafios dos professores face à inclusão de crianças com NEE em sala de aula;
- Conhecer as estratégias utilizadas pelos professores de 1.º ciclo para facilitar o processo de inclusão;
- Conhecer os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão;
- Conhecer o tipo de articulação existente entre os diversos intervenientes do processo de inclusão;
- Conhecer e caracterizar a formação profissional dos professores de 1.º ciclo participantes no estudo;

- Esclarecer as vantagens e dificuldades da implementação de práticas inclusivas em sala de aula.

2.2 Abordagem e *design* de estudo

A escolha da abordagem de investigação fez-se em função do problema de investigação a estudar, como refere Pacheco (1995), a metodologia de investigação a utilizar deve ser escolhida tendo em conta a problemática a trabalhar no estudo de investigação. Sendo assim, o nosso estudo de investigação é de natureza qualitativa de base descritiva e interpretativa, que se baseia num paradigma construtivista. A razão pela qual escolhemos esta abordagem de investigação é porque a mesma nos facilita a compreensão dos processos, dos produtos e dos fenómenos da problemática a estudar.

Segundo Lessard-Hébert M., Goyette G. e Boutin G. (2012), nos últimos anos tem-se vindo a verificar um interesse maior sobre as metodologias qualitativas, a mesma tem atraídos cada vez mais estudiosos das ciências humanas. Por outro lado, a metodologia qualitativa tem vindo também a ser alvo de críticas, sobretudo devido a sua falta de objetividade e de rigor intelectual, sendo considera por muitos investigadores uma atividade "jornalística" ou uma metodologia de segunda categoria, devido a sua falta credibilidade científica. Mas estas críticas, segundo os autores anteriores, devem se também ao "desconhecimento das características reais e das exigências inerentes a esta atividade" por parte de muitos investigadores (p. 8).

A abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) tem como principal objetivo compreender de forma global as situações, as experiencias e os significados dos comportamentos, dos atos e das perceções dos sujeitos da investigação através da descrição, ou seja, os investigadores recolhem os dados em função do contacto que tem com os sujeitos, no seu contexto natural. Esta metodologia não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem utilizar instrumentos estatísticos na análise da dados, o seu foco de interesse é obter o máximo de dados descritivos possíveis sobre as pessoas, os lugares e os processos interativos. Segundo André (1995; in Teis, D.t. e Teis, M. A., 2006) a pesquisa qualitativa observa as situações e as experiências dos sujeitos no meio natural, daí denominar-se também pesquisa "naturalística". Por sua

vez esta metodologia irá permiti-nos descrever situações vivenciadas, dividir os dados em categorias e aprofundar o conhecimento sobre a realidade estudada.

Bogdan e Biklen (1994) referem ainda que a investigação qualitativa possui cinco características, mas que as mesmas nem sempre se encontram presentes nos estudos de investigação, que são: 1."… a fonte direta de dados é o ambiente natural…" (p. 47), ou seja, o investigador precisa de se deslocar ao contexto a estudar sempre que possível, pois o comportamento dos sujeitos é influenciado pelo contexto onde se encontram inseridos; 2. "…A investigação qualitativa é descritiva." (p. 48), ou seja, todos os dados que são recolhidos encontram-se em forma de textos ou imagens, nunca em números e gráficos; 3. "Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos." (p. 49), ou seja, o importante é o processo desenvolvido e como é que as expectativas se traduzem nas atividades e interações diárias; 4. "…Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva." (p. 50), ou seja, os dados recolhidos não são para confirmar hipóteses previamente construídas, invés disso vão sendo construídas ao longo do agrupamento dos dados; e 5. "…O significado é de importância vital…" (p. 50), ou seja, o importante do processo é o significado que cada sujeito atribuiu as situações e as experiências que vivenciou. No nosso estudo estão presentes algumas da características mencionadas pelos autores, mas iremos dar um papel privilegiado a análise de conteúdo, que por sua vez ajudar-nos-á na interpretação dos dados obtidos e na compreensão dos significados atribuiu pelos sujeitos as situações e experiencias.

Como referido anteriormente a nossa investigação é de natureza qualitativa de base descritiva e interpretativa. De base descritiva, pois no nosso estudo iremos descrever as situações e as experiencias vividas através de palavras, textos e imagens, neste caso as entrevistas que realizarmos serão transcritas na sua totalidade. De base interpretativa, pois o objetivo da análise será a ação, que engloba o comportamento do sujeito, os significados que lhes atribuir e os sujeitos que interagirem com ele. Logo o objeto de investigação é a ação do sujeito e não o comportamento do mesmo, pois "comportamentos idênticos de um ponto de vista físico podem corresponder a significados diferentes e mutantes de uma perspetiva social." (Erickson, 1986, p. 127; in Lessard-Hébert M., Goyette G. e Boutin G., 2012, p. 39)

2.3 Participantes

Neste estudo de investigação participaram 14 docentes do 1.º CEB, que se encontram todos a lecionar em salas de aula de ensino regular. Segundo Albarello et al. (2005) os estudos qualitativos caracterizam-se por terem um número reduzido de participantes, uma vez que a representação da amostra, no sentido estático, não é muito relevante para o estudo em si, o que vai determinar o valor da amostra será os objetivos do estudo e a sua adequação aos mesmos.

Os participantes do estudo foram selecionados por conveniência, ou seja, estabeleceram-se critérios segundo o estudo de investigação a realizar, sendo eles: ser professor do 1.º CEB, ser docente titular de turma, e manifestar interesse e disponibilidade para participar no estudo, através da gravação de uma entrevista.

Sendo assim, foram realizadas 14 entrevista, que foram identificadas pela letra P, seguida dos números de 1 a 14, tendo em conta a ordem das entrevistas feitas, acabando assim por garantir a confidencialidade dos entrevistados. Inicialmente, estava previsto realizar 20 entrevista, mas por motivos pessoas 6 dessas entrevistas acabaram por não serem realizadas.

Dos catorze participantes do estudo de investigação, doze são do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 30 anos e os 55 anos de idade. Todos os participantes possuem licenciatura em professor de 1.º CEB, dois possui Mestrado em Ensino do Inglês no 1.º CEB e no pré-escolar, um possui Mestrado em Ciências da Educação, um possui Mestrado em NEE e um possui um Doutoramento em Ciências da Educação: Formação e Supervisão de Professores.

Tabela 1. Caracterização pessoal dos participantes no estudo de investigação.

Entrevistado	Idade	Género
P1	40 anos	F
P2	39 anos	M
P3	37 anos	F
P4	39 anos	F
P5	40 anos	M
P6	30 anos	F
P7	37 anos	F
P8	37 anos	F
P9	55 anos	F
P10	44 anos	F
P11	38 anos	F
P12	39 anos	F
P13	50 anos	F
P14	30 anos	F

Tabela 2. Caraterização profissional dos participantes no estudo de investigação.

Entrevistado	Tempo de Serviço	Formação Academia	Categoria Profissional	Tipo de Escola
P1	13 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P2	17 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P3	15 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P4	17 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Coordenadora do 1.º Ciclo do EB	Privada
P5	13 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P6	7 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P7	10 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P8	13 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Privada
P9	31 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico	Docente titular de turma	Pública
P10	20 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico, variante de Educação Física.	Coordenadora do 1.º Ciclo do EB	Pública
P11	16 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico. • Mestrado em Ensino do Inglês no 1.º Ciclo. • Mestrado em Ciências da Educação.	Docente titular de turma	Pública
P12	10 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico.	Docente titular de turma	Pública
P13	26 anos	• Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico.	Docente titular de turma	Pública
P14	8 anos	• Licenciatura em professor de 1.º ciclo do ensino básico; • Mestrado em Ensino de Inglês ao pré-escolar e ao 1ºCEB; • Mestrado em NEE; • Doutoramento em Ciências da Educação: Formação e Supervisão de Professores.	Docente titular de turma	Pública

2.4 Instrumento de recolha de dados

Nas investigações qualitativas muitos autores consideram que existem três grandes grupos de técnicas de recolha de dados. Segundo De Bruyne et al (1975, citado por Lessard-Hébert M., Goyette G. e Boutin G., 2012) refere que existem três "modos" de recolher informações, sendo eles: o inquérito, tanto de forma oral, a entrevista, como na forma escrita, o questionário; a observação, que se divide em direta sistemática ou participante; e por fim a análise documental.

O nosso estudo de investigação a técnica de recolha de dados que optamos por utilizar, tendo em consideração os objetivos pretendidos com o estudo, foi o inquérito por entrevista, uma vez que esta técnica é a mais indicada para recolher opiniões, preferências e atitudes dos sujeitos e do seu contexto, que através de outra técnica de recolha de dados não seria possível obter.

Segundo Quivy (2005) a entrevista distingue-se dos restantes métodos de recolha de dados devido a aplicação de processos fundamentais de comunicação e de interação humana, possibilitando por sua vez extrair informação e elementos de reflexão dos sujeitos. Este refere ainda que a entrevista se caracteriza pelo "contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores…" (p. 192) Bogdan e Biklen (1994) referem também que a entrevista consiste numa conversa intencional, normalmente realizada entre dois sujeitos ou mais. Referem ainda que a entrevista é um procedimento que é utilizado para recolher dados "descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo." (p. 134)

Na investigação qualitativa segundo alguns autores existe pelo menos três tipos de entrevista que variam quanto ao grau de estruturação. No nosso estudo optamos por utilizar a entrevista semiestruturada, o que possibilita a existência de flexibilidade na trocar da ordem das questões presentes no guião de entrevista e facilita um discurso mais aberto e natural do entrevistado, ou seja, o investigador possuiu um guião de entrevista com questões abertas, as quais é fundamental obter uma resposta por parte do entrevistado, mas no entanto não é obrigatório seguir a ordem em que as anotou, logo o entrevistado fica mais a vontade para falar abertamente. A função do entrevistador passara a ser de encaminhar a entrevista para os objetivos

delineados, evitando com que o entrevistado não se afaste do tema a falar (Quivy, 2005).

Segundo Quivy (2005) existem três categorias de pessoas com quem é útil ter uma entrevista, que são: em primeiro lugar, os docentes, os investigadores e os peritos no domínio da investigação, ou seja, sujeitos que trabalham o tema e que estão diretamente relacionados com o tema a investigar; em segundo, as testemunhas privilegiadas, ou seja, sujeitos que tem um bom conhecimento sobre o tema; e em terceiro, os interlocutores uteis, ou seja, o público que constitui o tema da investigação, os que estão diretamente envolvidos. Já Bogdan e Biklen (1994) referem que as boas entrevistas são aquelas em que os sujeitos demonstram estar à vontade, que falam livremente sobre os seus pontos de vista e as suas opiniões e que enriquecem as entrevistas com exemplos de situações que vivenciaram.

Como em todos os trabalhos de investigação é preciso ter em conta alguns aspetos importantes, de modo a garantir o sucesso da aplicação do instrumento de recolha de dados, neste caso, da entrevista. Sendo assim, o investigador precisa de contactar previamente os intervenientes/participantes no estudo, de modo a garantir a sua disponibilidade, explicar-lhes sobre o estudo e sobre a natureza da entrevista, explicar-lhes os objetivos e os fundamentos do estudo, solicitar autorização para a gravação áudio da entrevista, garantindo a confidencialidade, solicitar um local para a realização a entrevista e por fim combinar o dia e a hora para a realização da entrevista (Carmo, 2008). Mais a frente será possível encontrar um tópico onde iremos falar sobre os procedimentos realizados e os cuidados tomados antes e depois da aplicação da entrevista.

2.4.1 Guião de Entrevista

Para a aplicação deste estudo de investigação elaboramos um guião de entrevista (anexo 1), tendo como base os objetivos proposto no estudo. Por sua vez, durante a elaboração do guião de entrevista teve-se em conta a construção das questões, a colocar durante a entrevista, de modo a que as mesmas servissem de fio condutor ao longo da mesma.

Neste sentido, o guião de entrevista utilizado para a realização das entrevistas encontra-se dividido em sete blocos, cada bloco contém um determinado número de questões, que por sua vez vão ao encontro de um ou mais objetivos de estudo.

Sendo assim, o bloco A diz respeito a legitimação da entrevista, neste bloco pretendesse explicitar os fundamentos e os objetivos da entrevista, garantir a confidencialidade do entrevistado e solicitar a autorização para o registo audiográfico da entrevista. O bloco B refere-se ao entrevistado, neste bloco tenciona-se obter algumas informações pessoais e profissionais dos entrevistados.

No bloco C pretende-se recolher informação sobre o papel do professor na atualidade e os desafios que o mesmo enfrenta diariamente. Já no bloco D tenciona-se conhecer quais as conceções dos entrevistados a cerca das NEE's e identificar as opiniões dos mesmos sobre o conceito de NEE's. No bloco E pretendesse recolher informação acerca das conceções dos entrevistados sobre inclusão, escola inclusiva e as suas vantagens e desvantagens.

O bloco F diz respeito as práticas de ensino aprendizagem e a equipa multidisciplinar, ou seja, neste bloco pretende-se recolher informação pertinente sobre as práticas pedagógicas dos professores (estratégias, recursos, instrumentos de avaliação, e organização e gestão de sala), sobre a equipa multidisciplinar e o seu funcionamento, e ainda, conhecer as conceções dos entrevistados acerca de diferenciação pedagógica.

No último bloco do guião de entrevista, o bloco G tem-se como objetivo recolher informação sobre a formação dos entrevistados ao nível das NEE's e compreender quais as necessidades de formação existentes na área das NEE's.

2.4.2 Procedimentos

O guião de entrevista elaborado foi aplicado em quatro escolas na região de Lisboa, sendo uma privada e três públicas, todas pertencentes ao mesmo argumento de Escolas. Para aplicação dos guiões de entrevista, inicialmente foi necessário marca uma reunião com a Direção de cada escola para apresentar e explicar o propósito do estudo a realizar e solicitar a autorização para a implementação das entrevistas, garantindo desde logo a confidencialidade dos participantes, assim como a da

informação recolhida na investigação. Posteriormente, foi necessário solicitar a autorização para a implementação do estudo através de um documento escrito (anexo 2), para salvaguardar a confidencialidade dos intervenientes.

Após a Direção de cada escola autorizar a implementação das entrevistas, questionou-se o grupo de docentes de cada escola, sobre o à vontade e a disponibilidade de cada um, de modo a compreender quais os docentes que se sentiam mais a vontade e que tinham disponibilidade para a realização da entrevista. A grande maioria dos docentes mostraram-se disponíveis para a participação no estudo, existindo algumas exceções.

As entrevistas foram marcadas com antecedência, existindo posteriormente alguns reajuste nas datas, as mesmas decorreram entre os dias 16 de maio e 14 de junho de 2017.

Para a realização das entrevistas tivemos o cuidado de solicitar a Direção de cada escola uma sala livre, ou seja, uma sala onde não estivesse a decorrer aulas, de forma a evitar interrupções e distrações.

Antes de iniciar cada uma das entrevistas agradeceu-se a disponibilidade e a colaboração do docente no estudo, apresentou-se e explicou-se os fundamentos e os objetivos do estudo e pediu-se autorização para a gravação áudio da entrevista, garantindo mais uma vez a confidencialidade das informações obtidas.

Optamos pelo recurso a gravação áudio, uma vez que este tipo de registo é um suporte de fiabilidade e permite ao investigador consultar os dados recolhidos sempre que se justifique (Flick, 2005) Este método por sua vez permite ao investigador recolher dados fidedignos dos sujeitos e dos contextos e por outro lado o investigador não corre o risco de corromper a informação dada pelos entrevistados. Bogdan e Biklen (1994) referem que as entrevistas devem ser gravadas quando as mesmas são muito extensas, pois a possibilidade do investigador se recordar de toda a entrevista é escassa, mesmo recorrendo a notas de campo, haverá sempre alguns pontos que são difíceis de recordar.

No total foram realizadas 14 entrevistas, com duração de cerca de 30 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas na íntegra, de modo reter toda a informação disponibilizada pelo entrevistado e para facilitar a posterior análise de conteúdo.

Uma vez tratar-se de uma entrevista semiestruturada, houve flexibilidade em trocar a ordem do guião de entrevista sempre que necessário, facilitando um discurso mais aberto e natural por parte do entrevistado (Quivy,2005).

No decorrer das entrevistas foi possível verificar que nem todos os docentes se encontravam à vontade com o tema abordado. Mas por outro lado, pode verificar-se algum agrado e envolvimento na entrevista por parte de alguns docentes, apesar do pouco à vontade que tinham com o gravador.

No final das entrevistas questionamos os docentes se tinham alguma questão a colocar e voltamos a agradecer a colaboração e a disponibilidade dos docentes em participarem no estudo.

2.5 Tratamento e análise de dados

O tratamento e análise de dados é um dos processos chave de uma investigação, uma vez que é a partir deste que o investigador obtém a informação pertinente e essencial para a sua investigação, assim como as respostas aos objetivos e hipóteses que formulou anteriormente.

O investigador por sua vez dispõe de diversos métodos de recolha de dados, tais como a entrevista, o inquérito, a observação, as notas de campo, os documentos, os artigos de jornal, entre outros, esta diversidade de instrumentos por sua vez leva a que o tratamento e análise de dados seja a dimensão mais complexa do processo, isto deve-se ao caráter aberto e flexível da metodologia qualitativa e a grande diversidade de perspetivas (Miles & Huberman, 1994; Tesch, 1987; Colar, 1998; in Aires, 2015).

Tendo em conta o instrumento utilizado na recolha de dados na investigação, a entrevista semiestruturada, e os objetivos delineados previamente, considerou-se que a técnica de análise de conteúdo seria a mais adequada a utilizar para a análise e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas.

Diversos autores tais como Berelson (1952; 1968); Bogdan e Biklen (1994), e Quivy (2005) referem que a análise de conteúdo é uma técnica que possibilita organizar a informação extraída das comunicações, ou seja, de entrevistas, de artigos de jornal, de atas de reunião, de declarações públicas, entre outros, de forma

sistemática e objetiva, que possibilita assim a compreensão e a interpretação dos dados recolhidos e facilita a apresentação dos resultados obtidos.

Também Bardin (2009) definiu a análise de conteúdo como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento mas de um leque de apetrechos … marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações." (p. 31) Bardin (2009) refere ainda que análise de conteúdo é um processo sistemático e objetivo na descrição do conteúdo das mensagens, de modo a obter os indicadores que irão permitir fazer inferências sobre os conhecimentos relativos e as condições de produção e receção das mensagens. Sendo assim, a técnica de análise de conteúdo trata e analisa a informação efetuando inferências sobre os conhecimentos presentes nas mesmas.

No que diz respeito à análise de conteúdo é possível encontrar diversos autores que falam sobre os procedimentos para a realização da análise de conteúdo. Por exemplo, Wolcott (citado por Vale, 2004) refere que existem três momentos fundamentais na análise de dados, que são a descrição – elaboração de textos através dos dados recolhidos dos documentos originais; a análise – organização dos dados obtidos e identificação dos aspetos e fatores essenciais; e a interpretação – identificação dos significados e conclusões através dos dados obtidos. Também Miles e Huberman (citado por Vale, 2004) apresentam um modelo de três fases, que são a redução dos dados – simplificar e organizar os dados obtidos; a apresentação dos dados – organização dos dados obtidos, para facilitar a interpretação dos dados; e as conclusões e verificação – extração dos significados e conclusões dos dados recolhidos.

Temos também alguns autores que referem que a realização da análise de conteúdo é dividida em mais procedimentos, é o caso de Carmo (2008) que aponta seis procedimentos existentes na análise de conteúdo que são: "definição dos objetivos e do quadro de referência teórico, constituição de um corpus, definição de categorias, definição de unidades de análise, quantificação e interpretação dos resultados obtidos." (Carmo, 2008, p. 271-272).

Podemos encontrar também outro tipo de análise de conteúdo, sendo este o mais indicado a utilizar no nosso estudo de investigação, a análise temática de Braun e Clarke (2006). A análise de temática é um método interpretativo da análise de dados, pois através da identificação, da análise e da descrição dos padrões/temas, irá permitir

apresentar e organizar os dados de forma sintética. A análise temática é flexível, podendo ser utilizada em diferentes posicionamentos, não requer requisitos de amostragem e adequa-se a diversos tipos de dados qualitativos (Ferreira, 2014). Por muito que a análise temática seja flexível e descomplicada, é preciso ter-se em atenção alguns critérios de qualidade.

Para a realização da análise temática começamos por transcrever detalhadamente os dados que obtivemos através das entrevistas, dando igual atenção a cada uma das entrevistas, durante o processo de transcrição. Depois da transcrição começamos a construir os temas, que nos possibilitaram responder as questões e aos objetivos que delineamos. Com os temas construídos, passamos ao "recorte" das entrevistas, ou seja, relemos as entrevistas e fomos retirando os excertos que correspondiam a cada tema.

No decorrer do agrupamento dos excertos por temas teve-se em atenção o bom equilíbrio entre a narrativa da análise e a ilustração dos temas, ou seja, os excertos retirados tem de ilustrar corretamente os temas construídos.

Depois o agrupamento dos excertos por temas começamos a trabalhar cada tema individualmente, ou seja, lemos o tema e cortamos as informações que estavam a mais, o que ajudou posteriormente a organizar a informação por categorias dentro do tema. Terminado a organização e a análise dos temas, pegamos na informação que obtivemos e prosseguimos para a apresentação dos resultados e para a discussão dos mesmos.

As entrevistas realizadas para o estudo de investigação foram gravadas na íntegra, posteriormente foram transcritas (anexos de 3 a 14), para facilitar a recolha dos dados presentes nas mesmas, o seu conteúdo foi transcrito na totalidade, ou seja, não se procedeu alterações, designadamente correções de erros, supressões ou repetições do discurso oral.

Posteriormente à análise de conteúdo é que foi possível prosseguir com o estudo de investigação.

Após apresentarmos os procedimentos metodológicos que utilizamos no decorrer do estudo de investigação, iremos apresentar no capítulo seguinte aos resultados que obtivemos a através da análise de conteúdo, referida anteriormente, das entrevistas realizadas no decorrer do estudo de investigação.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos apresentar os resultados que obtivemos a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, a mesma encontra-se em anexo para consulta (Anexo 17).

A apresentação dos resultados irá seguir a ordem das questões específicas do estudo, apresentadas no capítulo anterior. Sendo assim, iremos apresentar os resultados que obtivemos a cada questão específica, assim como a outras questões que foram colocadas nas entrevistas. No final faremos uma pequena síntese com as palavras-chave de cada questão.

Questão Específica 1: Quais os desafios referidos pelos professores de 1.º Ciclo face à inclusão de crianças com NEE em sala de aula?

Nesta questão podemos encontrar opiniões muito diversas. Um dos grandes desafios apontados pelos professores é conseguir chegar e ajudar as crianças com NEE, como indicam o P1 "O desafio é, lá esta, tentar ajudar estas crianças…", o P3 "…desafio é fazer com que a criança esteja a acompanhar… aquilo que tu estas a fazer, seja aquilo que a criança precisa realmente para crescer, para evoluir, para adquirir competências…" e o P12 "…temos de arranjar forma de chegar a eles… o meu maior desafio ao início foi pensar se conseguiria chegar a essa criança.".

Outro desafio apontado é a elevada carga horária, que por sua vez faz com que o professor não tenha tempo para apoiar individualmente as crianças com NEE, tal como indica o P1 "Acho que não tem a ver com o tempo que eu gasto com cada um deles, tem a ver com a nossa carga horária." e o P14 "o maior desafio é o tempo útil de trabalho com todos os alunos sem que ninguém fique excluído…".

Alguns professores apontam que o incentivo a essas crianças, para que as mesmas não desistam e que compreendam que precisam de se esforçar e dedicar para não ficarem para trás, é também um desafio grande. O P2 refere "a minha preocupação é essa, é não deixar que essas crianças fiquem para trás, nem que desistam. Não os deixar desistir é um desafio muito grande.", o P4 suporta a ideia dizendo "…o desafio do professor é agarrar nestes alunos e tentar incentiva-los a não desistir…", assim

como o P6 que refere "…perceberem que eles conseguem fazer todo aquilo que eles quiserem, desde que se dediquem e se esforcem ao máximo, sem desanimar.".

Outro desafio apontado é dar a compreender a todos os alunos que todos somos diferentes, ou seja, precisamos de nos respeitar mutuamente, para que ninguém fique a margem dos restantes, como indica P4 "o desafio … é dar a compreender aos mesmos que todos são diferentes." e o P9 "…cada criança é diferente e é preciso respeitar essa diferença.".

Para além, de os professores indicarem que é um desafio fazer com que todos se respeitem, indicam também que é um desafio conseguir colmatar as diferenças existentes dentro de sala de aula, com refere o P4 "o principal desafio do professor é colmatar essa diferença, fazer ver que não interessa que o trabalho que ela esta a fazer seja diferente, pois ela vai chegar ao mesmo patamar que os colegas.".

Os professores consideram que as exigências que lhes são pedidas, tais como a criação de planos de estudos, a construção de uma programa, entre outros, são também um desafio para a inclusão de crianças com NEE, como indica o P1 "…temos um conjunto de exigências que temos de cumpri, como por exemplo, cumpri um plano de estudos, cumprir um programa, entre outros, são exigências que todos os professores tem de cumprir, porque tem a ver com um programa nacional…".

É apontado como desafio fazer com que as crianças com NEE's estabeleçam uma relação positiva com os colegas, o que por vezes pode ser complicado, como refere o P6 "eles tem umas características muito próprias e não é fácil o relacionamento com os colegas… a dificuldade que eu acabo por ter é fazer com eles se relacionem bem com os colegas…".

Também é apontado com um desafio grande a falta de apoios/recursos, como indica o P1 "…esta falta de recursos por vezes é difícil…" e o P11 "Os maiores desafios que sinto? É mesmo a falta de apoio que tenho, porque não há dentro da sala de aula…".

Por último, a grande maioria dos professores indica que é sempre um desafio ter crianças com NEE em sala de aula, uma vez que é preciso experimentar diversas estratégias até encontrar uma que seja indica para cada aluno, pois todos eles são diferentes é por vezes uma estratégia que resulta com uns, não resulta com outros. O P9 diz "Os maiores desafios muitas vezes com criança deste tipo … é experimentar uma

estratégia e se resultar continuamos a aplicar, se não resultar se calhar é preciso voltar a estaca zero e arranjar outra estratégia diferente. Acho que é muito por tentativa e erro, pois cada criança é uma criança diferente."

Depois de termos apresentado os desafios apontados pelos professores, recolhemos as palavras que achamos ser as palavras-chave e construímos a seguinte figura, a figura 1., que servirá de síntese.

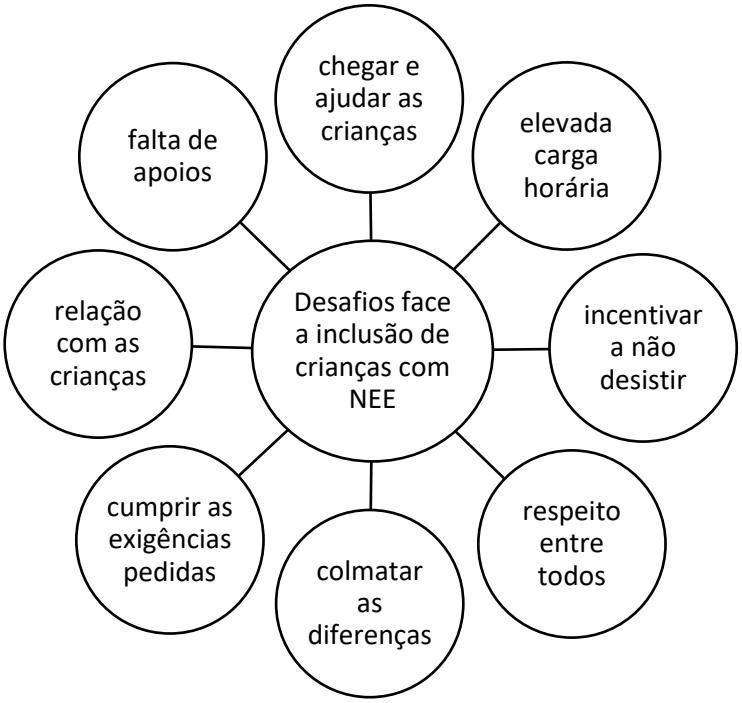

Figura 1. Os desafios sentidos pelos professores de 1.º ciclo face à inclusão de crianças com NEE.

Questão Específica 2: Quais as estratégias que os professores de 1.º ciclo implementam para facilitar o processo de inclusão?

Nesta questão são apontadas cinco estratégias, como as principais e mais utilizadas. A primeira estratégia apontada é a adaptação do trabalho, fichas, atividades, trabalhos de casa, tarefas, exercícios, etc., a realizar com as crianças com NEE, como indica o P2 "…adapto os trabalhos de casa, consoante as necessidades dos alunos…", o P3 "…precisamos de nos adaptar a criança e as suas necessidades…", o P4 "…fazia um trabalho adaptado…",o P7 "…acompanhar uns e outros, através de exercícios, ou seja, a mesma matéria, mas com exercícios diferentes, tendo em conta a necessidade específica daquela criança.", o P9 "Tem de ser um trabalho adaptado

especificamente a essa criança…", e o P11 "…fazendo um trabalho diferenciado caso seja preciso, trabalho adaptado as necessidades…".

A segunda estratégia apontada é as tutorias e os trabalhos de grupo, como refere o P5 "Utilizei muito as tutorias, usava trabalhos de grupo ou tutores, para se ajudaram entre si.", o P10 "…normalmente faço para todos os alunos da turma, muitos trabalhos de grupo…", e o P11 "…crio grupos de trabalho … Utilizo muito o trabalho de grupo e a pares e tento aproximar-me mais dessas crianças, fazendo um trabalho diferenciado caso seja preciso…".

A terceira estratégia apontada é a utilização de jogos didáticos, como indica o P10 "…utilizava muito o quadro interativo e os jogos didáticos, o que incentivo muito o aluno…", o P11 "…jogos didáticos por vezes.", e o P13 "…através de jogos de conhecimentos mútuos, de modo a motivar os alunos…".

A quarta estratégia apontada é a utilização do PEI, ou seja, seguem as medidas e as estratégias que estão presentes no protocolo, como refere o P2 "…seguir um bocadinho o protocolo…", o P8 "…está descrito no PEI, é mais a nível da avaliação…", e o P9 "…elaborar o PEI, que é o plano educativo individual e depois tentar realizar as atividades propostas nesse PEI…".

A quinta e última estratégia apontada é o apoio individual, tal como indica o P6 "…falar com eles mais diretamente, tenta apoiá-los individualmente, vou tentando fazer isto no dia-a-dia, explicar os exercícios…", e o P11 "…Para além do apoio mais individualizado, que tento dar…".

Estas são as estratégias mais apontadas pelos professores. Mas os professores apontam outras estratégias, tais como: pesquisa de informação e de ajuda, linguagem acessível e clara, tom de voz acessível, utilização de recursos visuais, utilização de materiais concretos, organização diferente dos testes, utilização de meios tecnológicos, favorecimento do crescimento pessoal, esquematização de conceitos e apontamentos no quadro e a exploração sensorial de materiais.

Na figura seguinte, a figura 2., encontra-se uma síntese das estratégias utilizadas pelos professores para facilitarem o processo de inclusão de crianças com NEE.

Figura 2. Estratégias utilizadas pelos professores de 1.º ciclo para facilitarem o processo de inclusão.

Questão Específica 3: Quais os instrumentos de avaliação e critérios utilizados pelos professores de 1.º ciclo para promover e facilitar o processo de inclusão?

Nesta questão são apontados cinco instrumentos e critérios de avaliações, como os mais utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão de crianças com NEE.

O primeiro instrumento apontado é a adaptação dos testes, como refere o P1 "…tenho os testes… que são diferentes…", o P3 "…Temos de fazer adaptações nos testes, nas fichas…", o P4 "Adaptei fichas de avaliação… foi adaptando sempre as necessidades dos alunos…", o P6 "…os testes acabo por adaptar…", o P9 "…podendo ter fichas adaptadas, trabalhos e atividades específicas para determinada criança e problemática…", o P11 "…utilizo fichas adaptadas…", o P12 "…Faço adaptações das provas, caso seja preciso…", e o P13 "Utilizo fichas de trabalho e de avaliação adaptadas a NEE da criança.".

O segundo instrumento apontado é a avaliação contínua, como indica o P2 "…tento fazer uma avaliação mais contínua, avalio o trabalho que fazem em aula e os trabalhos de casa.", o P3 "faço uma avaliação mais contínua e sistemática, não avaliando apenas os testes, mas fazendo minifichas, os trabalhos de casa, os trabalhos de grupo, isso acaba por ter um peso…", o P4 "O processo de avaliação é mais contínuo…", o P6 "…pego também nas fichas do dia-a-dia e vou avaliando, de forma a

ter mais elementos de avaliação…", e o P10 "…a avaliação é contínua e não precisa de um teste para comprovar a evolução e a aprendizagem do aluno.".

O terceiro instrumento apontado é a utilização das medidas e estratégias presentes no PEI, tal como diz o P1 "…tendo em conta as medidas e as estratégias que são implementadas… no PEI…", o P9 "…PEI… nestes documentos nos estipulamos o tipo de avaliação e depois seguimos as orientações dos mesmos…", e o P11 "utilizei o PEI, onde tinha as estratégias e os objetivos específicos para a criança…".

O quarto instrumento apontado é a leitura e a descodificação dos enunciados, como refere o P1 "…beneficiação sempre da leitura dos enunciados e da descodificação …", o P3 "Temos crianças que saem da sala para ir fazer os testes, pois precisam que alguém que lhes descodifique o enunciado…", e o P12 "A leitura da prova é muito importante...".

O quinto e último instrumento apontado é a formatação e a organização dos testes, como refere o P2 "…modifico o tamanho da letra, coloco informação a negrito, o espaçamento entre exercícios... mas tirando isso a criança esta a fazer o mesmo que os outros…", o P7 "…temos a despenalização dos erros, temos atenção no espaçamento das perguntas e do tipo de respostas…", e o P14 "…os testes são iguais ao restante grupo, mas com perguntas mais diretas, de resposta curta…"

Estas são os cinco instrumentos e critérios mais apontados pelos professores, mas temos também outros: acompanhamento nos testes, utilização de materiais informáticos e didáticos na realização dos testes, utilização de trabalhos de grupo e avaliação da participação oral.

Na figura seguinte, figura 3., temos uma síntese do que se falou em cima.

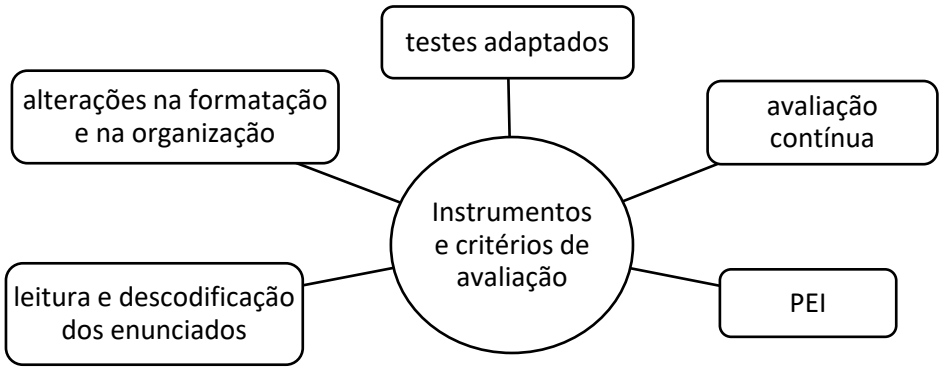

Figura 3. Instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão.

Questão Específica 4: Quais as vantagens e desvantagens da inclusão de crianças com NEE's em sala de aula?

Nesta questão as opiniões dos professores encontram-se muito divididas.

A grande maioria dos professores diz que as vantagens e desvantagens existentes irão depender da problemática que a criança tenha, ou seja, para cada problemática existirão vantagens e desvantagens diferentes. Por outro lado, temos professores que referem que as vantagens e desvantagens irão depender da capacidade que a escola terá para responder ou não as necessidades das crianças com NEE. Temos também professores que dizem que as vantagens e desvantagens irão depender da existência ou não de apoios especializados para as crianças com NEE. Por fim, temos professores que referem que as vantagens e desvantagens irão depender da formação e da preparação que os professores tenham para acolher as crianças com NEE.

Passando agora a falar das vantagens, a grande maioria dos professores refere que uma grande vantagem da inclusão de crianças com NEE é a socialização, ou seja, a relação social que podem construir os outros. Tal como refere o P1 "…vantagem é sempre na relação social, na socialização com as outras crianças…", o P4 "…o relacionamento com os outros é importante…", o P8 "…da socialização, não só para a criança como também para os outros que vão estar em interação com ela…", o P9 "…se vive em sociedade também tem de estar inserido numa sala de aula e conviver com as outras crianças ditas normais…" e o P14 "…vantagem é a socialização/interação com os seus pares…".

Outra grande vantagem referida pelos professores é o crescimento pessoal e humanos de todos os alunos, como menciona o P2 "…a grande vantagem será sempre o crescimento pessoal e humano…", o P3 "…uma aprendizagem muito grande, tanto para a criança como para o resto da turma…", o P6 "…a grande vantagem é o enriquecer da sala de aula…", o P9 "…isso faz parte do crescimento deles e depois para a vida futura…" e o P11 "…uma vantagem muito grande é que faz-nos crescer como pessoas…".

Os professores referem ainda que uma grande vantagem é o incutir de valores positivos, como respeito e ajuda, tal como refere o P6 "…conhecer outra realidade,

levando-os perceber e saber aceitar que nem todos são iguais… respeitar o outro é muito importante…", o P11 "…faz bem as outras crianças que aprendem a trabalhar com a diferença e a estar com a diferença, perceber que nós somos todos iguais. Há uma serie de valores que são incutidos nas crianças, o respeito, a ajuda, entre outros, que os fazem crescer também." e o P13 "…aprendem a respeitar a diferença e aprendem a ajudar-se mutuamente…".

Os professores que existem muitas mais vantagens, tais como: o desenvolvimento do espirito socialmente correto, a hipótese de trabalhar a heterogeneidade e a possibilidade de estarem inseridos na comunidade, na sociedade.

Na figura seguinte, a figura 4.,encontra-se uma síntese das vantagens da inclusão de crianças com NEE.

Figura 4. Vantagens da inclusão de crianças com NEE em sala de aula.

Falando agora das desvantagens, os professores dizem que a maior desvantagem é a quantidade de trabalho, que por sua vez dificulta a gestão do trabalho e do tempo, como refere P2 "…uma desvantagem, porque gerir isso é difícil…", o P5 "…tem a ver com as planificações e com todo o que eu disse sobe o papel do professor. Cada vez temos menos tempo para planificar, é muito complicado, é uma grande desvantagem…", o P6 "…O excesso de trabalho e de documentos e de relatórios levam a que seja difícil acompanhar a criança com mais tempo e com qualidade…" e o P8

"…devido aos currículos de hoje em dia e ao trabalho que é pedido aos professores… as crianças acabam por ficar um pouco a parte, logo não é feito o trabalho devido…".

Os professores referem que outra desvantagem é as turmas muito grande, que dificultam por vezes a possibilidade do trabalho individual, tal como refere P9 "quando é inserido em turmas grandes, para mim é a maior desvantagem, pois não há possibilidade e tempo para lhe dar a atenção que eles precisam." e o P11 "quando a turma é muito extensa e o professor sozinho acaba por não conseguir chegar a ela."

Outra desvantagem referida pelos professores é a falta de recursos humanos e materiais, com refere o P1 "…o fato de não existir uma pessoa sempre ao pé deste aluno vai dificultando outras coisas…", o P8 "…falta recursos humanos e materiais" e o P11 "…a verdade é que o professor da educação especial as vezes não chega para tantos casos que nos temos na escola…".

Podemos dizer que as desvantagens referidas pelos professores se encontrar todas relacionadas, uma vez que as mesmas vão ao encontro de uma grande desvantagem a falta de tempo para acompanhar as crianças com NEE.

Na figura seguinte, a figura 5.,encontra-se uma síntese das desvantagens da inclusão de crianças com NEE.

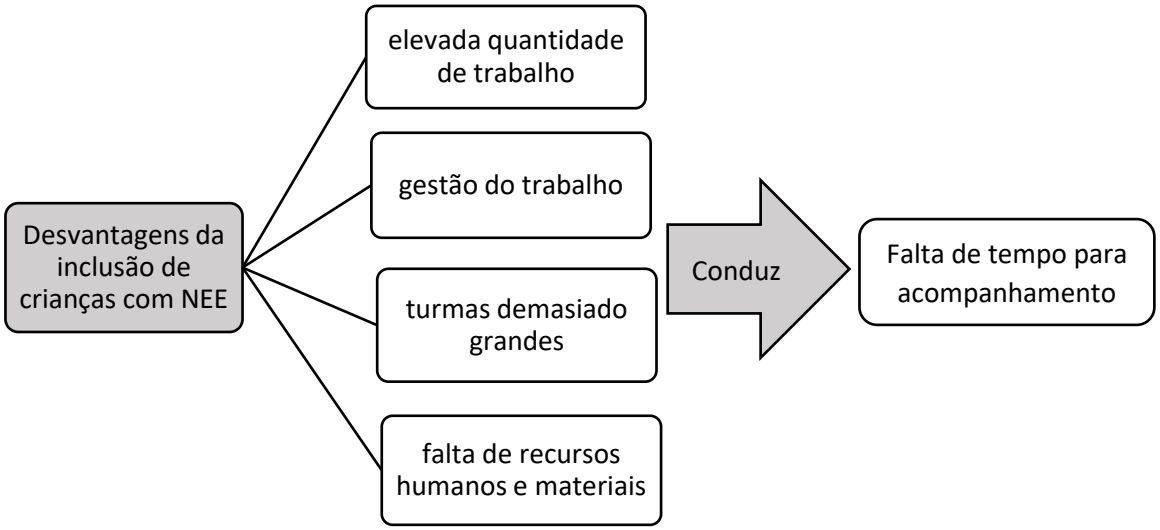

Figura 5. Desvantagens da inclusão de crianças com NEE em sala de aula.

Depois de apresentarmos os resultados obtidos as questões específicas do estudo de investigação, iremos falar também de algumas questões que se encontram no guião, neste caso aquelas que se evidenciam mais ou que surpreenderam quanto aos resultados obtidos.

Começamos com as questões relacionadas com o papel do professor, uma das quais sobre como é encarado o papel do professor pela sociedade. Nesta questão precisamos dar um enfoque especial, uma vez que a grande maioria dos professores refere que a sua profissão se encontra muito desvalorizada aos olhos da sociedade.

Temos também quatro questões sobre os conceitos de inclusão, NEE, diferenciação pedagógica e equipa multidisciplinar. Nestas questões podemos ver que a grande maioria dos professores tem um bom conhecimento relativo aos conceitos de inclusão e NEE, mas em relação aos conceitos de diferenciação pedagógica e equipa multidisciplinar, ainda tem alguma dificuldade em defini-los.

O nosso guião tinha muitas mais questões, mas iremos falar de cada uma no próximo capítulo, onde iremos confortar os resultados com as opiniões dos autores.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos confrontar os resultados que obtivemos a partir da análise de conteúdo, com as ideias dos autores de referência que utilizamos e iremos também retomar aos objetivos definidos para o estudo de investigação, de modo a compreender se conseguimos alcança-los, como era pretendido.

4.1. Conceções sobre o papel do professor

No que diz respeito ao papel do professor, os participantes consideram que ser professor é: transmitir e partilhar conhecimentos, dar formação cívica, ajudar a crescer, orientar, esclarecer dúvidas, motivar e potencializar as capacidades de cada aluno.

Estes aspetos referidos vão ao encontro do que é referido por Conceição e Sousa (2012), que dizem que o papel do professor atualmente não é apenas ensinar, vai muito mais além disso, pois foi-lhe atribuído novas responsabilidades, tarefas e funções. Perrenoud (2001) suporta a ideia, dizendo que as mudanças ocorridas na sociedade levaram a que fosse exigido ao professor novos saberes e competências.

Relativamente, à forma como o papel do professor é encarado pela sociedade, todos os participantes consideram que a sua profissão se encontra muito desvalorizada, sendo por vezes encarada como "algo descartável" ou como "mero prestador de serviços". Os principais fatores apontados pelos participantes para essa desvalorização são: as exigências dos pais, a preocupação cada vez menor pela escola, a falta de valores em casa e transportar das funções dos pais para a escola, ficando o professor com a responsabilidade de educar e ensinar.

Sanches (2001) refere que o problema de hoje em dia é termos muitos alunos e pais desmotivados, termos alunos e pais muito mais exigentes em relação ao papel do professor e às suas funções na escola, e termos uma sociedade que exige cada vez mais da escola.

Quanto aos desafios diários sentidos enquanto professor, os participantes destacam os seguintes desafios: o incutir do respeito pelo outro, o captar da atenção,

o motivar para as aprendizagens, o conseguir chegar de igual forma a todos os alunos, a falta de recursos e o número elevado de alunos por turma.

Segundo Cunha (2015) ser professor atualmente implica lidar com os problemas sociais que se vão surgindo na comunidade/sociedade e encontrar resposta aos mesmos, como é o caso da inclusão. Tendo em conta isto, a sociedade acaba por exigir a escola que desempenhe novas tarefas na socialização das crianças, dos adolescentes e dos jovens, promovendo o desenvolvimento individual, pessoal e académico.

Coelho (2012) refere que professor deve de estar preparado não só para os novos desafios que vai enfrentam, mas também com as questões relacionadas com a função docente, os conceitos de ensino e as novas metodologias/abordagens de aprendizagem, de modo a acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade e na comunidade escolar.

4.2. Conceções sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE)

No que diz respeito ao conceito de necessidades educativas especiais, os participantes demonstram ter alguns conhecimentos sobre o conceito, referindo que existem vários tipos de necessidades educativas especiais e que para cada uma existe diferentes tipos de atuações. Como referimos anteriormente as NEE podem ser permanentes ou temporárias e fazem com que as crianças tenham algumas dificuldades em aceder ao currículo normal, como referem alguns participantes pode afetar o "progresso chamado normal". De modo, a colmatar estas dificuldades, os participantes referem também que estas crianças necessitam de recursos, materiais, programas e pessoas adequadas que os ajudem, trabalhem e acompanhem, para que consigam ultrapassar as dificuldades da melhor forma.

Como refere Sanches (1996), ter NEE é necessitar de "um complemento educativo adicional e/ou diferente", que vá ao encontro das necessidades apresentadas pelos alunos, objetivo principal deste complemento é a promoção do desenvolvimento e da educação do alunos a todos os níveis.

Quanto ao processo de identificação de alunos com NEE, o mesmo é considerado por muitos profissionais um processo difícil e por vezes complexo.

Simeonsson (1994; citado por Madureira e Leite, 2003) refere ser necessário distinguir os problemas de baixa frequência e alta intensidade e os problemas de alta frequência e baixa intensidade. Segundo o autor (citado por Madureira, 2005), os problemas de baixa frequência e alta intensidade decorrerem de fatores biológicos, inatos ou congénitos e/ou ambientais, que por sua vez interferem com o processo de aprendizagem. Crianças com este tipo de problemas quando inicia a escolaridade já ai sinalizada devidamente. Já os problemas de alta frequência e de baixa intensidade manifestam-se perante os conhecimentos e as competências exigidas pelo currículo, ou seja, manifestam-se já na escola, sendo a sua identificação feita pelo professor ou educador.

Madureira (2004) refere ainda que a identificação das NEE é a primeira indicação "de que poderá existir algum problema significativo no desenvolvimento e/ou na aprendizagem" da criança. Por sua vez a escola, terá de disponibilizar os mecanismos de avaliação e posteriormente os recursos e os materiais necessários para a elaboração e concretização dos planos de intervenção.

Esta identificação e posterior avaliação são fundamentais para a vida da criança, por isso devem ser abrangente, compreensiva e fundamentada (Bailey, 1998; citado por Madureira, 2005).

No que diz respeito ao diagnóstico das NEE's, podemos concluir que as opiniões dos participantes são muito diversas. A grande maioria refere que o diagnóstico irá depender da problemática apresentada pelo aluno, que por sua vez irá influenciar a atuação. Muitos consideram também que depende dos locais onde os relatórios de avaliação são realizados, ou dos pais e da aceitação, ou dos valores que são transmitidos as crianças.

Com isto podemos concluir, que não existe uma opinião concreta sobre o assunto, mas a única coisa que podemos ter a certeza é que a escola cada vez mais acolhe uma grande diversidade de alunos, todos eles diferentes, com culturas, religiões, etnias, línguas, vivencias e experiencias diferentes. Por sua vez a escola não pode apenas considerar os alunos com NEE, apenas aqueles que possuem deficiências, mas também todos aqueles que mostrar mau comportamento e desinteresse pela escola, como indica Sanches (2001).

4.3. Conceções sobre Inclusão

Tendo em conta que a temática central do no estudo de investigação é inclusão, achamos pertinente conhecer as opiniões dos participantes sobre o tema.

Quanto ao conceito de inclusão os participantes demonstraram ter um bom conhecimento sobre o mesmo, referindo que inclusão é estar inserido numa escola regular e numa sala de aula regular, onde as crianças com e sem NEE tem oportunidade de interagir, de participarem todas ativamente nas rotinas e nas dinâmicas da sala de aula e de escola, e onde todos tem as mesmas experiencias e oportunidades, sem distinções.

Isto vai ao encontro do que é referido por González (2010), a inclusão é uma melhoria na qualidade de vida, tendo a educação um papel importante, pois a mesma tem de oferecer melhorias educativas e recursos, de modo a promover a inclusão escolar de todas as crianças. Assim como Declaração de Salamanca (1994) que defende que todas as crianças independentemente das origens e dos problemas têm direito a frequentar escolas regulares e as salas de aula regulares.

Relativamente, a inclusão de alunos com NEE em salas de aula, os participantes tem uma opinião muito favorável, pois consideram que existem mais vantagens, tanto para as crianças com NEE com as crianças ditas normais, mas isto irá depender também da problemática apresentada pela criança. Ou seja, os participantes consideram que crianças com problemáticas severas, como paralisia cerebral, entre outras, não beneficiam da inclusão, pois vão estar sujeitas a muita pressão e stress.

Os participantes consideram que as principais vantagens da inclusão de crianças com NEE são: a socialização, o crescimento pessoal e humano, o incutir de valores positivos, o desenvolvimento do espirito social, o trabalhar a diferença e o estar inserido numa comunidade. Todos os participantes referem que de entre todos os benefícios referidos a socialização é o principal beneficio no processo de inclusão de crianças com NEE, ou seja, as relações que as crianças estabelecem entre os seus pares ajuda no processo de aprendizagem.

Vandercook et l (1988; citado por Karagiannis, Stainback e Stainbck, s.d) referem que “todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender umas com as outras, desenvolvem-se para cuidar uma das outras e conquistam as

atitudes, as habilidades e os valores necessários para que as nossas comunidades apoiem a inclusão de todos os cidadãos.

Johnson&Jonhson (1987), Madden & Slavin (1983) e Cullinam, Sabornir & Crossland (1992), citados por Karagiannis, Stainback e Stainbck (s.d), referem com a socialização com seus colegas durante os anos escolares é um enorme benefício, pois as crianças têm a oportunidade de adquirir habilidades académicas, habilidades da vida diária, de comunicação e sociais.

Karagiannis, Stainback e Stainbck (s.d), dizem também que quando a integração e a comunicação são facilitadas, as mesmas ajudam no desenvolvimento de amizades e de trabalhos com os colegas. Com isto, os alunos aprendem a serem sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer com as diferenças dos outros.

Os mesmos autores referem ainda que quanto mais tempo os alunos com NEE estiverem inseridos em ambientes inclusivos, melhor será o seu desempenho educacional e social.

Os participantes referem que também existem algumas desvantagens na inclusão de crianças com NEE, tais como: turmas demasiado grandes, gestão do trabalho, a subcarga de trabalho e falta de recursos materiais e humanos. Estas desvantagens, por sua vez, conduzem a uma desvantagem ainda maior, a falta de tempo para o acompanhamento individual das crianças com NEE.

Sanches e Teodoro (2007; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015) vão ao encontro do que foi referido pelos participantes, referindo que ainda existem obstáculos à educação inclusiva, destacando a falta de formação ou formação adequada dos professores, a falta de recursos humanos e materiais, os espaços de intervenção inadequados e as politicas desajustadas.

Coelho (2012) vai ao encontro dos autores anteriores, dizendo que apesar dos esforços realizados até agora ainda existem barreias à inclusão de crianças com NEE em salas de aula regular, tais como carência de recursos humanos e materiais.

Relativamente as vantagens e desvantagens da escola inclusiva, os participantes apesar de encontrarem vantagens e desvantagens, consideram que existem mais vantagens do que desvantagens. Os participantes referem ainda que as vantagens e desvantagens da escola inclusiva vão ao encontro das referidas para a inclusão de crianças com NEE em sala de aula regular, dizendo que a inclusão em sala

de aula só é possível se a escola onde se encontram inseridos for uma escola inclusiva e que disponha de todos os recursos necessários ao processo de inclusão.

Quanto as condições de sala de aula do 1.º Ciclo para a inclusão de crianças com NEE, os participantes referem que as salas de aula para receber crianças com NEE precisam, essencialmente, das seguintes condições: meios informáticos, recursos humanos e materiais adequados, apoio adequado, salas de aula mais espaçosas e redução de turmas.

A redução de turma é um aspeto que grande parte dos participantes aponta como sendo uma grande entrave a inclusão de crianças com NEE, pois dificulta o trabalho que o professor tem de fazer individualmente com a criança com NEE, por vezes esse trabalho não ocorre devido a falta de tempo e ao currículo extenso a cumprir.

Isto vai ao encontro do que defende Rodrigues (2006; in Capellini e Rodrigues, 2009), que o número elevado de alunos por sala é um obstáculo para o desenvolvimento das práticas inclusivas, pois uma turma com menos alunos possibilita ao professor fazer um trabalho mais individual.

Depois da análise das entrevistas realizadas, podemos verificar que ainda existe falta de condições para receber estas crianças em salas de aula de 1.º ciclo. Sendo referidas como principais condições em falta: os recursos humanos para acompanhamento destas crianças, a falta de espaços adequados, falta de recursos materiais e as turmas demasiado grandes.

Segundo Correia (2003) a escola inclusiva só tem sucesso se as barreiras físicas, humanas e materiais forem ultrapassadas, só assim será possível construir uma escola verdadeiramente inclusiva.

Sanches (2001) refere que a escola "enquanto contexto de aprendizagem, tem de criar condições e disponibilizar os recursos necessários para que cada um dos espaços em que decorrem as aprendizagens sejam espaços estimulantes dessas mesmas aprendizagens." (p. 90)

Com este tópico, a inclusão, conseguimos dar resposta ao seguinte objetivo específico: "Esclarecer as vantagens e dificuldades da implementação de práticas inclusivas em sala de aula." Podendo concluir, que a inclusão de crianças com NEE em sala de aula regular e na escola regular, irá depender sempre da escola, sendo ela uma

escola inclusiva, e da capacidade que a mesma tem para responder as necessidades apresentadas pelas crianças e das condições que consegue ter para facilitar o processo de inclusão.

4.4. Práticas de Ensino Aprendizagem e Equipa Multidisciplinar

No que diz respeito ao tipo de estratégias e práticas utilizadas para dar resposta a diversidade de alunos e para facilitar o processo de inclusão, a grande maioria dos entrevistados referem que utilizam essencialmente: a adaptação de trabalhos e fichas, tutorias, trabalhos de grupo, jogos didáticos, apoio individual e o protocolo delineado.

Por sua vez o tipo de estratégias e práticas utilizadas vão ao encontro dos recursos utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão, sendo utilizados os seguintes recursos: recursos informáticos (plataformas e jogos informáticos), materiais didáticos, fichas e trabalhos adaptados, trabalhos de grupo e tutorias. Digamos que para implementar as estratégias e práticas referidas pelos entrevistados é preciso recursos que possibilitem essa implementação.

Segundo Dyson, Howes e Robertes (2002; citados por Morgado, 2009), o desenvolvimento e o sucesso dos programas de educação de qualidade dependem da capacidade dos professores em conseguirem operacionalizar os processos de diferenciação pedagógica no trabalho a desenvolver em sala de aula. Visser (1993; citado por Niza, 1996; citado por Morgado, 2009), diferenciação é o processo pelo qual os professores selecionam os métodos de ensino e as estratégias a utilizar no processo de aprendizagem, de modo a fazer progredir a criança num currículo e num grupo.

Leite (2005) refere ainda que independentemente da metodologia utilizada em aula, para qualquer adaptação a realizar, seja a nível do currículo ou do trabalho a realizar em sala, é preciso ter em conta as potencialidades dos alunos.

Segundo Silva (2004; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015), afirma que a escola inclusiva deve aceitar e respeitar a diferenças e que todos os recursos disponibilizados devem de ser utilizados cooperativamente, de modo a satisfazer as necessidades educacionais dos alunos. Para além disso, deve de fornecer aos alunos e aos professores todos os apoio e recursos, de forma a promover o desenvolvimento pessoal e escolar de todos.

Os participantes referem também que a utilização destas de estratégias, práticas e recursos, trazem benefícios para a criança, como a motivação, a construção de uma relação positiva entre pares e, fundamentalmente, atingir todos os objetivos delineados no protocolo das crianças com NEE's.

Quanto o tipo de instrumentos e os critérios de avaliação utilizados para adequar o processo de avaliação dos alunos com NEE'S, os participantes dizem utilizar, essencialmente, os seguintes: testes adaptados, avaliação continua, alterações na formatação e na organização dos enunciados, e leitura e descodificação dos enunciados.

Como refere Leite (2005) as modificações das avaliações das aprendizagens são quatro: nos instrumentos de avaliação, nas modalidades de avaliação, no tempo de duração da avaliação e modificações em simultâneo em todos os aspetos referidos. Neste sentido as propostas de avaliação e critérios dos entrevistos vão ao encontro do que é referido pela autora.

Desta forma, conseguimos dar resposta a dois objetivos específicos: "conhecer as estratégias utilizadas pelos professores de 1.º ciclo para facilitar o processo de inclusão" e "Conhecer os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores para facilitar o processo de inclusão". Concluímos que a intervenção a realizar seja com qualquer aluno ou turma, deve de partir do conhecimento dos interesses e dos saberes, das dificuldades e das causas das mesmas, e das expectativas dos alunos (Sanches, 1996).

No que diz respeito aos desafios que os professores sentem face a inclusão de alunos com NEE's, os principais desafios sentidos pelos entrevistados são: conseguir chegar e ajudar as crianças com NEE's, a elevada carga horária, o incentivo a não desistir, o respeito entre pares, o colmatar das diferenças, o cumprir das exigências pedidas, o estabelecer de uma relação com as crianças e a falta de apoios.

Segundo Cortesão (2004) e Roldão (2003; citados por Coelho, 2012), o professor deve estar comprometido com os princípios da educação inclusiva e ciente do seu papel como profissional, preparado para os novos desafios do saber pedagógico, que lhe vão permitir conceber dispositivos de diferenciação pedagógica inerentes à educação inclusiva, pressupondo a existência de escolas abertas, onde todos aprendem juntos, independentemente, de quaisquer que sejam as dificuldades,

porque o processo de aprendizagem deve centra-se na diferenciação curricular inclusiva, construída em função dos contextos dos alunos.

Neste sentido, conseguimos responder a seguinte objetivo: “conhecer os desafios dos professores face à inclusão de crianças com NEE em sala de aula”.

Relativamente ao conceito de diferenciação pedagógica, os participantes revelam ter alguma dificuldade em defini-lo. A grande maioria refere que diferenciação pedagógica é adaptar a ação do professor consoante as necessidades que os alunos apresentam em sala de aula e em relação ao currículo.

Ferreira (2017) refere que diferenciação pedagógica é um conjunto de teorias e práticas comuns que reconhecem que os alunos são todos diferentes, logo o processo de aprendizagem precisa de ser adaptado a cada um dos alunos, tendo em conta as necessidades cognitivas, afetivas e psicomotoras dos alunos. O autor refere ainda que a diferenciação pedagógica deve de gerar igualdade de oportunidades educativas, logo o processo de aprendizagem tem de ser adaptado consoante a diversidade de alunos.

Segundo Rodrigues (2006; citado por Ferreira, 2017), a diferenciação pedagógica consiste em adaptar estratégias, conteúdos e avaliações consoante as características e as necessidades do aluno, mas tendo em conta o currículo Nacional em vigor.

Quanto ao conceito de equipa multidisciplinar, os entrevistados apresentam alguma dificuldade em definir o conceito. Por outro lado, possuem algum conhecimento sobre a composição e sobre o tipo de trabalho que a mesma deve desenvolve, referindo que são equipas compostas por técnicos de várias áreas e que o seu grande objetivo é a evolução pessoal e escolar positiva de cada criança, logo a mesma precisa de traçar um plano de intervenção e trabalhar em conjunto, para alcançar o bem-estar da criança.

Segundo Madureira e Leite (2003) uma equipa multidisciplinar que seja composta por técnicos das diversas áreas, saúde, segurança social e educação, é fundamental, pois a colaboração entre todos faz com que a avaliação das NEE seja o mais completa possível e que as respostas as mesmas sejam o mais eficaz possível, levando a integração social e escolar positiva da criança.

De acordo com a maioria dos entrevistados, as escolas onde lecionam possuem equipas multidisciplinares, mas a grande maioria não conhece o seu funcionamento e outras tem falta de recursos humanos e materiais para funcionarem corretamente.

Quanto a articulação entre os diversos intervenientes do processo dos alunos com NEE's, a grande maioria dos entrevistados referem que ao não conhecerem o funcionamento da equipa multidisciplinar, não sabem qual é o tipo de articulação que existe. Já os entrevistados que conhecem o tipo de articulação que existe, referem que a essa articulação é boa, mas que é pouca, tendo em conta os casos que tem, pois a mesma resume-se a troca de informações e a reuniões semanais para monitorização do trabalho realizado e da evolução.

Com este tema, conseguimos dar resposta ao seguinte objetivo específico: "Conhecer o tipo de articulação existente entre os diversos intervenientes do processo de inclusão." Podendo concluir que é necessário reestruturar a articulação que existe entre os diversos intervenientes do processo de inclusão, pois a articulação e a colaboração entre todos os elementos da equipa é essencial para o desenvolvimento positivo das crianças.

4.5. Formação Profissional ao nível das NEE

No que diz respeito ao à vontade de trabalhar com crianças com NEE, podemos verificar e concluir que a grande maioria dos participantes referem que se sentem preparados para trabalhar com crianças com NEE, mas dependendo da problemática apresentada pelas crianças. Alegando em sua defesa que já tem experiencia com crianças com NEE leves, que é o que esta mais presente nas salas de aula atuais, do que com crianças com NEE severas, que ainda se encontrar inseridas em salas de educação especial. Os mesmos referem que por muita experiencia que tenham sabem que não tem a formação adequada para aplicar uma educação o mais inclusiva possível.

Sant'Ana (2005) vai ao encontro do que é referido pelos entrevistados, dizendo que muitos professores estão conscientes de que não se encontram preparados para a inclusão, pois durante a sua formação inicial não aprenderam práticas educacionais

essenciais para a promoção da inclusão em sala de aula e de que precisam de apoio especializado.

Segundo alguns autores, estudos realizados com professores tem mostrado que os professores se sentem desconfortáveis, inseguros e ansiosos quando se deparam com situações de crianças com NEE, sendo que a sua resistência a inclusão dos mesmos se deve a falta de preparação que alegam ter (Silva, 2009).

Quanto a formação inicial a grande maioria dos participantes diz ter tido formação na área das NEE, mas que essa formação não foi suficiente, tendo em conta a realidade presente nas escolas.

Manson (1999) e Tomlinson (1999; citados por Hollaway, 2000; citado por Morgado, 2004), referem que em estudos realizados com professores, constatou-se que, "segundo os inquiridos, a sua formação inicial não parece suficientemente eficaz no sentido de os preparar devidamente para a gestão de grupos de alunos cada vez mais heterogéneos". (p. 45)

Costa (1998; citado por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015) refere que a formação de docentes "tem um papel primordial para a inclusão, pois contribui para que o professor seja capaz de criar condições de aprendizagem adequadas para todos os alunos." De acordo com Avrdamidis & Norwich (2002), Correia (2003) e Rodrigues (2006; citados por Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015), a melhor forma de combater as atitudes menos inclusivas dos professores é promovendo programas de formação na área da Educação Especial, de forma a preparar os docentes para a realidade presente nas escolas.

Segundo Correia (2003) a implementação de práticas inclusivas nas escolas portuguesas levou a que houvesse algumas alterações na formação inicial, continua e especializada dos professores. O autor refere ainda que a inclusão "só terá êxito, se a base dos programas de formação de professores facilitarem a aquisição de novas competências de ensino, possibilitando respostas adequadas e diferenciadas às distintas necessidades educativas." (Ferreira, Prado e Cadavieco, 2015, p. 5).

Relativamente a formação adicional na área das NEE's, a grande maioria dos entrevistados já participou em algumas ações de formação na área das NEE's e consideram que é importante realizar-se formações nesta área, uma vez que a escola

vai acolhendo cada vez mais crianças com NEE's e que é preciso ir-se atualizando sobre as estratégias e as práticas a utilizar com crianças com NEE.

Segundo Silva (2009) a formação contínua de professores é fundamental para que se consiga trabalhar com os alunos, com as famílias e com a comunidade. Correia (2003) refere que a implementação do modelo inclusivo implica uma aquisição e um aperfeiçoamento de competências profissionais por parte dos professores e por sua vez a adoção de atitudes positivas perante as aprendizagens a realizar.

Todos os entrevistados mostraram interesse em realizar ações de formação adicional, num futuro próximo. Sendo, as temáticas com mais interesse por parte dos entrevistados o autismo, a hiperatividade e a dislexia. Os entrevistados referem que o objetivo de frequentarem estas ações de formação no futuro é o enriquecimento como profissional e a melhoria do trabalho a realizar com crianças com NEE's.

Com este tópico, podemos ainda concluir que conseguimos dar resposta a um dos objetivos específicos que delineamos para o nosso estudo de investigação que foi "Conhecer e caracterizar a formação profissional dos professores de 1.º Ciclo participantes no estudo". Concluindo que é necessário existir mais formação na área das NEE's durante a formação inicial de professores, uma vez que a formação e a preparação existente durante a formação inicial não é suficiente para colmatar as necessidades das crianças com NEE's, com que os professores se deparam nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta etapa final do nosso estudo de investigação é importante refletir, fazer uma retrospeção sobre aquilo que foi realizado, sobre todas as etapas que se percorreu, sobre os pontos positivos e negativos do estudo. Independentemente de tudo, este processo de investigação constituiu uma aprendizagem muito grande, tanto a nível pessoal com profissional.

Com o estudo de investigação, pretendia-se identificar e compreender os conceitos e as representações dos professores de 1.º Ciclo do EB sobre a Inclusão e as NEE, como referimos anteriormente. Tendo em conta que o estudo seria feito com professores do 1.º Ciclo do EB, teve-se a preocupação de construir um guião de entrevista muito completo e de enviar cartas às direções das escolas a pedir autorização para a realização das entrevistas, uma vez que existem pessoas/docentes que por vezes não se sentem a vontade em serem entrevistados, de modo a evitar tais incómodos tivemos essa preocupação.

Isto acabou por se tornar no maior desafio, uma vez que foi difícil encontrar docentes que estivessem dispostos a colaborar com o estudo, ou seja, que tivessem disponibilidade e que se sentissem bem para serem entrevistados. Inicialmente, houve algumas recusas, mas depois de se contactar algumas escolas, conseguiu-se encontrar docentes que se mostrar interessados em colaborar e ajudar, aos quais agradeço imenso a colaboração e a disponibilidade.

Para além disso, existiram também algumas dificuldades na análise de conteúdo, uma vez que o tipo de análise utilizado no estudo foi a análise temática, um tipo de análise que ainda não dispõem de muita literatura em português, apenas alguns documentos, e diferente das outras análise de conteúdo, dai necessitar de literatura atualizada e de concentração para a utilização da mesma.

Para além, destas dificuldades houve alguns contratempos, mas situações que foram resolvidas com alguma rapidez.

A realização deste estudo possibilitou a aquisição de novas aprendizagens, como a técnica da análise temática, pois foi preciso ler sobre a técnica e compreender, para depois a utilizar corretamente; e a construção de guiões de entrevista, pois é necessário ter em atenção os blocos, as questões e a relevância dos mesmos para o

estudo que pretendíamos desenvolver, são pontos fulcrais do processo de investigação. Para além, disso a revisão literária que se fez possibilitou a adquisição de novos conceitos, conhecimento e informações que foram essenciais para o desenvolvimento do estudo e que possibilita um crescimento profissional, uma vez que é um tema muito presente na educação atual e como futura docente preciso de conhecer, compreender e tentar aplicar as práticas inclusivas, promovendo assim uma educação mais inclusiva.

O estudo não contribuiu apenas a nível profissional, também contribuiu para o crescimento pessoal, pois com o desenvolvimento desta investigação posso dizer que a educação inclusiva não é uma prática apenas da escola, a mesma precisa de ser prática fora da escola, pois todos fazemos parte de uma sociedade, onde todos temos direitos e deveres iguais. O trabalho que se realiza nas escolas deve ser transportado para a comunidade e para a sociedade em que a escola se encontra inserida, só assim é que teremos igualdade de oportunidades, de direitos e de deveres, somos todos pessoas/seres humanos, apenas temos potencialidades e limitações diferentes, que é aquilo que nos torna especiais e únicos. Precisamos aceitar que todos somos diferentes, mas independentemente das diferenças que existam precisamos respeitar todos, só assim iremos conseguir evoluir.

Este crescimento pessoal ocorreu também durante a realização das entrevistas, uma vez que os entrevistados partilharam histórias e experiencias que viveram, o que acaba por enriquecer muito o estudo, mas também nos faz crescer, pois nós também aprendemos através das experiencias e vivencias dos outros, mais que não seja para não fazer igual. Mas, neste caso temos historias que nos enriquecem e que servirão de exemplo a seguir num futuro próximo.

No decorrer do estudo fomos surpreendidos com alguns aspetos e com outros já estávamos a espera. Um aspeto que nos surpreendeu pelo lado menos positivo foi o desconhecimento que ainda existe em relação a alguns conceitos que abordamos no estudo, como diferenciação pedagógica e equipa multidisciplinar, ou seja, é preciso fazer-se um investimento nesse sentido, pois são temas muito presentes na educação atual.

Por outro lado, surpreendeu pelo lado positivo a quantidade de docentes que já tem formação adicional na área das NEE e o interesse que demonstram em fazer

mais formação nessa área, o que é muito positivo, pois a formação inicial que os docentes tem não é suficiente para fazer face as situações que aparecem e tendo em conta que a escola acolhe cada vez mais crianças com NEE, s professores precisam de estar fornecidos de ferramentas e estratégias que ajudem na inclusão dessas crianças. Surpreendeu também pelo lado positivo a diversidade de estratégias que os docentes entrevistados possuem para facilitar o processo de inclusão, o que significa que cada vez mais existe uma maior preocupação em incluir as crianças com NEE em sala de aula.

Bem, se estivesse a começar agora este estudo de investigação tentaria aprofundar mais alguns aspetos que abordamos no estudo, como o papel do professor, pois acho que é preciso mostrar a sociedade que o papel do professor é essencial na educação e no processo de inclusão, pois é o centro do processo de ensino aprendizagem, ou a o aspeto da equipa multidisciplinar, pois é um aspeto essencial no processo de inclusão de crianças com NEE. Tirando estes aspetos, acho que não mudaria mais nada, se calhar a estrutura ou se calhar a metodologia, tentaria uma metodologia mais qualitativa, para experimentar.

Num futuro próximo e tendo como base alguns aspetos desta investigação, seria interessante realizar um estudo de investigação, onde pudesse aprofundar mais o tema do papel do professor, pois é um tema que interessante e importante na profissão que pretendo exercer no futuro. Mas, para além disso, seria interessante aplicar este estudo aos ciclos de ensino seguintes, no 2.º e 3.º Ciclo, ou realizar um estudo deste género, mas com professores de outros países, pois teríamos oportunidade de cruzar conhecimentos e adquirir novas ferramentas e estratégias inclusivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L. (2015). Paradigma Qualitativo. Práticas de Investigação Educacional. Lisboa: Universidade Aberta.

Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.P., Maroy, C., Ruquoy, D., Saint-Georges, P. (2005) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Bardin, L. (1997) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (2010) *Como realizar um projeto de Investigação*. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação. 5.º Edição. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.

Capellini, V. e Rodrigues, O. (2009). Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. Revista Educação, vol.32, n.º3, p. 355-364. Brasil: Porto Alegre.

Carmo, H. & Ferreira, M.M. (2008). *Metodologia da Investigação*. Guia para Auto-aprendizagem. 2.º Edição. Lisboa: Universidade Aberta.

Coelho, M. (2012). A formação e as atitudes de professores do ensino básico face à inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na sala de aula. Tese de Mestrado. Universidade da Extremadura: Faculdade de Educação, Departamento de Ciências da Educação.

Conceição, C. e Sousa, Ó. (2012). Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências. Revista Lusófona de Educação, n.º 20, p. 81-98. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Correia, L. (2003). Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um Guia para educadores e professores. Coleção Necessidades Educativas Especiais Porto: Porto Editora.

Correia, L. (2008). A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE. Considerações para uma educação com sucesso. Coleção Impacto Educacional. Porto: Porto

Correia, L., et al. (2010). Educação Especial e Inclusão. Quem Disser Que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito Juízo. Coleção Educação Especial. 2.º Edição. Porto: Porto Editora.

Cunha, A. (2015). Ser Professor: bases de uma sistematização teórica. Brasil: Argos, Editora da Unochapecó.

Fernandes, H. (2002). Educação Especial: integração das crianças e adaptação das estruturas de educação. Estudo de um caso. Revista Saber e Educar, n.º7, p. 29-50. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Ferreira, M., Brandão, T. e Santos, A. (2010). Conceitos e representações sobre Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um estudo qualitativo com educadoras de infância. Revista de Educação Especial e Reabilitação, vol. 17, p. 33-46. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, Departamento de Educação Especial e Reabilitação.

Ferreira, M., Prado, S. e Cadavieco, J. (2015). Educação inclusiva: o professor como epicentro do processo de inclusão. Revista Nacional e Internacional de Educação Inclusiva, vol. 8, n.º1, p. 1-13. Espanha: Universidade de Jaén: Grupo de investigação: "Desarrollo e Investigación de la Educación en Andalucía" (D.I.E.A.)

Ferreira, M., Prado, S. e Cadavieco, J. (2015). Educação Inclusiva: Natureza e Fundamentos. Revista Nacional e Internacional de Educação Inclusiva, vol. 8, n.º3, p. 1-11. Espanha: Universidade de Jaén: Grupo de investigação: "Desarrollo e Investigación de la Educación en Andalucía" (D.I.E.A.)

Ferreira, M. (2017). Guia para uma Pedagogia Diferenciada em Contexto de Sala de Aula – Teorias, Práticas e Desafios. Coleção de Guias Educacionais. Lisboa: Coisas de Ler.

Ferreira, L. (2014). Tipos de análise qualitativa: A análise temática. Recuperado em Julho 24, 2018, de http://qualitativas.blogspot.com/2014/02/analisetematica.html

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Cientifica*. Lisboa: Monitor.

Godoy, A.S. (1995, Março e Abril). Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. V.35. n.º2. p.57-63. Brasil: São Paulo.

Jiménez, R. et al (1997). Necessidades Educativas Especiais. Coleção Saber Mais. Lisboa: Dinalivro

Lessard-Hébert M., Goyette G. & Boutin G. (2012). *Investigação Qualitativa*. Fundamentos e Práticas. 5.º Edição. Lisboa: Instituto Piaget.

Karagiannis, A., Stainback, W. e Stainback, S. (s.d). Fundamentos do Ensino Inclusivo. In Stainback, W. e Stainback, S. (1999). Inclusão: um guia para educadores. Brasil: Artmed Editora

Madureira, I. e Leite, T. (2003). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (2004). Qualidade na Educação - Um desafio para os professores. Lisboa: Editorial Presença.

Morgado, J. (2009). Educação Inclusiva as escolas actuais: Contributo para a reflecção. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: universidade do Minho.

Teis, D.t. e Teis, M. A. (2006). A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa. Biblioteca online de ciências da comunicação. Recuperado em Janeiro 28, 2018, de http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf

Pacheco, J. (1995). *O Pensamento e ação do professor*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (1999). Formar professore em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. Revista Brasileira de Educação, Set-Dez 1999, n.º 12,

p.5-21. Versão Francesa: Former les enseignants dans des contextes sociaux mouvants: pratique réflexive et implication critique. Suiça: Universidade de Genebra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Perrenoud, P. (2001). Dez novas competências para uma nova profissão. Revista pedagógica Pátio, Maio-Julho, n.º 17, p. 8-12. Brasil: Porto Alegre.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4.º Edição. Lisboa: Gradiva.

Ramos, C., Faria, E., Ramos, F. e Rodrigues, I. (2016). Relatório Teórico - A condição docente: contributos para uma reflexão. Lisboa: Conselho Nacional de Educação (CNE)

Rodrigues, D. et al. (2001). Educação e Diferença. Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora.

Roldão, M. (1999). Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

Sanches, I. (1996). Necessidades Educativas Especiais e Apoios e Complementos no Quotidiano do Professor. Porto: Porto Editora.

Sanches, I. (2001). Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula. Porto: Porto Editora.

Sanches, I. e Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escola: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, vol. 8, n.º8, p. 63-83. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Sant'Ana, I. (2005). Educação Inclusiva: Concepções de professores e diretores. Revista Psicologia em Estudo, vol. 10, n.º2, p. 227-234. Brasil: Maringá.

Santos, J. e César, M. (2010). Atitudes e Preocupações de professores e outros agentes educativos face à inclusão. Revista Interacções, vol. 6, n.º14, p. 156-184. Santarém: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém

Serra, H. (2005). Paradigmas da inclusão no contexto mundial. Revista Saber e Educar, n.º10, p. 31-50. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Silva, M. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. Revista Lusófona de Educação, vol. 13, n.º13, p. 135-153. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Silva, M., Ribeiro, C. e Carvalho, A. (2013). Atitudes e Práticas dos Professores Face à Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais. Revista Portuguesa de Pedagogia, n.º47-1, p. 53-73. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Sim-Sim, I. et al (2005). Necessidades Educativas Especiais: Dificuldades da Criança ou da Escola?. Lisboa: Texto Editores, Lda.

UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Espanha: Salamanca.

Vale. I. (2004). Algumas notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática, O Estudo de Caso. Revista da Escola Superior de Educação, vol.5. Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, 171-202.

ANEXOS

ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA

Blocos da Entrevista	Objetivos Específicos	Formulário de Questões	Tópicos
Bloco A Legitimação da Entrevista	a) Explicitar os fundamentos e os objetivos da entrevista. b) Garantir a confidencialidade. c) Solicitar autorização para o registo audiográfico da entrevista.	1. Informar, em linhas gerais sobre o trabalho de investigação: Desafios para a construção de uma escola inclusiva no 1.º Ciclo do Ensino Básico. 2. Indicar os objetivos da entrevista 3. Pedir ajuda ao entrevistado, pois o seu contributo é essencial para o êxito da investigação 4. Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas 5. Pedir autorização para gravar a entrevista 6. Agradecer a colaboração na investigação	• Fundamentos • Objetivos • Destaque da importância da colaboração no estudo • Garantir de confidencialidade • Autorização para o registo audiográfico
Bloco B Entrevistado	a) Obter informações pessoais e profissionais sobre o entrevistado.	1. Idade 2. Tempo de serviço 3. Categoria profissional 4. Formação académica	• Informações pessoais • Informações profissionais
Bloco C Conceções sobre o papel do professor	a) Identificar opiniões sobre o papel do professor.	1. Para si, o que é ser professor? 2. Como vê o papel do professor na sociedade atual? 3. Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?	• Conceito de professor • Papel do professor • Desafios atuais de ser professor
Bloco D Conceções sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE)	a) Conhecer as conceções do entrevistado a cerca das NEE's. b) Identificar opiniões sobre o conceito de NEE's.	1. Para si, o que são necessidades educativas especiais? 2. Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas? 3. Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?	• Conceito de NEE's • Tipo de diagnósticos • Vantagens e desvantagens da inclusão de crianças com NEE's
Bloco E Conceções sobre a inclusão	a) Conhecer as conceções do entrevistado acerca da inclusão. b) Conhecer as conceções do entrevistado acerca da escola inclusiva.	1. Para si, o que é inclusão? 2. Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva? 3. Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's? Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?	• Conceito de inclusão • Vantagens e desvantagens da escola inclusiva • Barreiras

<u>Bloco F</u> Práticas de Ensino Aprendizagem e Equipa Multidisciplinar	a) Recolher informação sobre: -Estratégias/práticas inclusivas; -Recursos; -Desafios; -Organização e gestão da sala; -Instrumentos de avaliação. b) Conhecer as conceções do entrevistado acerca de diferenciação pedagógica. c) Conhecer as conceções do entrevistado acerca da equipa multidisciplinar. d) Compreender o funcionamento entre a equipa multidisciplinar e os professores.	1. Quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão? Exemplifique. 2. Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? 3. Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's? 4. Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam? 5. Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula? Exemplifique. 6. Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's? 7. O que entende por diferenciação pedagógica? 8. O que entende por equipa multidisciplinar? 9. Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar? 10. Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?	• Práticas/estratégias de ensino aprendizagem • Recursos utilizados • Desafios • Necessidades e dificuldades sentidas • Instrumentos de Avaliação • Gestão e organização do espaço sala • Conceções sobre diferenciação pedagógica • Conceito de equipa multidisciplinar • Técnicos envolvidos • Vantagens para os alunos • Funcionamento
<u>Bloco G</u> Formação Profissional ao nível das NEE	a) Recolher informação sobre a formação ao nível das Necessidades Educativas Especiais. b) Fazer uma análise das necessidades de formação na área das Necessidades Educativas Especiais.	1. Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? Justifique. 2. Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's? 3. Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação? 4. Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?	• Dificuldades • Tipo de formação na área das NEE's • Repercussões da formação na prática • Aspetos positivos e negativos • Interesse • Colmatar o tipo de necessidades

ANEXO 2 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO A DIREÇÃO DAS ESCOLAS

Exmo.(a). Sr.(a) Diretor

Assunto: Pedido de Autorização para aplicação de instrumento no âmbito de um trabalho de investigação.

Eu Cláudia Beatriz Cruz da Silva, aluna do Metrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC), estou a desenvolver um trabalho de investigação sobre os desafios para construção de uma escola inclusiva no 1.º Ciclo do Ensino Básico – a perspetiva do Docente, orientado pelo Professor Doutor Marco Ferreira.

Venho por este meu solicitar, a sua autorização para aplicar uma entrevista aos professores de 1.º Ciclo, durante os meses de Abril e Maio de 2017. Quero, desde já, garantir que serão assegurados todos os procedimentos éticos e deontológicos, nomeadamente, a confidencialidade dos dados obtidos.

Agradeço desde já a atenção dispensada por V. Ex.ª para este assunto.

Os melhores cumprimentos,

Cláudia Silva.

Contactos:

E-mail: claudia_bia88@hotmail.com

Telefone: 917159553

ANEXO 3 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 1

Entrevistador (E) – Inicialmente gostaria de saber a sua idade?

Professor 1 (P1) – 40 anos.

E – Há quanto tempo exercer? Tanto fora como dentro desta instituição?

P1 – Ora, 13 anos.

E – Categoria profissional, ou seja, se tem algum cargo para além de docente?

P1 – Não, apenas docente de 1.º ciclo.

E – A sua formação académica?

P1 – Licenciatura em Professora de 1.º ciclo, tirada na Escola Superior de Educação João de Deus.

E – Muito bem. Então, para si o que é ser professor? Qual é o conceito que tem para si sobre o que é ser professor?

P1 – Professor para mim é alguém que de alguma maneira, e pensando um bocadinho, também nesta realidade do dia-a-dia. É ser um meio, vá de transporte, um veículo entre o adulto e a criança para transmitir alguns conhecimentos. Sendo que, os alunos de hoje em dia, são crianças com muitos conhecimento, e as vezes acabamos por… Eu acho que é um bocadinho… somos um… como um meio de transporte, um veículo de transmissão em que nós, não só ensinamos, mas transmitimos conhecimentos e que eles também, de alguma maneira são crianças ricas, não é. Ou seja, tem muitos conhecimentos e não precisam de vir a escola só para aprender, logo acho que esse é o nosso papel. Acaba por haver esta partilha de conhecimentos entre o professor e o aluno, e nós somos aqueles que também de alguma maneira transmitimos conhecimentos, mas que também eles partilham, acho que há…

E – Compreendo existe um intercâmbio.

P1 – Exatamente, entre o professor e o aluno.

E – Como é que vê o papel do professor na sociedade atual? Ou como é que acha que a sociedade atual encarra o papel do professor? Tendo em conta o dilema que a educação sofre atualmente sobre o papel do professor para a sociedade.

P1 – Eu acho que o papel do professor na nossa sociedade está muito desvalorizado. Basicamente, porque as crianças vêm um bocadinho, com… Não sei se devo dizer isto. Não é mal formadas, mas há aqui um parte em os pais não acreditam tanto no papel do

professor como antigamente acreditavam. Que era um agente, uma pessoa, que não só transmitia conhecimentos as crianças, mas que os educava dentro do que era o dia-a-dia da criança na escola. E hoje em dia esse papel é nós desvalorizado, ou seja, por um lado é imposto, é nós exigido, mas por outro lado quando atuamos sobre alguma situação também nós põem… é um desacreditar no professor e é acreditar sempre na criança, desvalorizando um bocadinho o papel do que é ser professor. Dá-me ideia disso, é um bocadinho esta parte, por isso o professor está tão desvalorizado na sociedade.

E – Então, enquanto professor, quais são os seus maiores desafio diariamente com a turma que têm?

P1 – Com à turma que tenho?

E – Sim.

P1 – Basicamente é o respeito que se têm de ter, e que esse para mim continua a ser um desafio, já no ano passado foi e acho que este ano também, continua a ser o respeito que existe pelo outro, tanto entre os alunos como com o adulto. E depois são crianças que de alguma maneira são muito estimuladas, com estímulos que vêm do exterior, da sociedade… que não deixam em sala de aula, por que o no ensino acaba ainda por ser um bocado tradicional, estar sentado numa cadeira varias horas, e isso acaba por ser também uma problemática, é um problema. No fundo, por que os alunos são muito estimulados com outras coisas, desde os jogos… quer dizer existe uma serie de coisas e eles na escola depois tem de puxar um bocadinho pela concentração, estarem, lá está, respeitarem, estarem calados, saberem ouvir, e isso acaba por ser um desafio. Eu acho que não é só transmitir matéria, pois acho que isso mais para a frente ou mais para trás eles vão conseguindo adquirir, agora está relação que existe entre o adulto e a criança é que é complicada. Muito complicada. A existência do respeito, do saber respeitar e do saber ouvir, tem sido muito difícil.

E – Muito bem. Relativamente as Necessidade Educativas Especiais, o que é que é para si, ou seja, o conceito que tem, que formou sobre as NEE's?

P1 – É assim, eu tenho este ano, ou melhor, no ano passado agarrei uma turma em que tenho algumas crianças com Necessidades Educativas Especiais, sendo que estão diagnosticadas em dois alunos, mesmo. O que é para mim? Para mim uma criança com necessidade educativa especial… porque têm alguma problemática, ou que têm dificuldade em adquirir alguma competência, ou seja, nem que seja o saber ler ou o

saber… a nível do raciocínio. Sei lá, mas é que têm algum problema dentro do que é esperado, não é, não adquire alguma competência, temos o caso destes dois alunos.

E – Na sua opinião acha que o diagnóstico das NEE's é ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas, atualmente?

P1 – É assim, na nossa escola temos muitas crianças com dificuldades, que estão inseridas nas NEE's. E na nossa escola não sentimos isso, o número não é reduzido, temos muitos casos com meninos que tem realmente algumas problemáticas. Agora não sei qual é próxima pergunta, mas a resposta que a escola poderá ou não dar a essas crianças é que acho que acaba às vezes por fica um bocado aquém das espectativas, neste sentido. Mas acho que aqui enquanto escola nós recebemos muitas crianças, e não falo só do 1.º ciclo, mesmo os outros ciclos, recebemos muitas crianças com necessidades educativas especiais.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1.º ciclo do ensino básico?

P1 – É assim, depende da problemática. A vantagem é sempre na parte, no meu ver, na relação social, não é, na socialização com as outras crianças. No dia-a-dia, nas rotinas, não é, de cada um, para eles também ficarem, de alguma maneira com hábitos e rotinas presentes que estão presentes noutras crianças. A desvantagem é se não há um acompanhamento mais direcionado para essa criança, mesmo dentro de sala de aula. Eu acho que tem de haver um professor para essa criança, o professor que transmite a matérias aos outros não se pode focar só nessa criança, senão os outros saem a perder e vice-versa. Eu acho que elas beneficiam sim de estarem inseridas, mas havendo uma pessoa especializada para estar com elas, um professor só para elas, e quando se fala em professor fala-se num professor com habilitações para estar a trabalhar conteúdos com essas crianças. Quer dizer, se não acho que não há vantagem para a criança estar inserida em sala de aula. Depende também da problemática. Mas aquilo que eu sinto com um dos alunos que tenho na turma é isso mesmo, é não haver muitas vezes … É assim, é complicado, mas o fato de não existir uma pessoas sempre ao pé deste aluno vai dificultando outras coisas, ele vai para o apoio, mas percebes, no dia-a-dia, na rotina de sala de aula era importante ter uma pessoa sempre ao pé dele.

E – Ou seja, o grande número de aluno numa sala de aula também dificulta.

P1 – Exatamente, dificulta imenso.

E – Falando agora sobre a inclusão. O que é para si a inclusão, qual o conceito que ao longo do tempo tem vindo a construir sobre inclusão e a escola inclusiva?

P1 – Para mim inclusão é dar oportunidade a criança, de lá esta, de viver ou de se habituar as rotinas das outras crianças, sendo que, com a salvaguarda de que aquele criança precisa se calhar de outras… Como é que eu direi. Não é outras coisas, mas poderá precisar de outros estímulos, de outros… não sei, de outras rotinas. Mas a inclusão para mim é a criança estar no mesmo espaço e participar nas rotinas diárias das outras crianças, acho que isso é inclusão. Não ficar, como é que eu direi, não ficar excluído, lá porque têm um problema, não ficar só com um grupo de crianças que tem esse mesmo problema. As vezes há evoluções, pois eles relacionando-se com crianças ditas normais têm evoluções.

E – Isto vai um pouco ao encontro do que foi dito anteriormente sobre as vantagens e desvantagens, não só das NEE's e da inclusão, mas da escola inclusiva. Daquilo que sabe ou conhece da escola inclusiva, quais são as vantagens e desvantagens da mesma?

P1 – É assim, a escola inclusiva tem de estar estruturada para receber este tipo de crianças, logo tem de ter um maior número de pessoas para trabalhar com elas, não é. É o que disse, incluir a criança nas turma ditas normais, acho bem, mas ela tem de estar acompanhada com um professor, da mesma maneira, acho que isso é vantajoso, foi o que disse há bocado. A gora a desvantagem em si da Escola Inclusiva… Não vejo que haja uma desvantagem. Se houver estrutura e se houver pessoas para trabalhar com esses crianças, percebes o que quero dizer, se houver um pessoa, acho que eles podem estar no mesmo espaço que as outras crianças, tudo bem, dependendo também lá esta das problemáticas que existam. Nós temos aqui mutos casos de meninos autistas e tudo, e eles estão lá está inseridos na escola inclusiva, que é a nossa instituição e que tem muitas crianças com necessidades. No entanto acho que precisa de haver um maior acompanhamento. Sei que nos outros ciclos existe esse acompanhamento mais direcionado para cada criança, dependendo da problemática, lá está o ser autista e todo mais, é diferente. Mas acho que essa é a grande vantagem, é eles estarem incluídos, mas com uma pessoa, um docente.

E – Ou seja, com uma estrutura, um apoio.

P1 – Exatamente, que possa dar respostas as suas necessidades, senão acho que acaba por ser desvantajoso.

E – Na sua opinião que condições deve ter uma sala de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais? Ou seja, não só para crianças com dificuldades de aprendizagem, mas também para crianças autistas ou crianças em cadeiras de rodas.

P1 – Pois eu acho que essa estrutura, que referir anteriormente e importante, mas quer dizer. Mesmo assim, acho que as nossas salas de aula estão minimamente equipadas. Temos computadores nas salas, caso fosse preciso trabalhar no computador, embora o computador seja do professor, mas sei que há essa disponibilidade de computadores, caso fosse necessário ter um computador para o aluno trabalhar. Não sei. Acho que minimamente tenho essas condições. É assim, as rampas de acesso, obviamente. Nós cá na escola temos elevadores. Mas quero eu dizer, dentro da sala de aula,… Eu também como apanhei esta turma no ano passado, com algumas crianças com necessidades educativas, com algumas dificuldades, uma vez que tenho tido turmas ditas "normais", crianças que não dão grandes problemas. Assim pensando, acho que mesmo assim a sala de aula está mais ou menos estruturada, quer dizer. Mas mesmo mais computadores, caso fosse preciso teria a disponibilidade de ter os ter em sala de aula, neste caso para os dois alunos que já referir anteriormente.

E – Não sente que falta nada?

P1 – Sinto falta de facto de uma parte humana, ou seja, de ter realmente ali uma pessoa comigo para os alunos com necessidades educativas, isso sinto falta.

E – Certo. Agora falando um pouco sobre as práticas de ensino e a equipa multidisciplinar, quais são os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem que utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e para facilitar o processo de inclusão? Peço ainda que me dê um exemplo, tanto atual ou não.

P1 – Estratégias de ensino para ajudar estes alunos e para eles aprenderem, estando incluídos?

E – Sim, exatamente.

P1 – É assim, isto vai depender do caso em questão. Mas se pensarmos no caso de um dos meus alunos, uma criança que ainda não adquiriu a escrita nem a leitura, estas competências. É assim, o que nós temos vindo a trabalhar… Nós no ano passado

trabalhamos e porque todo o 1.º ciclo trabalho, essencialmente, ao nível do 1.º ano, adotamos um novo método, que é o método Socio-Interativo. O que é este método? E um método em que os alunos se apropriam rapidamente da palavras. Porquê? Porque eles próprios começam a verbalizar, isto, começa todo por uma frase do fim-de-semana, em que eles verbalizam o seu fim-de-semana e a partir daí e quase partir do todo para a palavra propriamente dita. Isto, porque é que eu estou a explicar isto, porque esta estratégia de método deu-nos a perceber que era um método que tinha dado varias respostas, mesmo a alunos com algumas dificuldades. Porque eles não tem de começar logo a aprender o alfabeto, aqui apropriam-se de um vocabulário vasto, porque fazemos listas de palavras, ou seja, é um meto um bocadinho diferente. No entanto este método e pensando neste aluno que referi não foi possível verificar-se algum sucesso com o mesmo. As estratégias que nós temos vindo a adotar com ele, precisamente, é voltar a letra, um método mais tradicional, começar a pensar letra a letra, depois juntar outra letra e formamos sílabas e por ai fora. Se é benéfico ou não, não sei. É assim, as estratégias que nós temos vindo adotar, mais especificamente com este aluno é esta parte da leitura e da escrita, do Português, pois ao nível de raciocínio é bom, mas de facto… É uma estratégia que estamos a usar, mudar novamente o método, não é, não continuando com o método que ele inicialmente teve. Mas não sei se terá sucesso com este aluno, não tem tido, a evolução não tem sido visível. Acho que aqui tem haver não só pela estratégia, embora perguntes a seguir "Qual será a próxima estratégia a adotar com este aluno?", eu não te sei dizer. Porque este aluno tem um relatório muito vasto, não especificando nada e nós acabamos por não saber por onde ir, quais as estratégias a utilizar, porque supostamente este aluno não tem nada cognitivamente. Isso, as vezes também nos bloqueia no nosso trabalho, é não saber as medidas a tomar, porque de facto se ele não tem nada a partida ia aprender, não é, como os outros alunos, supostamente. Não sei se era esta a resposta que pretendias.

E – Sim. Que recursos, para além do acompanhamento, que utiliza para ajudar este aluno no processo de inclusão e que benefícios encontra nesses recursos que tem vindo a utilizar ou que poderá vir a verificar?

P1 – Isto é um bocadinho uma bola de neve, porque os recursos existem se eu tivesse uma pessoa que me acompanhasse na aula, não havendo acaba por a inclusão deste aluno não ser benéfica. Se calhar ele iria beneficiar mais se tivesse uma turma com

menos meninos, para lhe darem também mais atenção, não é. Presentemente estaria mais próxima e conseguiria chegar mais rapidamente aos problemas dele, mas eu tenho uma turma vasta. Muitas vezes sinto realmente frustrada, porque não consigo chegar aqueles que de facto tem dificuldades, porque as dificuldades acabam por ser já uma bola de neve, ou seja, já vieram com dificuldades do ano passado e cada vez mais tem mais dificuldades. Eu na minha turma tenho três ou quatro alunos que se vê claramente isso, e o que eu sinto é que esta inclusão, não havendo, lá esta, aquela ajuda, aquele apoio que me poderiam dar a nível humano, uma pessoa só para aqueles três ou quatro alunos e não tenho, sinto essa dificuldade. Muitas vezes os recursos…

E – Não são suficientes.

P1 – Exatamente, os recursos não são suficientes para a quantidade de alunos que existem com dificuldades.

E – Todo vai ao encontro uns dos outros.

P1 – Exatamente.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's, ou seja, para além daqueles que já referiu, quais são os outros desafios que sente diariamente?

P1 – O desafio é, lá esta, tentar ajudar estas crianças, mas havendo esta falta de recursos por vezes é difícil. Para além disso temos um conjunto de exigências que temos de cumpri, como por exemplo, cumpri um plano de estudos, cumprir um programa, entre outros, são exigências que todos os professores tem de cumprir, porque tem a ver com um programa nacional. Depois vem as provas, vem isto e aquilo, ou seja, se eu dou enfoque apenas as crianças ditas com necessidades o resto da turma também vai por consequência ser prejudicada. Por tanto, acho que acaba por haver isto mesmo, ou seja, se dou muito a um lado perco do outro. Acho que não tem a ver com o tempo que eu gasto com cada um deles, tem a ver com a nossa carga horária. São crianças ainda pequenas, que precisam de brincar, todo o que é feito na escola, o tempo que aqui gastamos, ou que vamos lá gastar, no bom sentido, no que estamos com eles, se não for um tempo bom para eles as coisas vão começando a falhar. Mesmo em cada aluno, não estou a falar apenas nos alunos com necessidades. Quer dizer isto acaba por ser, e como eu disse, uma bola de neve.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula ou mantem as mesmas?

P1 – Por norma mantem sempre, sendo que tenho reparado que preciso mais vezes de mudar a disposição da sala. São crianças que são conversadoras, tem a ver com o grupo, conversadoras e distraem-se com facilidade, tem um período curto de concentração, a maior parte da turma. Mas pronto, acho que não tem a ver com esta turma, tem a ver com os meninos de hoje em dia, como eu disse anteriormente, por todo aquilo que eles vivenciam e pelos estímulos que os rodeia, isso faz com que este trabalho muitas vezes da nossa parte expositivo, de expor a matéria acabe por não ser muito benéfico para eles. Eles precisam de coisas práticas, acho eu que se envolvem mais, porque é como eu digo a parte da concentração deles acaba por ficar ali um bocadinho aquém.

E – Quais são os instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação dos alunos com NEE's que tem na sua turma?

P1 – Bem, tenho os testes, em que os mesmos são diferentes, tendo em conta as medidas e as estratégias que são implementadas no tal processo do aluno, o PEI (plano educativo individual). Para já o que foi feito, pensando nos alunos com necessidades educativas especiais, são alunos que beneficiação sempre da leitura dos enunciados e da descodificação dos enunciados. Um dos alunos da minha turma não escrever o que faz com que seja escrito por um professor, porque ele não escreve, pois tem essa dificuldade. Para o outro aluno é tentar também de alguma maneira fazer com que se reduza um bocadinho os exercícios, não dar tantos exercícios, pois de vez em quanto este tem alguma dificuldade em reter a informação. Tenho outros alunos com alguns graus também de…, não é de necessidade, lá esta, não esta diagnóstica, mas com défice de atenção, tento dar-lhe nos testes uma folha de cada vez para que eles se concentrem só nessa parte do teste e vou automaticamente dando-lhes a medida em que eles terminam as folhas seguintes. Sei lá são estratégias que de alguma maneira experimentamos para ver se resultam ou não, pois há meninos que resulta e há outros que não.

E – Dentro da inclusão temos o conceito de diferenciação pedagógico. E eu pergunto-lhe o que entende por diferenciação pedagógica?

P1 – Diferenciação pedagógica para mim é… os conteúdos abordados por tanto no 2.º ano… Diferenciação pedagógica é fazer dentro do mesmo, vá molde de exercício, é como se baixássemos um bocadinho a fáscia, o nível desse exercício. Vou dar um exemplo prático: fazia isso com um dos alunos com NEE as vezes no cálculo mental, em vez de

colocar números maiores para ele colocava números menores, se era para fazer uma subtração continuava a fazer a subtração, só que é como se ajustássemos um bocadinho os conteúdos a realidade de cada criança. Acho que é isso um bocado a diferenciação pedagógica e é isso que eu tenho vindo a fazer, tem momentos que sim e outros que não, mas é reduzir um bocadinho a fáscia. Porque se já são trabalhados números até ao 1000, mas se este aluno tem dificuldades em trabalhar números até ao 100, então eu vou trabalhar com ele números até 100, com o mesmo raciocínio, subtraindo ou adicional ou fazendo o mesmo género de problema, só que reduzindo ali um bocadinho os conteúdos.

E – Dentro do tema da inclusão fala-se também do conceito de equipa multidisciplinar. Pergunto-lhe o que é que entende por equipa multidisciplinar?

P1 – Equipa multidisciplinar. Bem a nossa equipa funciona todas as quintas-feiras, onde realizamos uma reunião, não só com o meu par pedagógico, neste caso com a outra professora do 2.º ano, mas com todos os colegas do 1.º ciclo e com as professoras das necessidades educativas. Nesta reunião acabamos por falar um bocadinho de cada caso, dos problemas que nos vamos tendo nas turmas, onde são dadas opiniões sobre o que fazer, como atuar, e acabamos por dar o feedback de cada turma. Muitas vezes o problema que posso não estar a conseguir resolver, existe outro colega que pode dar uma opinião sobre isso, sobre essa situação. Acabamos por conversar um bocadinho sobre isso. Com o par pedagógico que tenho do mesmo ano letivo, nos juntamo-nos para planificar o trabalho da semana seguinte.

E – Bem uma vez que já respondeu as questões seguintes passamos para o tema da formação profissional ao nível das NEE's. Já falamos anteriormente da sua formação profissional, mas agora irei colocar questões mais específicas ao nível das NEE'S. Pergunto-lhe se sente pedagogicamente preparada para trabalhar com crianças com NEE's?

P1 – Nem por isso, mas isso nos temos pessoas que estão direcionadas para trabalhar com essas crianças. Nós enquanto titulares de turma acabamos por falar com as professores das NEE's, professoras que tem Mestrado nessa área, nos mostramos-lhes o trabalho realizado pelo aluno e elas por vezes vão nos fazendo um bocadinho também o caminho que nos temos que ir fazendo com o aluno. Eu propriamente, e como te digo, depende da necessidade, se for um menino com distração, com défice de atenção, já

tenho alguma experiência e já vou percebendo o que é necessário fazer na sala de aula e como atuar com a criança. Agora depende, não é, se eu tivesse um autista em sala de aula, não sabia como lidar com ele, temos vindo sempre a fazer formações, obviamente, temos de modo geral ter uma ideia, mas na realidade, ou seja, depois trabalhar diariamente não me sinto preparada, não acho que saiba atuar ou que me sinta preparada para isso.

E – Durante a sua formação académica, durante a licenciatura, teve algum tipo de formação na área das NEE's? Disciplina?

P1 – Não, isso não.

E – Ao longo do seu percurso profissional e como já referiu tem vindo a fazer algumas formações adicionais na área das NEE's. Recorda-se dos temas ou da duração das mesmas?

P1 – Hiperatividade, foi um com o Rómulo de Carvalho, que foi realmente muito boa. Défice de atenção, Autismo. Muito problemáticas que também acho que hoje em dia nas escolas são as mais evidentes.

E – Se pudesse realizar uma ação de formação na área das NEE's, qual o tema que gostaria de abordar ou de trabalhar? Alguma que gosta-se muito ou que necessite-te ajuda?

P1 – Pois, não sei. Eu gostava de saber um bocadinho mais sobre esta parte do aluno com dificuldade na escrita e na leitura, relativamente eu sei que tem a ver com uma parte auditiva, a criança não ouviu até uma determinada altura da vida, depois começou a ouvir, acho que ele tem ali algum problema com os sons, pois não consegue decifrar os sons e isso vai implicando o bloqueio da leitura e da escrita. Não sei, não tenho nenhum tema. Acho que num modo geral temos de estar um bocadinho alertas para todas, mas não tenho nenhuma que me suscite muita curiosidade. Mais a hiperatividade, o défice de atenção e concentração, passa um bocadinho por haver mais nas turmas de 1.º ciclo, são essas problemáticas que passam mais por nós, a questão do défice de atenção. Já tive meninos com hiperatividade também, mas fora isso não tenho assim nada. Não tenho nada não, a curiosidade e muita para ajudar obviamente, mas não estou muito foca em nenhuma, mas se calhar se tivesse um aluno autista, queria perceber mais como atuar com ele, é como disse anteriormente. Relativamente ao aluno que referi gostava de conseguir ajuda-lo mais, sinto que todo o que temos vindo

a fazer, as estratégias utilizadas, para já não tem sido benéficas para ele, sei que não tem haver só com a estratégia utilizada. Não sei ou o bloqueio da audição dele foi de fato tão grande que ele agora tem essa dificuldade, ou então existe algum problema a nível cognitivo.

E – Termina assim a nossa entrevista. Agradeço-lhe imenso a sua colaboração. Muito obrigada.

P1 – De nada.

ANEXO 4 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 2

Entrevistador (E) – Inicialmente pergunto-lhe a sua idade?

Professor 2 (P2) – Tenho 39 anos.

E – Tempo de serviço, tanto dentro como fora desta instituição?

P2 – Ainda só trabalhei nesta instituição e estou cá a 17 anos.

E – Categoria profissional, ou seja, dentro da instituição exerce mais algum cargo para além de docente?

P2 – Não.

E – E quanto a sua formação académica? Curso? Escola?

P2 – Tirei o curso de professor de 1.º ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação João de Deus.

E – Começo então por lhe perguntar, Para si, o que é ser professor?

P2 – Ser professor? Isso é uma pergunta difícil, poderia ser a última pergunta para ser a mais difícil. Ser professor é basicamente, ter que estar por dentro daquilo que esta preconizado nos programas, estar o mais atualizado possível e ao mesmo tempo tentar adaptar isso a realidade da turma e dos tempos, porque se calhar há 12 anos era diferente do que é agora e vai ser diferente do que vai ser daqui a 10 anos. Para mim é fundamental, é basicamente isso, é ter conhecimento dos programas e adapta-los depois ao contexto, quando digo adaptar é saber transmitir para aquele grupo de crianças, tendo em conta o tipo de crianças que se tem a frente. Por vezes, pode-se atingir um objetivo de um programa de formas diferentes, para crianças diferentes, depende do que temos a frente se bem que nós aqui, ou pelo menos eu que só trabalhei aqui, acabo por não ter grande termo de comparação, perco um bocadinho isso.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente pela sociedade?

P2 – É assim, sociedade, sociedade não sei. Mas, a maior parte dos pais desvalorizou muito o trabalho do professor, muito mesmo. Eu tenho neste momento em 25 alunos, sou capaz de ter 5 pais preocupados com a escola, digamos assim. Os outros não sei se estão assim tão preocupados com a escola ou não, acham que a coisa se vai fazendo, portanto. Tenho pouca… Basicamente, o que eu tenho visto nestes pais é a falta de compromisso com o trabalho e isso são valores que se transmitem em casa, seja qual for a atividade, temos que estar comprometidos com essa atividade. Os miúdos

atualmente não estão, porque acho que não são instruídos a isso quer dizer não lhes é passado esse exemplo. Acho que há um exemplo que tem de vir de casa, que é nós darmos sempre o nosso melhor na escola. Acho que de uma maneira geral o papel da escola está a ficar muito a margem da preocupação dos pais.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P2 – Este ano tem sido claramente isto que acabei de dizer ou seja, fazer entender aos miúdos que o que eles aqui fazem exige compromisso da parte deles, exige empenho e exige trabalho. Esta transição do Pré-Escolar para o 1.º ciclo é violenta, é muito duro para os miúdos e o desafio até agora, mesmo com uma pequena evolução, é exatamente esse, é compromete-los diariamente com o trabalho, que é um conceito que eles não estão a conseguir atingir.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P2 – Tecnicamente, as necessidades educativas especiais é um aspeto apresentado por um aluno que vai diferenciar dos demais, ou seja, ele tem uma necessidade educativa especial que não vai ser respondida de forma tradicional, ou seja, de forma normal, com os recursos normais que nos temos, portanto há um défice, a uma necessidade que por ser especial não pode ser nem olhada, nem abordada de forma normal. Portanto, vai requer outro tipo de recursos, se calhar outro tipo de pessoas, outro tipo de materiais, de outro tipo de programas, que não os normais.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P2 – Eu acho que cada caso é um caso, cada sala é uma sala, não sei. Eu, por exemplo, tenho um aluno que quero ver avaliado desde outubro e ainda não recebi nada. Mas, se for preciso também tenho, este ano não, mas existem casos em que os miúdos precisam de trabalhar e de assentar a cabeça, e começa-se à procura de escapatórias, porque tem défice de atenção, tem dislexia, percebes. Isso é um bocadinho difícil de responder. Eu acho que se confunde muito, o que para mim existe mais hoje em dia é uma confusão, entre essa necessidade educativa especial, do que vem de uma avaliação, com a tal falta de compromisso, ou seja, temos miúdos que não controlam mesmo a sua a atenção, o que é difícil de ver o que, por outro lado existem muitos casos em que os miúdos não controlam a atenção porque não querem, não estão para ai virados, estão muito mais estimulados para outras coisas, para outro tipo de atividade. Quer dizer um miúdo que

esta sempre agarrado aos jogos, estar aqui sentado a ouvir alguém falar é diferente. Agora eu acho que há muito coisa que se resolvia por iniciativa própria do aluno, querendo ultrapassar isso, com a ajuda dos pais e não algo com défices de atenção e todo mais. Eu acredito que haja fatores que ultrapassam os alunos e ai será um aluno especial com défice de atenção ou com outra patologia, mas há muitos casos que não, há muitos casos que acho que é o desinteresse e a falta de empenho que esta em causa.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P2 – Para mim a grande vantagem será sempre o crescimento pessoal e humano dos outros alunos. Ter um aluno especial em sala será sempre uma aprendizagem para os outros, para perceberem que não somos todos iguais, que não conseguimos faze todos o mesmo, ajuda a desenvolver o espirito mais humano e socialmente mais correto. A desvantagem é que é um trabalho enorme. Normalmente, eu sei que quando são necessidades educativas especiais mais severas, eu sei que há um acompanhamento, há sempre o professor titular com uma terapeuta ou com um professor de educação especial. Agora quando não há recursos a terapeutas, e o professor tem 5 dislexias, 4 défices de atenção e 5 hiperatividades em sala é capaz de ser complicado. Ai é uma desvantagem, porque gerir isso é difícil, mas aqui também depende das necessidades que eles tem. Quando eu estava a falar das vantagens em termos humanos e sociais, estava a olhar mais para as necessidades educativas especiais mais severas, ter um miúdo com uma dificuldade qualquer em sala é uma aprendizagem para os outros, pois são miúdos que conseguem ensinar muita coisa aos outros, se calhar não a nível de escola, mas a nível de outros componentes que a escola também se deve preocupar. Aquelas necessidades normais, falando da dislexia, da hiperatividade e do défice de atenção, não é fácil encontrar ai vantagens, nisso é muito complicado.

E – Para si, o que é inclusão?

P2 – Inclusão vai no sentido daquilo que eu disse, ou seja, inclusão é aceitarmos os outros exatamente como eles são e saber que independentemente do aspeto que estamos a olhar. Acho que inclusão é em vez de olharmos uns para os outros em termos de defeitos e virtudes, temos de olhar uns para os outros como meros aspetos. Ele é assim, ou seja, ele tem óculos, isso não tem de ser um defeito, é um aspeto dele, ele é ótimo nisto, não tem de ser uma virtude, e um aspeto dele. Acho que a inclusão é

quando tu sentes que não te olham de maneira diferente, nem para o bem, nem para o mal. Há casos em que a criança é um bom aluno, mas não esta incluída, porque são os "totós", são os melhores, são os favoritos do professor, percebes. As pessoas pensam sempre que se fala de inclusão sempre pelo lado do problema. Inclusão para mim é mais do que aquilo que eu posso fazer sentir em termos de inclusão, é os outros sentirem que são olhados de maneira exatamente iguais, seja por problemas motores, físicos, socias, seja por qualquer coisa.

E – Dentro da Inclusão pergunto-lhes, quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P2 – É um bocadinho aquilo que disse há pouco. É assim, em termos de escola inclusiva, acho que se ganha muito em termos sociais e humanos. Uma escola verdadeiramente inclusiva acho que esta a formar alunos iguais, ou seja, o mesmo aluno numa escola inclusiva ou não, será o mesmo aluno no final da escolaridade, o que eu acho que ele vai ser na escola inclusiva, não é melhor aluno, acho que vai ser melhor pessoa. A vantagem de uma escola inclusiva acho que é essa, é no final de alguns anos que aquele aluno teve naquela escola, se a escola for verdadeiramente inclusiva e trabalhar bem, ele quando sair de lá vai ser, na minha opinião, melhor pessoa, se vai sair melhor alunos ou não, não sei, porque eu acho que a vantagem da escola inclusiva tem mais a ver com a formação pessoal e humana da pessoa. A desvantagem da escola inclusiva depende um bocadinho daquilo que há em cada sala, mas a escola inclusiva também por ter desvantagens, claro. Porque pode dar azo a que hajam grupo de tal maneira heterogéneos que para serem trabalhados é complicado, a não ser que a escola funcione muito bem, que tenha equipas de terapeutas, que tenha uma equipa de orientação, de psicologia, etc., se assim for, serão só vantagens, mas se assim não for é complicado. Chegares a uma escola que se diz inclusiva, mas que depois poem todo dentro de sala e ajudas não há. Depois da licenciatura eu fiz uma Pós-Graduação em Necessidades Educativas Especiais, sempre achei isso, achei que trabalhar com estas crianças traria vantagens para um grupo, mas seriam sempre mais vantagens humanas, para eles terem contacto com outras realidades. Acho que ao esta o verdadeiro ganho da escola inclusiva.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P2 – Bom, as condições de sala de aula dependem, se formos falar em termos físicos ou em termos de recursos humanos. Para já acho que uma turma com casos de necessidades educativas especiais tem de começar logo por ser reduzida. Acho que até esta em lei, certo?

E – Sim encontra-se na lei, não se pode ter mais que 20 alunos em sala de aula se existir casos de necessidades educativas especiais.

P2 – Pois. Depois depende da realidade das crianças de que estamos a falar, se for uma criança com uma deficiência mental, se a escola não esta a receber apoio de uma terapeuta ou de algum técnico especializado, então não vale a pena. Eu acho que a dimensão da turma e o apoio externo, acho que tem de existir. Agora se for em termos daqueles típicos défices de atenção ou hiperatividade, em que o professor titular tem de saber agir e tem que ter formação para isso, e se não têm, têm que procurar. Não há nenhumas condições especiais, depois da formação que o professor for à procura e que ele vai perceber que se calhar não pode ter muitos estímulos que levem a distração na sala, se calhar não pode ter muitos materiais espalhados ou a mão de serem utilizados, são técnicas que se vão desenvolvendo, mas depois com o trabalho é que nós nos vamos apercebendo disso.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P2 – Continuo achar que isto não é um problema da sala, uma sala é um espaço físico. Agora a questão é no que é que o professor, sozinho ou co uma equipa que trabalhe com ele, acha que é o melhor aspeto para a sala, ou seja, que aspeto é que as pessoas acham que devem de dar a sua sala. Porque é assim, eu tenho um aluno com défice de atenção, eu sei que não o posso sentar se calhar ao lado da janela, mas a sala é a mesma, a sala é um espaço físico, agora se o sento ao pé da janela ou o sento mais perto de mim, ai já estamos a atuar, a mesma coisa com uma criança hiperativa, ou com problemas visuais, a sala continua a mesma, mas se calhar tenho de o sentar mais a frente. A questão não é a sala, é as estratégias de atuação que vamos desenvolvendo e recebendo por parte das avaliações.

E – Falando agora do processo de aprendizagem, pergunto-lhes quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P2 – Para já nós aqui na instituição e em 1.º ciclo, principalmente em 1.º ciclo, não temos, ou seja, não somos confrontados com casos de necessidades educativas especiais graves, por isso não te posso dizer que já tive casos desses, nunca tive autistas, nunca tive crianças com deficiências motoras, o que nós temos realmente é casos de dislexia, de disortografia, de défice de atenção e de hiperatividade, porque de resto não temos aqueles exemplos a dar. O que é que eu faço? É seguir um bocadinho o protocolo, ou seja, se houver uma avaliação onde venham recomendadas estratégias, nos podemos olhar para elas e se concordarmos com elas começamos a implementar, senão é procurar formação fora, ajuda, bibliografia, para nos adaptarmos aquele caso. Agora em termos de trabalho, claro que são crianças que requerem mais atenção, não quer dizer que todos eles desenvolvam dificuldades de aprendizagem. Eu á tive os dois casos, já tive crianças que tem isto e aquilo, e que desenvolvem dificuldades de aprendizagem, mas também já tive crianças que tem isto e aquilo, e são ótimos alunos. Depois quando eles desenvolvem algum tipo de dificuldade de aprendizagem, aquilo que nós fazemos é ter maior atenção a isso, é por exemplo, trabalhar mais com eles determinados aspetos, em vez de trabalhar o que os outros todos estão a trabalhar, adapto os trabalhos de casa, consoante as necessidades dos alunos, tendo em conta as dificuldade que ele apresenta em sala, num determinado conteúdo, pois em sala de aula tento que o trabalho seja o mais abrangente possível.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão?

P2 – Nós aqui na instituição temos, lá esta a vantagem, através da informática conseguirmos canalizar, nem que seja uma vez por semana, algum trabalho que queiramos, conseguimos canalizar para a informática. Em termos de sala de aula utilizo sempre que possível o computador e o LCD, porque eu sei que isso é mais apelativo para eles, não consigo fazer aulas completas por ali, mas sei que se os quiser colocar a ler alguma coisa, eles ficam mais atentos se colocar no LCD para ler, do que ser eu a escrever no quadro. Depois há aqueles materiais, todo o que seja fugir a aula normal resulta bem, porque desperta a atenção deles, os MABES, os quizneres, os abacos, os sólidos, etc., se bem que depois eles vão crescendo e isso torna-se desadaptado para as idades.

E – Quais os benefícios desses recursos?

P2 – Sempre que há utilização de um recurso, mas que não seja, por ser quebra de rotina, temos um aumento da atenção. Por exemplo, se eu disser que na aula vamos utilizar um determinado material, a atenção sobe, mas se disser que vamos fazer uma ficha para consolidar um conteúdo, a atenção desce, porque as fichas e o manual fazem parte da rotina, algo novo quebra essa rotina.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P2 – É assim, eu em turma tenho 2 ou 3 alunos que me preocupam mais, o que eu procuro fazer com eles, para já é que eles não percam, em termos de aprendizagem nada, não fiquem para trás, para não correrem o risco de saírem do grupo, ou seja, a minha preocupação é porque eu acho que estas crianças se chegarem ao ponto que tem de ficar retidas, o que não é o caso, o mudar de turma e de grupo é complicado. É preciso fazer com que estas crianças não fiquem para trás, esta é a minha preocupação. Para evitar isso, tento ter cuidados redobrados quando trabalho com eles, identifico os problemas deles, podem não ser apenas a nível de trabalho, podem ser em termos sociais, pode ser uma questão de autoestima e ai tento chama-lo mais vezes ao quadro, incentivar a intervir mais vezes. Mas aminha preocupação é essa, é não deixar que essas crianças fiquem para trás, nem que desistam. Não os deixar desistir é um desafio muito grande.

E – Bem já obtive resposta a questão que ia colocar a seguir, mas não faz mal. Pergunto-lhe então, costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P2 – Não, não costumo. Normalmente, e na minha opinião acho que é bom eles estarem mais próximos do professor, acho que se ganha bastante com isso, porque a criança senta-se mais comprometida e o próprio professor mais facilmente recorda que esta ali aquele aluno que requer mais atenção. O estar próximo do professor ajuda muito, porque depois é mais fácil inclui-lo na turma e nas atividades.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P2 – Bem, eu não sou grande apologista de adaptações nos testes, normalmente, o teste é igual para todos, o que modifico é o tamanho da letra, coloco informação a negrito, o espaçamento entre exercícios é maior, mas tirando isso a criança esta a fazer o mesmo

que os outros. Depois tento fazer uma avaliação mais contínua, avalio o trabalho que fazem em aula e os trabalhos de casa.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P2 – Essa eu sei do meu curso. No curso aprendemos que diferenciação pedagógica é adaptar o estilo de ensino ao estilo de aprendizagem, ou seja, eu tenho de saber como é que o aluno aprende e então tenho de me adaptar a maneira de ele aprender. Agora se olharmos para uma turma de 25 alunos e queremos fazer com eles, é um bocadinho complicado. Mas, a diferenciação pedagógica é um bocadinho isso, sendo impossível, sendo eles todos diferentes, portanto teríamos de ter 25 diferenciações pedagógicas. Sendo difícil isso, então olhando para aqueles que precisam mesmo de uma atenção especial, é fazer um bocadinho aquilo que eu tento fazer, não digo que seja o mais eficaz, mas tem tido resultados, que é identificar os pontos fortes e os pontos fracos e trabalha-los para que a criança evolua, traçando um perfil do aluno.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P2 – É uma equipa que trabalha toda para um só fim, a evolução positiva e o bem-estar da criança.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?

P2 – Sim temos. Eu acho que ela acaba por funcionar bem, tem é o velho problema, que existe em todo lado, que é ser reduzida. Acho que com o que há, as pessoas trabalham bem e trabalham muito, e estão dispostas a ajudar sempre que é preciso, tanto o gabinete de psicologia e orientação e o gabinete das necessidades educativas especiais. Quando é preciso elaborar um PEI estes gabinetes ajudam, ninguém os faz sozinhos, reunimos e conversamos, mas quando é para atuar há sempre falta de gente, mas isso ocorre em todo o lado. A equipa que existe trabalha bem e esta bem organizada, não tem é pessoal suficiente.

E – Já falamos sobre inclusão, necessidades educativas especiais e sobre o processo de aprendizagem. E como referiu que fez uma Pós-Graduação me necessidades educativas especiais, pergunto-lhe, sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P2 – Sinto-me, por caso sinto. Já me vi tentado a aprofundar a Pós Graduação que fiz e sair do ensino regular, por acaso já me ocorreu. Mas, isso surgiu numa fase em que a

minha vida pessoal sofreu alguma mudanças, casar, ter filhos. Digamos que não segui mais por causa das circunstâncias que surgiram. Mas sinto-me preparado, é algo que tenho feito e que estou habituado a fazer.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P2 – Eu acho que não, já foi há muito tempo, não me recordo. Bem deixa-me pensar. Acho que tive uma disciplina, com muito pouca teoria e tivemos um estágio informal, sim foi isso. Tivemos um estágio informal numa escola que só tinha crianças com necessidades educativas especiais e tivemos depois numa escola problemática a nível social e financeiro, foi algo muito informal, só tivemos alguns dias e interagimos muito pouco.

E – Bem, já referiu que fez uma Pós-Graduação em necessidades educativas especiais, fez mais algum tipo de formação adicional, no seu percurso profissional, na área das NEE's?

P2 – Sim, já fiz alguns, muito específicos de uma determinada patologia, mas coisa muito pequenas, com duração de 1 ou 2 horas.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P2 – Bem é uma pergunta difícil, não sei. Se calhar mais do que a parte cognitiva, interessa-me a parte psicológica e as crianças com problemas familiares, ou seja, cognitivamente não precisa de ser um problema, mas crianças com problemas sociais e familiares, pais presos ou toxicodependentes. Uma vez tive vontade de ir fazer a iniciação da escrita e da leitura nas prisões, por exemplo. Interessa-me mais por ai, pelo lado social, do que em termos cognitivos. Se calhar apostaria mais no acréscimo a minha formação nesse sentido.

E – Não tenho mais questões a colocar.

P2 – É todo? Já acabou?

E – Sim. Quero agradecer a sua colaboração, participação e disponibilidade. Muito obrigado.

P2 – De nada, espero ter respondido bem as questões e ter ajudado.

ANEXO 5 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 3

Entrevistador (E) – Inicialmente pergunto-lhe a sua idade?

Professor 3 (P3) – Tenho 37 anos.

E – Tempo de serviço, tanto dentro como fora desta instituição?

P3 – Eu trabalhei um ano num instituição de necessidade educativas especiais (NEE'S), onde só tinha crianças com NEE's, onde não havia inclusão com outras crianças ditas normais, onde todos tinham planificações adaptadas e todo mais. Depois vim para esta instituição, onde me encontro a trabalhar a 14 anos. Ao todo tenho 15 anos de serviço.

E – Exerce alguma categoria profissional para além de docente?

P3 – Não.

E – Formação académica? Curso? Escola?

P3 – Tenho Licenciatura em professor de 1.º ciclo do Ensino Básico, que tirei na Escola Superior de Educação de Lisboa.

E – Passando ao assunto que nós trouxe aqui, vou começar por lhe perguntar, para si, o que é ser professor?

P3 – Ser professor é essencialmente… não podemos partir do princípio que o professor é aquele que debita conteúdos, o professor é muito mais do que isso. Porque nós temos que conhecer muito bem as nossas crianças, para podermos perceber e antecipar as dificuldades que podem vir a surguir. Para além, de que temos que acompanhar a evolução delas e ir tentando sempre adequar de acordo com as necessidades de cada criança, nem sempre é possível, pois os currículos acabam por ser muito extensos, mas no entanto tentamos sempre ao máximo ir acompanhamento e dar formação cívica, uma grande formação pessoal e todo mais, para além das competências do Português, da Matemática e do Estudo do Meio.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente pela sociedade?

P3 – Poucos são aqueles que realmente reconhecem o nosso trabalho. Existe sempre um grupo de pais que reconhece e acompanha a evolução dos filhos, mas grande maior parte acaba por deixar passar um bocadinho, achando que não é importante, achando que pode opinar, que são professores, que podem questionar as metodologias usadas, as regas, as dinâmicas, o material, as visitas de estudo, etc. Acaba por ser um bocado

ingrato, porque nem sempre reconhecem todo aquilo que fazemos para o bem-estar dos alunos.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P3 – No meu caso e na realidade em que me encontro, acho que as turmas são um bocadinho grandes, turma de 26 alunos e não são turmas homogenias, pois temos sempre turmas com grandes especificidades e tentar chegar a todas as crianças e acompanhar as dificuldades de cada um é complicado. Neste momento encontro-me a fazer um PEI e tenho de ter conta um conjunto de estratégias acrescidas para aquela criança e nem sempre consigo aplica-las, tendo em conta o tamanho da turma que tenho, o acompanhamento e o apoio individualizado e especifico que preciso fazer com essa criança acaba por ser pouco tempo. Acho que é essencialmente essa questão do número de alunos por turma versus aquilo que é suposto os alunos alcançarem, que se torna um grande desafio.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P3 – São todos aqueles tipos de patologias que possam existir numa criança e que possam de alguma maneira prejudicar a criança, dentro daquilo que é considerado normal. Ou seja, que impede a criança de realizar alguma tarefa, seja ela social, física ou outra tarefa, algo mais além da atenção, algo mais profundo. Depois dependendo da criança pode ser algo mais ligeiro ou mais severo e depois em sala de aula temos de ver a melhor forma de trabalhar e acompanhar essa criança.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido, relativamente à realidade das escolas?

P3 – Eu enquanto professor, no meu caso especial e específico, nunca me aconteceu passar um aluno para o 5.º ano, sem que algo não estivesse devidamente sinalizado. Sempre consegui durante os 4 anos em que tenho a turma, sinalizar as coisas, falar com os pais, pedir relatórios e avançar com todos os processos. No entanto, tenho a noção que em muitos casos isso não acontece assim, existem crianças que estão no 5.º, 6.º e 7.º ano e que há ali um conjunto de situações que facilmente se conseguem diagnosticar em fases muito precoces e que os professores acabam por negligenciar, justificando que é imaturidade, acabando por não dar a devida atenção. Em relação ao ser ampliado ou reduzido depende, pois temos casos, de quem faz os relatórios e dos pais aceitarem ou não.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P3 – As vantagens podem ser muito positivas. Pode ser uma aprendizagem muito grande, tanto para a criança como para o resto da turma. Agora tem de se fazer isso de uma forma muito ponderada, temos que ter bem a noção do que se esta a fazer, não é só receber a criança e depois fica lá a criança a um canto ou seja o que for. A partir do momento que se aceita receber uma criança com determinadas caraterísticas tem de se prevenir e tentar antecipar todas as dificuldades e todo aquilo que vai ser necessário. Por vezes, isso não acontece e acaba por as crianças virem para a escola e logo se vê, acabando por não ser produtivo nem para a criança, nem para o grupo de turma, nem para os professores, nem para ninguém. Quando uma criança com necessidade educativas especiais vem para o 1.º ciclo, acho que deve ser muito bem ponderado se a escola tem ou não capacidade para receber essa criança e que condições e que tem para que a criança esteja realmente feliz, para que consiga evoluir de acordo com a especificidade da sua necessidade educativa.

E – Para si, o que é inclusão?

P3 – Inclusão é receber realmente alguém, dentro de uma sala, dentro de uma escola, tentando ao máximo que ela participe ativamente dentro de todas as dinâmicas, mas não esquecendo as suas especificidades. A criança tem um problema, por exemplo de autismo, é preciso ponderar se é benéfico para criança participar em atividades com muita gente. Inclusão não é a criança fazer as mesmas coisas e de forma igual que os restantes alunos, pois ela tem as suas especificidades e algumas limitações, sejam elas físicas ou sociais, nunca podemos esquecer-nos disso. Muitas vezes acontece que recebemos as crianças e depois esperamos que elas façam todo o que os outros fazem, não lhes podemos pedir isso, pois elas nunca irão fazer. Incluir é diferente de integrar.

E – Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P3 – A única desvantagem que eu vejo é a das escolas por vezes não estarem preparadas para receber as crianças com necessidades educativas especiais. Como disse a pouco turmas grandes impossibilitam o trabalho, não é bom nem para as crianças necessidade educativas especiais, nem para as restantes. No entanto, acho que uma criança que esteja realmente a participar ativamente dentro de uma sala de aula, num questão completamente inclusiva, é muito benéfico, tanto para a criança, que acaba por se sentir

respeitada dentro do seu espaço e das suas limitações, como para os outros, pois vão aprendendo e alargando os seus horizontes em relação a diferença. Porque as vezes temos crianças que precisam de uma ajuda extra, mas acabam por aprender a partilhar, a ajudar e a respeitar a diferença. Muitas vezes as crianças nestas idade não conseguem fazer e acabam por ser cruéis.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P3 – Generalizando é difícil, porque quando falamos em necessidade educativas especiais podemos falar tanto de uma dislexia, como do autismo, ou seja, depende da necessidade educativa especial que a criança tenha, por isso é difícil generalizar. Mas, existem aspetos que considero importantes para todas as necessidades educativas, como o caso de ter menos alunos nas turmas, é mais saudável e para que haja mais espaço, podendo existir momentos de trabalho em grupo ou a pares, para que possam expressar-se mais livremente. Num caso de cadeira de rodas a necessidade de mais espeço a sala para a mesma poder circular. Todo isso deve ser previsto, mas de acordo co, a limitação que existe.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P3 – Não tenho e posso dizer que falta todo. Mas nós aqui no 1.º ciclo não temos casos muito graves, são mais dislexias, disgrafias e disortografias, já no 2.º ciclo e no 3.º ciclo temos casos mais severos, mas que não estão inseridos em sala de aula, encontram-se na sala das necessidades educativas especiais, ou seja, não podemos dizer que é uma escola inclusiva, pois as crianças frequentam a mesma escola, mas não a mesma sala de aula.

E – Certo. Falando agora do processo de ensino aprendizagem, quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P3 – Neste momento não tenho nada especifico na minha turma. Em primeiro lugar tento ter uma linguagem muito acessível, ou seja, muito óbvia e clara para todos. Uma coisa que tenho muita atenção é o timbre, ou seja, tento que o tom de voz não seja sempre o mesmo, para não me tornar muito monocórdica. Uma criança que tenha uma dificuldade de aprendizagem, numa questão de atenção, precisa que se vá variando o tom de voz e a intensidade, para evitar que se dispersem. Tento recorrer a parte visual,

depois acabo por não ter mais nenhuma estratégia muito específica, pois muitas vezes elas surgem consoante a criança e a necessidade educativa especial que a mesma tenha, acabando por criar na altura de acordo com o que surge. Não tenho um leque de estratégias estabelecidas, pois nos precisamos de nos adaptar a criança e as suas necessidades.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? Quais os benefícios desses recursos?

P3 – Um grande recurso que eu vejo que é benéfico e que desperta a atenção dos alunos é os computadores. Nos utilizamos na aula de informática, é algo muito apelativo, acho que conseguimos arranjar muitas aplicações, muitos jogos direcionados para algumas dificuldades e para patologias que possam existir e que nos conseguem ajudar aqui a dar um salto e a conseguir chegar até a criança de uma forma mais rápida e eficaz. Depois dentro da sala de aula e no resto tempo, acabo por não ter grandes recursos, tento sempre indo concretizar e manipular o objeto, uma vez que nesta fase inicial a concretização é muito importante, apelando muito a parte visual. Utilizo por vezes o PowerPoint, alguns jogos didáticos e pouco mais.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P3 – O grande desafio é fazer com que a criança esteja a acompanhar e que tu estejas a ter ali, ou seja, como é que eu ei de explicar. Que aquilo que tu estas a fazer, seja aquilo que a criança precisa realmente para crescer, para evoluir, para adquirir competências. As vezes nós não sabemos muito bem o que fazer, andamos aqui a experimentar, tipo tentativa-erro, mas não conseguimos saber se estamos a fazer da melhor forma.

E – Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P3 – Tento investigar, fala como os meus colegas do departamento de necessidades educativas especiais consulto alguns colegas que trabalham na área, pergunto como devo fazer, tentando ir percebendo e direcionando a minha ação.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P3 – Sim, costumo, tens mesmo de o fazer. Por exemplo, colocar mais próximo de mim ou destacar um colega como tutor para o ajudar em algumas situações. Temos que nos adaptar, não podemos achar que é mais um que ali esta e que vai evoluir e se adaptar como os outros, temos que ter essa noção a partido. Temos que fazer de todo o que seja possível para que a criança evolua, por isso temos que nos adaptar.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P3 – Temos de fazer adaptações nos testes, nas fichas e na forma de avaliação. Por vezes faço uma avaliação mais contínua e sistemática, não avaliando apenas os testes, mas fazendo minifichas, os trabalhos de casa, os trabalhos de grupo, isso acaba por ter um peso, que depois também tem de ser ponderado. Temos crianças que saem da sala para ir fazer os testes, pois precisam que alguém lhes descodifique o enunciado, fazemos isso nas crianças que estão devidamente sinalizadas. Depende também do PEI que foi elaborado, onde contem toda a informação importante.

E – Muito bem. O que entende por diferenciação pedagógica?

P3 – Diferenciação pedagógica é algo que todos nós acabamos por ter de fazer em sala de aula, porque não podemos partir do princípio que nos explicamos e que os alunos vão todos ouvir e compreender. Muitas vezes temos que arranjar para alguns uma ficha de reforço, para outros temos que ficar ali ou até fazer um jogo que o leve a entender melhor, temos que ir desmontando aquilo de outra forma, outros precisam de manipular os materiais para compreender melhor. Diferenciação pedagógica é isso é adaptar as metodologias, as dinâmicas, as atividades, etc., consoante as necessidades da criança.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P3 – Equipa multidisciplinar é um conjunto de pessoas que trabalha em conjunto para o bem-estar da criança. Uma equipa que vai conhecendo muito bem a criança nas diferentes áreas e entre todos tem de trabalhar de forma a compreender as limitações e os progressos que ocorrem, de modo a solucionar os possíveis problemas, para que a criança consiga crescer de forma harmoniosa em todas as áreas.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?

P3 – Sim existe. Eu não sei bem como funciona. Sei que temos uma coordenadora e um núcleo de necessidades educativas especiais, constituído por 4 ou 5 técnicos, e depois temos os professores de algumas áreas que vão trabalhando em parceria com o núcleo e o gabinete de psicologia.

E – Depois de falarmos das práticas de ensino aprendizagens e de todo que envolve a mesma, pergunto-lhe sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P3 – Sinto-me desperta para, sinto que tenho mais informação e experiencia que alguns dos meus colegas, no entanto não penso achar-me muito preparada para. O mundo das necessidades educativas especiais é muito vasto e não me sinto preparada para trabalhar com todas as necessidades educativas especiais. Já tive muitos casos de dislexia e algumas necessidades educativas especiais muito leves e não tive qualquer problema em trabalhar com elas. Sinto-me preparada em algumas situações, tendo em conta também o meu passado antes de vir para aqui, no entanto tenho noção que é muito complicado gerir as necessidades educativas especiais e o currículo e adapta-lo a criança e a restante turma.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P3 – Tive uma unidade curricular semestral de necessidades educativas especiais, se não me engano.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's?

P3 – Sim fiz. Fizemos algumas cá na escola. Para além disso, eu sou escuteira já há muito anos e durante 8 anos chefiei o Departamento Regional de Necessidades Educativas Especiais, a nível da região de Lisboa, por isso ter algumas noções das adaptações físicas e todo mais, o que ajuda também a transportar para a escola.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P3 – Gostava de trabalhar o autismo, pois é aquele caso que nunca tive e que se calhar tenho mais duvidas e é a situação em que me colocaria mais vulnerável, porque acharia que não estava preparada, pois acho que é algo muito complexo, que nem sempre conseguimos perceber e acompanhar da melhor forma.

E – Bem, não tenho mais questões. Obrigada pela sua colaboração e participação.

P3 – De nada, foi um prazer.

ANEXO 6 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 4

Entrevistador (E) – Inicialmente vou perguntar-lhe a sua idade?

Professor 4 (P4) – Tenho 39 anos.

E – Tempo de serviço, tanto fora como dentro desta instituição?

P4 – Quando terminei o curso ingressei numa escola pública, onde estive apenas um ano letivo e no ano seguinte ingressei nesta instituição e estou cá desde então. Sendo assim tenho cerca de 17 anos de serviço.

E – Categoria profissional, ou seja, exerce mais algum cargo para além da de docente?

P4 – Sou coordenadora do 1.º ciclo, já há 6 anos.

E – Formação académica?

P4 – Licenciatura em professor de 1.º ciclo, feita na Escola Superior de Educação de Viseu.

E – Pergunto-lhe de seguida, o que é para si ser professor?

P4 – É um desafio. Acho que é um desafio, não é, hoje em dia educar crianças não é fácil, motiva-los diariamente para a aprendizagem, tirar delas o que de melhor elas possam dar ou transmitir, não é. Acho que é um desafio muito grande.

E – Como acha que a sociedade atual encara o papel do professor, ou seja, o seu papel de professor?

P4 – Acho que da maneira como a sociedade tem vindo a evoluir o papel do professor tem vindo a perder importância, é o que nós sentimos pela parte dos pais. O professor há uns anos atrás era visto como uma figura de respeito e hoje em dia isso não acontece. Hoje em dia são os pais que fazem comentários sobre a nossa prática docente, vemos comentadores de televisão que parece que sabem imenso de ensino e nem sequer são professores. Quer dizer acho que acaba por ser uma profissão um bocado desvalorizada e está tem demasiada importância para estar a ser desvalorizada. Mesmo a parte do governo dar estabilidade aos professores nos concursos e nas escolas, acaba muito por influenciar esta visão que a sociedade tem do papel do professor, que eu acho que é fundamental, é a base de todo e que tem perdido importância…

E – Ou seja, deixou de ser o mais importante para ser o menos importante.

P4 – Sim, é o que eu acho. Também acho que isto todo acontece devido ao governo e a imagem que passam dos professores. Quer dizer nos últimos anos é a mudança

constante de programas, das metas, dos sistemas de avaliação, disto e daquilo, isso depois também não ajuda, não é.

E – Enquanto professor, quais são os seus maiores desafios diariamente?

P4 – Eu acho que é cativar as crianças, porque cada vez mais elas tem interesses muito mais aliciantes fora do que é esta escola tradicional. Acho que nós estamos num ensino muito tradicional e que não está a corresponder as expectativas das crianças e acho que hoje o desafio do professor diariamente é captar a atenção deles e motivar para a escola, para a aprendizagem, para o saber cada vez mais. Acho que é cada vez mais difícil, pois os alunos estão cada vez mais desinteressados.

E – E acha que essa desatenção e desinteresse se deve ao quê?

P4 – Acho que até pelo meio envolvente em que eles hoje em dia são criados. Hoje em dia tem acesso a mais coisas que nós na nossa altura não tínhamos, que os próprios pais não tinham. São crianças que vivem numa sociedade extremamente consumista, em que interessa muito oque esta a volta, o que ´que o outro tem e pouco focado as vezes no interesse pessoal de cada um. Acho que hoje em dia as crianças comparam-se muito nas turmas com os colegas, mesmo em termos de notas, os pais comparam as notas, em vez de se focarem no que é que a criança consegue atingir, nas melhorias que ela vai fazendo ao longo do seu percurso. Cada um é diferente e nem todos aprendem da mesma maneira, acho que é o principal desafio hoje em dia é esse, cativar as crianças para a aprendizagem.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P4 – São crianças que tem problemáticas, não é. Agora dentro dessas problemáticas, há crianças com problemáticas muito mais específicas, muito mais graves e outras mais ligeiras, não é, e que realmente se tem de dar uma atenção especial, quer seja a nossa atenção perante a criança, nas aprendizagens e no percurso que ela vai fazendo

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico das necessidades educativos especiais ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P4 – Depende dos sítios onde eles vão fazer as avaliações, acho que depende muito onde se vai fazer o diagnóstico. Tem-me chegado ao longo destes anos diagnósticos muito completos, com muitas sugestões, mesmo da parte dos técnicos que acompanham essas crianças para o professor e ajuda imenso. E tenho outros sítios que não. Acho que vem muito da parte de quem faz o diagnóstico, de quem trabalha com a criança fora da escola

e como é que isso se transmite para a escola. Acho que esta muito dependente disso. Despois há sítios e sítios.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em salas de aula de 1.º ciclo?

P4 – Eu acho que há vantagens se o professor tiver preparação suficiente para conseguir incluir uma criança dessas e para a preparar. Acho que isso será uma vantagem, porque acho que o relacionamento com os outros também é importante, se a escola oferecer essas condições, se houver um apoio especializado para aquela criança que possa complementar o trabalho do professor. Agora se não houver nada disso é uma desvantagem quer para a criança, quer para o professor, porque se o professor também não tiver minimamente preparado para acolher essa criança e não tiver um suporte, o apoio técnico especializado, essa criança vai ficar a margem das outras.

E – Para si, o que é inclusão?

P4 – Quando penso em inclusão … uma criança com necessidade educativas especiais é ela frequentar a turma e estar o mais possível incluída em todas as atividades que nos fazemos, claro que há atividades que tem de ser adaptadas, mas pertencer ao dia-a-dia da turma, quer dizer fazer parte das rotinas de sala de aula é bom para a criança.

E – Para si, quais são as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P4 – Se essa inclusão for bem-feita, não é, só há vantagens. Agora nós assistimos muitas vezes que essa inclusão não ocorre, é um faz-de-conta, em que não existe técnicos, não existe apoios e é mais uma criança que esta ali na sala de aula. Acho que é assim, tem de se ter um trabalho muito articulado entre a equipa de técnicos e o professor, para que a inclusão seja bem-feita. Porque se não, não irá resultar de maneira alguma.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula do 1.º ciclo para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

P4 – Espaço, nesta caso as dimensões das salas, os acessos, como as rampas e os elevadores, os recursos humanos e materiais de apoio a criança e ao professor.

E – Considera que tem essas condições aqui?

P4 – Não, acho que algumas das sala não tem, mesmo pelas dimensões reduzidas que algumas tem. Acho que é mais pelas dimensões das salas tendo em conta o tamanho das turmas, uma aluno de cadeira de rodas iria ter dificuldades em se movimentar pela sala. Acho que até temos algumas condições de acesso, como o elevador para o 2.º piso,

mas não é suficiente. Na realidade também ainda não nós deparamos com nenhum caso desses, temos ido crianças com necessidades educativas especiais, mas até agora casos muito ligeiros, como dislexias e hiperatividades, patologias que não exigem grande mudanças físicas. Neste edifício em que nos encontramos, que é o mais antigo, seria difícil termos condições para ter uma criança com mobilidade reduzida, já no edifício de cima o espaço já é mais amplo.

E – Passando agora a falar das práticas de ensino. Pergunto-lhe quais os tipos de práticas ou estratégias de ensino utiliza para dar resposta a diversidade de aluno e para facilitar o processo de inclusão?

P4 – Parte muito da planificação que o professor faz. As aulas tem de ser planificadas de maneira diferente. No ano passado tive um aluno com muitas dificuldades e eu fazia um trabalho adaptado, ou seja, fazia o mesmo que os outros, mas de forma diferente, o objetivo final era o mesmo, mas a maneira de o atingir era diferente do resto da turma. Faz parte da planificação do trabalho de sala de aula, do trabalho diário.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão?

P4 – Foi adaptando as fichas as necessidades que eles tem, as vezes com mais bonecos ou esquemas, coisas mais simples, não contendo tanta informação, porque as vezes são crianças que se perdem um bocado na leitura da informação e não capta tanto a atenção deles. Costumo usar muito PowerPoint, vídeos, a escola virtual, as plataformas educativas. Utilizo coisas mais visíveis e apelativas, apelando muito ao sentido que eles tem. Realmente eles ficam mais atentos a ver uma coisa com som e imagem, do que o professor a falar.

E – Quais os desafios que sente face à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

P4 – O que é que eu senti? Falando do caso que tive na turma, senti que a própria criança se senti a margem da turma, pois ela própria conseguia perceber que não conseguia fazer as mesmas coisas que os colegas faziam e acho que isso é … Acho que é o principal desafio do professor colmatar essa diferença, fazer ver que não interessa que o trabalho que ela esta a fazer seja diferente, pois ela vai chegar ao mesmo patamar que os colegas. Acho que eles desmotivam muito porque percebem que fazem um trabalho diferente e eu apercebi-me disso com este aluno, ele ficava muito triste com isso, de se sentir que as fichas dele as vezes não eram iguais ou que estavam organizadas por outra forma. Ele

sentia muito isso e ficava triste. Acho que também é um bocadinho o desafio do professor agarrar nestes alunos e tentar incentiva-los a não desistir e dar a compreender aos mesmos que todos são diferentes.

E – Quando tem crianças com necessidades educativas especiais na turma costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P4 – Costumo fazer sim para poder dar mais atenção a essas crianças. Tento criar um espaço na sala de aula em que os outros possam ter mais autonomia a fazer as coisas, como ficheiros autocorretivos. Normalmente essas crianças costumam demorar mais tempo a fazer as atividades e precisam da nossa ajuda, de modo a evitar que os outros alunos fiquem naquele compasso de espera crio esse espaço. No ano passado utilizava muito isso, para poder ficar mais tempo com o aluno com necessidades, por a caso era só um, mas poderiam ser mais, o que seria complicado. Mas tentei das mais autonomia aos outros para conseguir dar mais atenção a criança em questão.

E – Quais os tipos de instrumentos utiliza para adequar o processo de avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais?

P4 – Adaptei fichas de avaliação, fiz fichas formativas, foi adaptando sempre as necessidades dos alunos, mesmo os conteúdos. O processo de avaliação é mais contínuo, uma avaliação mais contínua do que aquela avaliação sumativa final dos períodos, acabando por valorizar o trabalho individual que eles fazem diariamente.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P4 – Acho que passa pela atitude que o professor tem perante estas crianças com necessidades e o saber adaptar-se a elas. Isso implica muito com a planificação de trabalho, temos que fazer um trabalho diferente, elas não conseguem fazer um trabalho igual ao do resto da turma e por isso temos que adaptar os testes, as fichas … O computador também é útil, caso não conseguirem escrever. Por exemplo, o caso do aluno que falei, no primeiro ano este aluno tinham muitas dificuldades em motricidade fina e ele fazia as atividades no computador, a medida que foi melhorando foi fazendo no papel, mas o mesmo não conseguia sequer fazer no espaço de uma folha uma frase, então foi necessário utilizar o computador. Pronto, lá esta a pessoa vai adaptando-se, fazendo, mas dentro dos recursos que tem, que as vezes são muto poucos.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P4 – Equipa multidisciplinar. Acho que é … Parte muito dos professores que trabalham na escola, as vezes desde o psicólogo, aos professores de apoio, aos professores de ensino especial e aos professores titulares. Parte também depois da equipa que acompanha a criança fora da escola. O aluno que tive com necessidades tinha terapias de motricidade fina e ocupacional, uma seria de coisas. Todos nós trabalhamos em equipa, só assim é que é possível ver resultados positivos.

E – Foi me dito que aqui na instituição existe uma equipa multidisciplinar. Como funciona a mesma e como é que deveria funcionar?

P4 – Funciona, mas os recursos são muito escassos. Acho que para a quantidade de casos que temos vindo a ter é pouco, não dá. Cada ano que passa nós vamos sentindo que temos cada vez mais casos de crianças com necessidades educativas especiais, ter que trabalhar com essas crianças, dar apoio e acompanha-las são poucos os recursos que temos, mesmo poucos. O que poderá acontecer e o que acontece muitas vezes é que essas crianças tem melhorias devido ao apoio extra que tem fora da escola. É o que tem salvado.

E – Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com necessidades educativas espaciais?

P4 – Troca de informação, que é feita nas reuniões semanais, e troca de sugestões e de opiniões.

E – Pergunto-lhe agora, sente pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais? E porquê?

P4 – É assim, eu acho que só quando temos algum aluno na nossa sala que tem necessidades educativas especiais é que nós deparamos com as dificuldades do dia-a-dia. Eu por ter passado por essa experiencia, as tantas já estou alertado para uma série de coisas, mas passa muito por termos uma criança nessas condições e sabermos adaptarmo-nos. Temos que fazer formação, precisamos muito de ajuda da parte dos técnicos, muitas sugestões, realmente de um grande apoio. Mas acho que só vivendo as situações e passando por elas e vendo as dificuldades que elas tem no dia-a-dia, os desafios que elas vão ultrapassando, é que uma pessoa consegue mesmo ir ganhando alguma experiencia e fazer as vezes um balanço do que é realmente importante para a criança aprender. Temos mil e uma coisas que temos de ensinar, o que realmente é

importante … porque há muitas coisas que não são importantes e que mais vale dar enfase a outras.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das necessidades educativas especiais?

P4 – Sim, tive disciplinas de necessidades educativas especiais, de organização de currículos, coisas mais específicas.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das necessidades educativas especiais?

P4 – Sim, aqui na escola já tivemos algumas formações.

E – Recorda-se de alguns dos temas?

P4 – Tivemos sobre o défice de atenção e a hiperatividade, tivemos também sobre o autismo, uma vez que temos alguns casos aqui na instituição, entre outros que não me recordo.

E – Se pudesse realizar uma ação de formação na área das necessidades educativas especiais num futuro próximo, qual o tema que gostaria de trabalhar?

P4 – Talvez mais o autismo, que é o que me tem feito mais confusão. Acho que é uma patologia muito difícil, é difícil incluir uma criança autista numa sala de aula. Claro que há vários níveis de autismo, mas sinto que é muito difícil trabalhar com essas crianças. Eu como professor gostava de aprender como chegar a essas crianças, algo muito complicado.

E – Bem, não tenho mais questões a colocar. Agradeço a sua colaboração. Muito obrigado.

P4 – De nada.

ANEXO 7 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 5

Entrevistador (E) – Inicialmente vou perguntar-lhe a idade?

Professor 5 (P5) – 40 anos.

E – Tempo de serviço? Tanto dentro como fora desta instituição?

P5 – Ou seja, desde que comecei a dar aulas?

E – Sim, exatamente.

P5 – Trabalhei em muitos sítios que não contaram como tempo de serviço. Mas tenho cerca de 12 ou 13 anos de serviço.

E – Para além de docente exerce mais algum cargo na instituição?

P5 – Não.

E – Qual a sua formação académica e onde a fez?

P5 – Licenciatura em professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Superior de Ciências Educativas.

E – Para si, o que é ser professor?

P5 – Pergunta difícil.

E – Já não é o primeiro a dizer isso.

P5 – Acho que ser professor é uma grande responsabilidade. Sinceramente não sei o que responder. Ser professor é … para já é algo … nós temos de ter algum gosto em transmitir as crianças e estar com elas, começando por ai. Depois é perceber que nós podemos-lhes dar algo para eles construírem o seu futuro. Não sei se me consegui explicar muito bem.

E – Tem sido a questão mais difícil até agora. Seguindo, como vê o papel do professor na sociedade, ou seja, para si, como acha que o papel do professor é encarrado pela sociedade atual?

P5 – Acho que a sociedade encarra o papel do professor como algo descartável, algo que cada vez tem menos importância.

E – Na sua opinião isso acontece porquê?

P4 – Acho que é devido a todo. Devido a anos de mau ensino, a muita informação, aos encarregados de educação, as escolas. O papel do professor é cada vez menos real,… cada vez mais o professor preocupa-se menos com o transmitir algo, esta muito mais preocupado com outras coisas que o desgasta.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P5 – Neste contexto em que me encontro? Pois é a primeira vez que estou a trabalhar neste contexto.

E – Pode falar um pouco de todo, como achar melhor.

P5 – Neste contexto o maior desafio é faze-los sair da bolha em que se encontram neste contexto, sair do mundo perfeito. No outro contexto é completamente o oposto, é tentar protege-los ao máximo do que os rodeia.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P5 – É quando nós, ou seja, as pessoas que se encontram deste lado não conseguem chegar a mensagem a criança, a criança pode ter algumas dificuldade e mesmo até nós a tentar transmitir algo …, ou seja, até pode ser mesmo nosso o problema. É quando há alguma barreira que faz com que o que nós tentamos transmitir não chega a bom porto.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico das necessidades educativas especiais ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P5 – Temos de todo um pouco. Temos pessoas que não se importam e as crianças chegam e nós não sabemos como atuar e temos outros, como o caso que tenho este ano, que na minha opinião não existe qualquer problema com a criança, mas que esta diagnostica com necessidade educativas especiais. Temos de todo um pouco, tem muito haver também com quem as crianças estão.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens de incluir em salas de aula de 1.º ciclo alunos com necessidades educativas especiais?

P5 – A desvantagem tem a ver com as planificações e com todo o que eu disse sobe o papel do professor. Cada vez temos menos tempo para planificar, é muito complicado, é uma grande desvantagem. A vantagem tem a ver com uma heterogeneidade, algo que nós podemos agarrar e trabalhar isso, mas como eu digo é cada vez mais difícil por causa das planificações e da falta de tempo para as fazer, neste caso. Não aqui neste contexto, isto é uma realidade completamente diferente das que já tive.

E – Para si, o que é inclusão?

P5 – A inclusão é não deixar ninguém para trás por alguma diferença. Eu ia dizer que é diferente de exclusão, mas pronto. Inclusão é isso mesmo incluir, é não deixar para trás, e não despreocupar, é fazer um esforço por alguém que tem dificuldades, neste caso.

E – Quais são, para si, as vantagens e desvantagens de uma Escola Inclusiva?

P5 – As vantagens tem a ver com a parte da heterogeneidade são crianças as vezes diferente e nós temos que … eu acho que faz bem para os outros alunos terem consciência da diferença. As principais dificuldades tem a ver com a falta de meios, tem a ver com a falta de tempo, a falta de apoios, é muita falta. São muitas desvantagens para muito poucas vantagens, essa é a realidade.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, de todo o tipo?

P5 – Meios informáticos, quadro interativos. Estamos a falar da dinâmica de sala certo?

E – Sim.

P5 – Trabalhar em grupos. Nos ainda estamos muito atrasados em relação ao que se faz no resto da Europa.

E – Considera que têm essas condições em sala de aula?

P5 – Não, mas este ano também não tenho alunos com necessidades educativas especiais.

E – Falando agora sobre as práticas de ensino que se desenvolvem em sala de aula. Pergunto-lhe quais os tipos de práticas ou estratégias de ensino utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão? Não precisa de ser uma situação presente, pode ser situações anteriores.

P5 – Eu quando estive noutras escolas utilizava muito as tutorias, uma vez que tinha quatro alunos nessas condições em sala de aula. Utilizei muito as tutorias, usava trabalhos de grupo ou tutores, para se ajudaram entre si. Depois também os inscrevia em ateliês, na escola em que estive tínhamos uma grande dinâmica e havia ateliês de ciências, de matemática, de português, e isto não era específico só para eles era para todos, não havia distinção. Ou seja, colocava-os em contacto com o máximo de coisas possíveis. Todo o que seja transversal as diversas áreas, tanto a estes como a qualquer outros, era muito por ai. Aqui como não tenho essa dinâmica e a única criança que tive com necessidades educativas especiais aqui, era uma criança que tinha sido matriculada com 5 anos e depois era muito imatura, era um caso assim. Acho que era mais a nível da maturação dela e devido a isso acabou-se por reter a mesma, não sei se será muito bom. Só devido ao erro de ter entrado muito cedo para a escola.

E – Que tipo de recursos utiliza no processo de inclusão e que benefícios é que vê neles?

P5 – Ora bem, é assim … Como lhe digo não tenho alunos com necessidades educativas especiais este anos. Eu aqui utilizo muito projeto, projetos individuais, projetos de grupo, apresentações em PowerPoint, entre outros. Fizemos muitos projetos. Tivemos agora apresentações muito originais, que todos os professores ficaram admirados com os trabalhos apresentados, perguntando-se mesmo como é que eles tinham conseguido fazer aquilo, é a tal coisa. Em relação a parte das necessidades educativas especiais foi aquilo que lhe falei a pouco sobre as escolas em que trabalhei, aproveitar o bocadinho que nós tínhamos para aproveitar cada recurso.

E – Que desafios senti-o diariamente face à inclusão dos alunos com necessidade educativas especiais nessa altura?

P5 – Na parte com os alunos?

E – Sim, na interação com eles.

P5 – É assim, era muito comportamental, aliado a algumas patologias, coisas muito pesadas. Um dos desafios que vive foi ter de trabalhar quase dois meses a agarrar o braço de um aluno que tinha ataques de violência dentro de sala de aula. Foi o mais difícil. Depois as coisas até se levaram a bom porto, mas eram crianças com um histórico carregado de medicação. Depois era um mio propício para outras coisas, era muito complicado. As dificuldades é que ele não estavam minimamente preparados. A escola para eles … eles gostavam de ir a escola, gostavam de lá estar, de la ir, mas mão era o veio condutor da vida deles, eram outras coisas. Eles eram obrigados a estar na escola pelos pais, devido aos subsídios. Era muito complicado, a parte da agressividade. Neste caso comportamental, o nível era tão baixo que não dava para ter grandes expectativas. Era muito complicado.

E – Como procurava dar resposta a esses desafios?

P5 – Tentava resolve-los sempre pela lado positivo, tentar arranjar soluções que fossem o menos puníveis possíveis.

E – Quando se depara com este tipo de situações costuma criar novas formas de organização e gestão da sala de aula?

P5 – Geralmente o que faço muitas vezes é … tem de se conhecer bem o grupo para se perceber como é cada criança, pois há crianças que gostam de ajudar, que gostam … o que acabo por fazer é uma tutoria, tento ir muito por ai, mas como lhe digo este meio é diferente.

E – Focando-nos na sua experiencia, ao nível dos instrumentos de avaliação quais é que utilizou para adequar o processo de avaliação dos alunos?

P5 – É como lhe digo, essa parte foi mesmo muito redutora. A escola era uma das piores do país a nível de resultados. Trabalhava-se mais na criação de hábitos de estar em sociedade, algo que eles não tinham. Era muito redutor, não havia grandes estratégias, sou sincero, não havia nada.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P5 – Diferenciação pedagógica na minha opinião é perceber que há dois alunos e que eu estou a explicar qualquer coisa e cada um captada a mensagem de forma diferente, a sua maneira. Eu estou a explicar da mesma forma para os dois, mas cada um vê a mensagem a sua maneira. Nós as vezes temos que ter em atenção que há crianças que não percebem o que nós estamos a dizer e quando isso acontece nós temos que utilizar outro tipo de estratégias.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P5 – Onde é que ela existe? É uma equipa … há uma criança que tem vários acompanhamentos ou apoios, penso que é por ai, e depois em conjunto os diversos intervenientes traçam um plano para ajudar essa criança.

E – Aqui na instituição existe uma equipa multidisciplinar, pelo que me disseram. Sabe como funciona ou como é que acha que devia funcionar?

P5 – Não sei como funciona, para ser sincero, e também não terei grande opinião sobre como deveria funcionar.

E – Agora pergunto-lhe, sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais? E porquê?

P5 – 95% dos dias sim, 5% não. Quando são casos muito pesados não, porque depois acabo por colocar também a parte pessoal e existem coisas com as quais não sei lidar muito bem, mas 95% dos casos sim. Isto deve-se a todo o que já vivi anteriormente noutras escolas.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das necessidades educativas especiais que se recorde?

P5 – Tive certamente, mas não me recordo. Tive um estágio com autistas, foi um estágio muito pesado. Tive, mas como foi a tanto tempo já não me lembro sinceramente.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das necessidades educativas especiais?

P5 – Não, só nos novos programas de matemática é que falamos sobre as adaptações a fazer, mas muito pouco.

E – Neste momento, se pudesse realizar uma ação de formação na área das necessidades educativas especiais, qual o tema que gostaria de trabalhar?

P5 – Gostava de tirar o Mestrado em NEE's, só que a minha vida pessoal não o proporcionou isso, era mesmo sobre ensino especial Era o que gostava de fazer, só que a minha vida pessoal não me permitiu. Não dá, nesta face não da mesmo.

E – Não tenho mais nenhuma questão a colocar.

P5 – Espero que tenha respondido a todo e que não tenha dito nenhum disparate, pois não é a minha praia.

E – Não se preocupe. Agradeço a sua colaboração. Obrigada.

P5 – De nada.

ANEXO 8 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 6

Entrevistador (E) – Começo por lhe perguntar a sua idade?

Professor 6 (P6) – Tenho 30 anos.

E – Tempo de serviço, tanto fora como dentro desta instituição?

P6 – Tenho 7 anos de serviço.

E – Categoria profissional, ou seja, se exerce mais algum cargo para além de docente titular de turma?

P6 – Não.

E – Quanto a sua formação académica? Curso? Escola?

P6 – Tenho Licenciatura em professor de 1.º ciclo do Ensino Básico, que tirei na Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

E – Passando agora para o assunto que nós trouxe aqui, vou começar por lhe perguntar, para si, o que é ser professor?

P6 – Bem foi sempre aquilo que eu quis ser, por isso é difícil de explicar. É assim, para além de ser aquela pessoa que esta ali para ajudar os alunos a adquirir os conhecimentos, porque nós podemos transmitir, mas se eles não tiverem abertos para isso não vale a pena, ou seja, se eles não quiserem aprender não vale a pena estarmos ali a debitar a informação, pois eles não vão retê-la. É também aquela pessoa que esta á para lhes dar confiança, para os ajudar a crescer, para dar carrinho, ou seja, é um misto de coisas, é o ser transmissor de informação, o guia que os leva através do caminho da aprendizagem e ao mesmo tempo é aquele pilar que os apoio no seu dia-a-dia. Nos acabamos por passar mais tempo com eles do que os pais, portanto, temos muitas funções.

E – Certo. Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente pela sociedade?

P6 – Cada vez mais o professor é mais desvalorizado, acham que é um mero prestador de serviços. Então no ensino particular, acham que pagam e que o professor tem de fazer isto, tem de fazer aquilo e tem que cumprir todas as exigências e mais algumas dos pais, mesmo que ele não consiga dar resposta. Sabemos que o programa que temos, com o tempo letivo que temos com as criança e as dificuldades que vão aparecendo é difícil, é suposto termos tempo para trabalhar várias coisas em sala de aula, várias

competências, agora nem sempre temos tempo para isso, as vezes a ajuda dos pais é fundamental. Só que os pais, na sociedade de hoje em dia, não tem tempo e exigem demasiado do professor. O professor tem que fazer isto, tem que fazer aquilo e não percebem que o professor também é um ser humano.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P6 – O maior desafio é tentar chegar a todos eles, a todas as crianças, motiva-las e cativa-las. As vezes é complicado, porque cada um deles tem as suas caraterísticas, nem todos aprendem da mesma forma, nem ao mesmo ritmo, mas eu sei aquilo que tenho de cumprir, as exigências que me são pedidas e tentar fazer com que todos percebam e que todos consigam avançar é bastante complicado. Depois temos que ter em atenção que as caraterísticas são diferentes, logo vamos ter crianças com mais dificuldades do que outras, em determinadas áreas, é preciso adaptar. Não é fácil, porque não é chegar aqui e utilizar uma fórmula que dá para um da para todos, isso é uma coisa que me causa alguma dificuldade. Temos também a quantidade de conteúdos que se tem de trabalhar, cada vez mais difíceis, com crianças que vem cada vez mais imaturas para o 1.º ciclo, também não é fácil.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P6 – Para mim necessidades educativas especiais é aquela criança que não consegue controlar a dificuldade que têm, porque há uns que tem dificuldade de concentração, mas se for trabalhado conseguem controlar-se, mas há crianças que têm tanta dificuldade de concentração que não conseguem mesmo controlar-se, é algo que lhes é intrínseco. A partir dai começa a ser necessidades educativas especiais, não é imaturidade, não é falta de hábitos e de métodos de estudo, é algo que eles mesmos não conseguem controlar.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P6 – Depende do local de onde vêm os relatório de diagnóstico, há locais que fazem e enviam relatórios mais completos e há outros que nem tanto, isso varia muito. Mas na grande maioria traz uma ou outra estratégia ou sugere o 3 de 2008, mas para além disso se não tivermos um trabalho aqui de equipa com o departamento de psicologia e com o departamento de necessidades educativas especiais, aquilo que vem nos relatórios simplesmente não é suficiente, porque eu não tenho formação específica em

necessidades educativas especiais e não estou preparada. Sim, eu investigo e procuro estratégias, eu coloco em experimentação algumas, mas tenho de ter em atenção porque aquilo que é dito e sugerido nem sempre se aplica a criança. Agora uma psicóloga tem mais capacidades para avaliar um aluno e neste sentido de ver quais as caraterísticas do aluno, pois tem varias sessões com a criança direcionadas só para isso, e depois deve de transmitir a informação ao professor. Por exemplo, eu tento sempre reunir-me com os psicólogos que fazem as avaliações, mas as vezes existem psicólogos que não dão essa abertura e limitam-se a escrever um relatório e enviar, nada mais que isso. Para mim os diagnósticos são reduzidos, pois também dos pais e dos locais onde os mesmos são feitos.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P6 – Eu acho que a grande vantagem é o enriquecer da sala de aula, tanto para mim, como professora, como para os restantes alunos da turma, porque, é assim, eles ficam a conhecer outra realidade, levando-os perceber e saber aceitar que nem todos são iguais. Eu acho que o saber respeitar o outro é muito importante. Hoje em dia é muito difícil o respeito pelo outro, porque as crianças são habituadas a não o fazer, mas eu tento que isso aconteça, de terem a noção que existem outras realidades, o que é muito bom. Agora desvantagem, bem é complicado o professor ter tantas coisas em que se preocupar, que é os recados que tem de ser dados, as particularidades de cada aluno, mais as exigências que são feitas pelos pais, mais os programas que tem de ser cumpridos, mais os projetos que tem de ser feitos, tanto de exigência da escola como da importância dos mesmos para os alunos trabalharem diversas competências, isto todo aliado a um aluno com necessidades educativas especiais, que as vezes não é só um, são vários, pois temos aqueles que não são diagnosticados, mas que tu percebes que existem, ter em atenção todos esses casos mais os outros que vão andando e que nos vamos tentando trabalhar com eles, todo isto leva a que não de para chegar a todos, torna-se difícil. Então na altura das avaliações, temos os testes e as suas adaptações, mais os trabalhos de casa adaptados, mais a atenção que tem de ser dada, são muitos detalhes a ter em conta. O excesso de trabalho e de documentos e de relatórios levam a que seja difícil acompanhar a criança com mais tempo e com qualidade. Mas, no fim

acaba por ser bom ter essas crianças em sala de aula, ainda mais quando o teu esforço e trabalho é reconhecido pelos pais e pela ajuda que eles dão, é muito bom.

E – Para si, o que é inclusão?

P6 – Eu acho que inclusão é termos numa dita sala de aula normal uma criança que tem necessidades educativas especiais, não a retirando por completo da turma, permitindo que a mesma esteja com a turma e não andar sempre em apoio fora de sala de aula. Temos de saber corresponder as suas dificuldades e necessidades, fazer com que ela crie um bom relacionamento com os colegas, incluir sem fazer diferença se tem necessidades educativas especiais, fazer com que ela tenha as mesmas experiencias que os outros, porque ela não tem culpa da dificuldade que tem, muitas vezes nem é algo visível.

E – Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P6 – Acabam por ser as mesmas vantagens do que ter uma criança com necessidades educativas especiais numa sala de aula. Mas é preciso ter em atenção, é assim, tem de ser mesmo uma escola inclusiva, não é dizer que é e depois temos a criança com necessidades educativas especiais e não fazemos nada para a incluir. O grupo das necessidades educativas especiais é muito grande, podemos ter uma simples dislexia, como podemos ter um autismo, que não consegue estar em sala de aula. A desvantagem maior é que exige demasiada atenção e preparação de materiais, de coisas que sabemos que no dia-a-dia são importantes, é muito complicado e quase impossível ter alguém disposto a preparar e que consiga preparar os materiais para dar resposta, se isso não acontecer não se pode dizer que é uma escola inclusiva. Portanto, para sermos uma escola inclusiva temos que saber faze-lo de corpo e alma, pois isso exige muito.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P6 – Na minha opinião, para já a sala deve estar dividida em cantinhos, como se faz no Pré-escolar, porque há materiais que tem de estar em sala de aula. Por exemplo, crianças com dificuldades motoras ou intelectuais precisam de materiais mais concretos, porque o raciocínio abstrato não tem por completo, então a sala tem de estar fornecida desses materiais. Eu acho que tem de ter um conjunto de materiais para ajudar no raciocínio, por exemplo, ficheiros de dislexia para ajudar as crianças com dislexia. Acho que devíamos de ter em sala muitos mais materiais concretos preparados

para as diferentes necessidades educativas especiais, que muitas vezes não temos. O quadro interativo também era importante, porque sabemos que as crianças atualmente já nascem viradas para a tecnologia e não é num LCD que vão ver tão bem ou que vai ajudar, no quadro interativo as coisas são mais fáceis, pois ela podem fazer nele os exercícios ou ver um vídeo. Portanto a tecnologia e os ficheiros, acho que são muito importantes, e claro o espaço em sala de aula também.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P6 – Não tenho, não, falta-me todo. Mas tento ter alguns materiais que possam ser utilizados. Utilizo o LCD que tenho em sala de aula, mas seria mais benéfico um quadro interativo, mesmo para crianças sem necessidades educativas especiais, por exemplo, para fazer uma correção de um trabalho poderíamos projetar a página do trabalho e seria mais fácil a correção, do que eu estar com o meu manual e fazer a correção oralmente ou apontar para o meu manual.

E – Depois de falarmos sobre a inclusão e as necessidades educativas especiais, passo para o processo de aprendizagem. Começo por lhe perguntar quais os tipos de práticas ou estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P6 – Bem, em primeiro lugar eu já tive em turma um défice de atenção moderado e atualmente tenho uma dislexia, um défice intelectual e estamos a fazer a avaliação de um aluno que suspeitamos ter uma hiperatividade. O que eu tento fazer parte daquilo que eu vou sabendo e pesquisando, por exemplo, coloca-los mais a frente, tirar os elementos distrativos, peço mesmo aos pais para evitarem comprar materiais com bonecos, falar com eles mais diretamente, tenta apoiá-los individualmente, vou tentando fazer isto no dia-a-dia, explicar os exercícios, ir cada vez mais para termos mais concretos, simplificar ao máximo, tentar fazer com que eles utilizem materiais mais concretos, isto faço tanto para as crianças com necessidades educativas especiais como para as restantes, para que ninguém se sinta excluído, acabo por simplificar para todos e é mais fácil atingir o objetivo e a compreensão do conteúdo que esta a ser trabalhado. Não sei se me explique bem e se deu para perceber.

E – Deu sim, não se preocupe. Como tem vindo a referir aos poucos os recursos que utiliza, como o LCD, os materiais para a concretização, entre outros. Pergunto-lhe se utiliza mais alguns e quais os benefícios dos mesmos?

P6 – Utilizo também a projeção de PowerPoint e por vezes o computador. Benefícios? Acho que é a compreensão, torna-se mais simples, ou seja, é muito mais fácil atingir a compreensão do conteúdo se utilizarmos aqueles recursos, porque se eu quiser fazer um calculo, mesmo que eu ensine o algoritmo, que é um sistema que acaba por ficar mecanizado, se nos não começarmos por perceber o que é uma adição de elementos, seja de lápis ou palhinhas, em sala de aula quando eles são mais novos, eles não compreender que aquela operação quer dizer, o que é que aquilo significa, como se tiverem a fazer um problema onde tem de repartir ou dividir, se não compreender como consiste a divisão, fazendo exercícios concretos e com números pequenos, a operação deixa de ter importância, pois eles não a compreendem.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P6 – As vezes por eles tem umas caraterísticas muito próprias e não é fácil o relacionamento com os colegas, porque são muito ocados neles próprios e são também inseguros, noto muito isso. Esta insegurança também não ajuda, ou seja, a dificuldade que eu acabo por ter é fazer com eles se relacionem bem com os colegas e também a questão de lhes dar confiança, para eles perceberem que eles conseguem fazer toso aquilo que eles quiserem, desde que se dediquem e se esforcem ao máximo, sem desanimar. É uma coisa muito difícil, porque se chega a um ponto, em que se tenta diversas estratégias e a criança não consegue e quando não consegue começa a dizer coisas do género "eu não vou conseguir", "eu sou um burro", quando ninguém lhe disse isso. Tirar-lhes essas ideias da cabeça acaba por ser o maior desafio que tenho.

E – Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P6 – Em primeiro lugar tento criar uma boa relação com eles, apesar de ser a figura de autoridade, a pessoa que esta dentro da sala que ensina e que empoem a ordem e as regras e que os coloca de castigo caso se comportem mal com os colegas, tenho também esse papel de amiga. Ou seja, alguém com quem eles podem falar sobre todo e se tiverem alguma dificuldade podem estar a vontade para virem falar comigo, porque embora eu perceba as dificuldades que eles tem eu não consigo ler os pensamentos, o que lhes passa na cabeça, e torna-se complicado. Tento aproximar-me e criar uma boa relação, a partir dai tento apoiar, mesmo que esteja muito cansada, depois de tentar de todo para que eles compreendam, eu tento com que eles percebam que não é por

desistir que eles conseguem chegar onde querem, é preciso continuar a batalhar, porque há dias melhores e dias piores, mas é a continuar a tentar e a lutar.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P6 – Sim. Tento gerir a sala e a sua organização consoante a necessidades educativas especiais. Mas, por norma, sempre que é sugerido, é que as crianças com necessidades educativas especiais fiquem mais perto da professora, para ajudar e monitorizar a evolução das crianças, então eles vão variando, as vezes estão a pares ou em grupos de três, não faço grupos muito grande, mas por norma têm sempre companhia, mas sempre muito perto de mim.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P6 – Eu para já para cada um deles crio um caderno, como se fosse um caderno de trabalhos extra de apoio, porque assim eu vou colocando lá exercícios daquilo que eles precisam mesmo de trabalhar e onde tem mais dificuldades, e também serve como uma ponte entre mim e a professora de apoio, quando a mesma tem oportunidade de estar com elas, vai fazendo os exercícios que eu vou colocando no caderno. Este caderno também, a certo ponto, serve de ponte entre mim e os pais, para verem o género de trabalhos é que eu mando e que trabalhos extra e que eles levam para casa, também para continuar o trabalho que é necessário. Depois tento fazer mini testes, pego também nas fichas do dia-a-dia e vou avaliando, de forma a ter mais elementos de avaliação, em relação a estes alunos, e os testes acabo por adaptar os mesmos e possibilito a esses alunos a utilização de materiais para manipular, só quando é preciso, de maneira a concretizarem o que é pedido.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P6 – Ou seja, não existe uma receita igual para todos, temos de adequar a forma de ensinar consoante as necessidades de cada um dos alunos, tendo eles necessidades educativas especiais ou não. As vezes as crianças não tem necessidades educativas especiais, mas precisam de uma outra atenção, de uma forma diferente de explicar, um outro apoio e não é preciso vir um relatório para dizer isso. As crianças não são todas iguais, tem ritmos diferentes de aprender.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P6 – É uma equipa que é constituída por vários elementos e cada um deles é especializado numa área diferente, mas trabalham todos em conjunto para o bem da criança.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?

P6 – Sim temos. Mas, a equipa para já é muito reduzida para o número de casos de crianças com necessidades educativas especiais que temos na instituição. Somos seres humanos, todos nós, todos temos o direito de ficar doente, de engravidar, de ter filhos, etc., mas na verdade é que cada vez que há um elemento em falta estas crianças saem a perder. Depois eu acho que devia de haver muito mais ligação ou muito mais apoio desta equipa ao professor titular, porque os alunos sairiam a ganhar com a possibilidade de terem muito mais materiais diferentes ou estratégias pedagógicas, mas também diferenciadas, para conseguiram melhorar a nível pedagógico. Só que nem sempre acontece, porque a equipa disciplinar, cada um está tão focado no seu trabalho, que se esquece que se trabalhássemos em equipa estes alunos é que sairiam a ganhar.

E – Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?

P6 – Bem nos vamos falando, eu faço um pequeno balanço, mesmo que nem seja no refeitório da escola, sobre como é que correu a sessão de apoio da manhã ou que dificuldade permanece. Partilhar é o ideal, mas não é o fantástico. Mas, não existe mais do que isso, isto é o que se consegue.

E – Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P6 – É assim, eu já fiz e contínuo a faze-lo, mas precisava de mais, precisava de saber mais, de ter tempo, de ir a mais formações, de conseguir ajuda-los de outra forma. Faço o melhor que sei e tento dar sempre o melhor de mi e o que consiga. Mas, é sempre insuficiente.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P6 – Sim. Tive uma disciplina mesmo de necessidades educativas especiais, mas acho que não é eficaz, ou seja, ter um disciplina com um nome todo pomposo, onde supostamente n´s vão ajudar a lidar com crianças com necessidades educativas especiais, o que temos de fazer e algumas estratégias, sim no papel é bonito, termos de decorar o que vai sair na frequência e temos de escrever lá como temos de agir, mas

não há uma receita, devíamos ter trabalhados mais e termos também a possibilidade de estagiar num sitio onde nos desse essa bagagem. Porque eu estagiei numa escola com uma criança com autismo, mas na minha opinião acho que ela não estava tão bem incluída, ou seja, tinha uma professora de apoio, de necessidades educativas especiais, que apoiava e que estava lá com ela e ia trabalhando com ela, mas na verdade, enquanto estudante de 1.º ciclo, sabendo que isto poderia acontecer, não me senti preparada. Na altura nem com crianças com necessidades educativas especiais nem com crianças sem necessidades educativas especiais. Porque o curso é um debitar de matéria, não há experiencia com as crianças, o tempo que há é pouco. A experiencia de estar com crianças no dia-a-dia ninguém te dá, ninguém te passa, falha muito coisa e tens de aprender, se tiveres bons colegas eles ajudam-te, mas és sempre vista por eles e pelos pais como a mais nove e a que esta licenciada á menos tempo. Quando comecei a trabalhar foi trabalhar para uma escola na Parede, a minha primeira semana foi ajudar os alunos a ter bons hábitos dentro de sala de aula, cumprir horários, a estar sentados corretamente, a fazer pequenos trabalhos para voltarem a rotina das aulas, nada mais para além disso. Os pais viram-me com 23 anos e acharam que eu não era capaz e foram fazer pressão a direção, poucas horas depois eu foi despedida sem saber porque e sem poder mostrar aquilo que eu sei. Sim tinha acabado o curso e o curso não nós prepara assim tão bem, mas a idade é um posto, importa muito, quanto mais idade, mais experiência.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação?

P6 – Sim, já fiz. Nós aqui, como grupo de 1.º ciclo fazemos as vezes pequenas formações, mas acho que é sempre muito pouco tempo, vamos sempre aprendendo algo novo, mas acho que não é suficiente, Já fiz sobre autismo e fiz mais algumas, mas não me recordo.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P6 – A dislexia, porque é uma dificuldade ou necessidade casa vez maior em sala de aula, pois há cada vez mais crianças com esse diagnóstico. Acaba por ser muito semelhante ao trabalhar a ortografia em sala de aula com as crianças ditas normais, mas há tantas questões, as vezes os sons, a forma de trabalhar, que ao eu aprender como trabalhar

com crianças com dislexia, iria enriquecer-me e ia ajudar-me a trabalhar com as outras crianças, com o grupo todo.

E – Bem não tenho mais questões a colocar. Muito obrigada pela sua colaboração e participação.

P6 – De nada, espero ter ajudado.

ANEXO 9 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 7

Entrevistador (E) – Em primeiro lugar pergunto-lhe a sua idade?

Professor 7 (P7) – Tenho 37 anos.

E – Tempo de serviço, tanto dentro como fora desta instituição?

P7 – Tenho 10 anos de serviço.

E – Categoria profissional, ou seja, exerce algum cargo para além de docente dentro desta instituição?

P7 – Não, sou apenas professora titular de turma.

E – Formação Académica? Curso? Escola?

P7 – Licenciatura em Ensino Básico do 1.º Ciclo, que fiz na Escola Superior de Educação João de Deus.

E – Começou por lhe perguntar para si, o que é ser professor?

P7 – É ajudar as crianças a crescer. É ajudar a serem seres humanos melhores, para darem continuidade a educação que vem de casa, principalmente, nas idades mais jovens, nos mais pequenos, que precisam de mais atenção, mais carinho, mais mimo, contrabalançando com as regras, com as rotinas que são necessárias. É a conjugação de um ensino, de uma aprendizagem com a educação.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente pela sociedade?

P7 – Cada vez pior. Ou seja, o professor tem um papel cada vez mais importante, mas visto ou encarado de uma forma manos importante pela sociedade, nomeadamente, pelos pais, nomeadamente, em instituições privadas, porque pagam acham que tem o direito de exigir todo e mais alguma coisa. Portanto são realidades diferentes, não é, estamos a compara realidade entre o publico e privado, difere muito a maneira como o professor é visto. Neste caso, a minha realidade é privada. Acho que é cada vez menos valorizado o professor e é exigido de mais ao professor, portanto aquilo que deveria ser feito em casa, esta a passar para a escola.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P7 – Dizia-as que a outra pergunta era complicada. Não, esta é mais complicada. Os desafios diários são tentar chegar a eles de maneira simples a que eles consigam compreender aquilo que nos dizemos, aliado a dificuldade que nos temos vindo, nos professores, nos últimos anos a observar, que são crianças cada vez mais imaturas,

crianças cada vez mais infantis. Temos muitas crianças a chegar ao 1.º ano com 5 anos, muito, muito infantis, muito imaturas e que se nos observarmos e que a com a experiencia que temos, vemos que não tem dificuldades de aprendizagem propriamente dito, mas que não consegue chegar tão facilmente ao que é pedido pelo programa e pelo que é exigido pelo programa, porque ainda não chegaram ao nível de maturidade e ao nível de evolução cognitiva necessária. Também sinto alguma dificuldade em relação aos pais, as vezes ao nível do acompanhamento, alias ao nível de terem noção daquilo que implica a passagem de um pré-escolar para um 1.º ano, para i 1.º ciclo. Basicamente, é isso.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P7 – São crianças que por algum motivo, seja ele a nível cognitivo, seja ele ao nível físico, precisam de uma diferenciação, em relação as outras crianças que não tem dificuldades ou essa necessidade, quer cognitiva, quer física.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P7 – Eu acho que há um misto. Acho que há relatórios por todo e por nada, só para justificar o insucesso de uma criança, o insucesso escolar de uma criança. Muitas vezes basta um bocadinho de atenção mais em casa e exercícios mais dirigidos, de levantamentos de dificuldades mais específicas e trabalha-las. Depois é todo justificado ou com uma dislexia, ou com uma disortografia, ou uma hiperatividade, hoje me dia todo se justifica com uma hiperatividade e coisas afins. Aqueles casos que são mais severos e que são notórios, e que por vezes os pais tem dificuldades em ver e aceitar, normalmente, os relatórios que nos chegam das avaliações psicológicas não correspondem ou não estão de acordo com aquilo que nos vemos em sala de aula diariamente. As crianças vão a meia dúzia de sessões, essas sessões são pagas pelos pais e muitas dessas instituições onde fazem as avaliações querem agradar aos pais e fazem uma avaliação com base em seis ou sete sessões, o que é impossível, em vez de ser de acordo com aquilo que nos vemos dentro da sala de aulas todos os dias, durante o dia inteiro. Essas avaliações acabam por não estar de acordo, seja ao nível da Matemática, do Português, do Estudo do Meio, do relacionamento com os pares.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P7 – Eu acho que depende do tipo de necessidade que a criança tenha. Eu acho que depende muito dessa parte, depende se é um caso de autismo severo, se é uma dislexia, que são coisa completamente diferentes e ambas são necessidades educativas especiais. Há crianças que conseguem estar plenamente integradas numa sala de aula, tendo o apoio necessário as suas condições, acho que faz todo o sentido e não vejo porque é que isso não possa acontecer. Em relação a uma criança que tenha um autismo severo, que se pode tornar violento, que não consegue comunicar, a minha experiência e por aquilo que eu tenho visto é que não é um benefício, nem para a própria criança, que não esta a ser acompanhada de forma adequada, devido a sua condição, e não esta a ser bom para quem esta a volta dessa criança, porque não consegue chegar até ela, porque é uma criança mais violenta, é uma criança mais fechada, é uma criança que precisamente tem dificuldade de comunicação e de relação com os seus pares. Depois podem ocorrer episódios de violência e de agressividade de uma criança que não tem culpa, que depois será culpabilizada pela comunidade educativa, desde os auxiliares, professores e pais, quer dos próprios pais da criança, quer dos pais das restantes crianças. Eu acredito na inclusão se houver condições para essa inclusão existir, quando há condições de estrutura, quando há recursos humanos, se isso não existir é impossível haver uma inclusão.

E – Com esta resposta, já fez uma pequena ponte para o próximo tópico. Para si, o que é inclusão?

P7 – É não fazer distinção, obviamente nos fazemos distinção entre todos eles mesmo sem falar da inclusão de crianças com necessidades educativas especiais, não é. Cada um deles tem a sua personalidade, tem a sua forma de ser e a nível do 1.º ciclo o facto de nós os acompanharmos durante 4 anos, permite-nos ir conhecendo as crianças e sabendo se é uma criança que pede sempre para ir a casa de banho, porque quer sair da sala, como uma criança que pede para ir a casa de banho porque precisa mesmo de ir. E quem diz isto numa ida a casa de banho, diz em todas as outras coisas, nível da aprendizagem e a nível do relacionamento. Portanto, eu acho que incluir é permitir que essa criança tenha as mesmas oportunidades que as outras, mas volto a referir consoante a sua necessidade educativa especial, uma criança com autismo severo ou um problema de comunicação, não conseguira ou dificilmente conseguira estar numa

turma com criança que não tenha essas necessidades. Portanto, vai variar muito, mais uma vez do tipo de necessidades educativas especiais.

E – A próxima questão era sobre as vantagens e desvantagens da escola inclusiva, mas já obtive alguma informação com a resposta anterior, mas pergunto-lhe se quer acrescentar mais alguma coisa?

P7 – Eu acho que cada caso é um caso, acho que passa todo por uma questão de haver estruturas nas escolas para receber essas crianças e pessoal quer docente, quer não docente, apto e qualificado para saber trabalhar com essas crianças. A maior parte das pessoas que esta com essas crianças e com essas necessidades não tem formação nessa área e muitas vezes não sabe o que fazer com esse tipo de crianças, não sabe como ajudar, não sabe como melhorar d forma a incluir e a haver menos diferença entre as crianças com necessidades educativas especiais e as crianças sem.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P7 – Para começar tem de ter uma área grande, a nível físico, de espaço, tem de ser uma sala com espaço, tem de ser uma sala que não pode ter nem 25, nem 26 alunos, certo. Tem de ser uma sala que tenha mais do que um professor, porque de duas uma, ou esquecemos a criança com necessidades educativas especiais ou esquecemos os outros 20 ou 18 ou 16 alunos, para dar atenção aquela criança, porque efetivamente tem alguma necessidade e precisa de um maior acompanhamento. Portanto, é fundamental haver recursos humanos, haver mais um professor, mais uma vez especifico daquela área, para poder ajudar e contribuir para a evolução daquela criança, independentemente de ser uma evolução grande ou pequena, irá fazer a sua evolução e precisa de um acompanhamento específico, que numa turma de 26 sem mais ninguém dentro da sala de aula é quase impossível. Alguém, alguma das partes irá ficar para trás, irá ficar com menos atenção.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P7 – Não tenho essas condições, pois falta-me todo. Não tenho nenhuma situação do género na turma, mas se tivesse era preciso menos alunos na turma e mais um professor a sala de aula, permanentemente, para poder acompanhar essas crianças.

E – Quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P7 – Pergunta difícil. É assim, como profissional, como professora, obviamente nunca iria deixar para trás uma criança com necessidades educativas especiais, não é. Iria ter de me redobrar em 20 professores para conseguir acompanhar uns e outros, através de exercícios, ou seja, a mesma matéria, mas com exercícios diferentes, tendo em conta a necessidade específica daquela criança. A própria estrutura da sala teria de mudar, consoante o problema que fosse, consoante a necessidade que fosse, iria ser alterada. A própria dinâmica de sala de aula iria mudar, desde a aula mais teórica, a aula mais expositiva, as aulas mais dinâmicas, depois temos também o caso de algumas matérias não serem tão fáceis de dinamizar, torna-se aulas mais expositivas e se calhar com determinadas crianças isso não é possível. A matéria é mais que muita, para cumprir o programa, pouco espaço da para haver uma pratica depois de se dar a matéria, para praticar e para exercitar. O fundamental muitas vezes nestas crianças com necessidades educativas especiais é a prática, é a experimentação. Portanto, acho que teria de ir muito por esse caminho e consoante o tipo de apoio que houvesse de outros professores da área.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? Quais os benefícios desses recursos?

P7 – Em primeiro lugar os benefícios são sempre para a criança e aquilo que nos fazemos e as estratégias que adotamos é sempre a pensar na evolução da criança. Acima de todo é fundamental ter uma relação com a turma que nos permita falar desses assuntos, porque eles não são tolos e começam a perceber que há um tratamento diferente e que pode ser um tratamento especial ou então pelo contrário ser um tratamento especial porque é "burro", isso é o que eles pensam muitas vezes. A ideia em primeiro lugar é tentar desmitificar com eles e explicar o porquê e falar abertamente das coisas com eles, obviamente que depende das idades. Por exemplo, normalmente quando essas coisas começam a ser diagnosticas é por volta do 2.º ano, quando a leitura e a escrita já estão mais adquiridas, no 2.º e no 3.º ano é que se começa a aplicar essas estratégias, de modo a ajudar na evolução da criança. Acho que o 1.º passo é fundamental, já tem outra maturidade e outra forma de ver e entender as coisas, logo essa relação com a turma e falar é fundamental. Pela minha experiencia, com estratégias que utilizei, eles próprios ajudam os colegas que têm essas dificuldades, portanto é fundamental o relacionamento com o outro. Se quem tem essas necessidades sentir que apesar de

nesse aspeto ser um bocadinho diferente, não significa que tenha menos capacidade que os outros, apenas tem essa dificuldade acrescida, assim como os outros podem ter essa dificuldade a saltar a corda ou dificuldade motora. Portanto eles tem de entender que nem todo somos prefeitos, que nem todos sabemos fazer as coisas todas e que temos mais jeito para umas coisas do que para outras. O importante é trabalhar e tentar melhorar as dificuldades que vão aparecendo, quer sejam crianças com necessidades educativas especiais, quer não sejam. Isto falando obviamente, em crianças com necessidades educativas especiais na área da aprendizagem da leitura e da escrita, uma dificuldade motora, etc., são coisas diferentes de necessidades educativas especiais mais severas.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P7 – Tendo em consideração as minhas experiencias, não me recordo de ter grandes dificuldades, nem em relação ao relacionamento entre pares. É assim, as crianças muitas vezes são mazinhas umas com as outras, mas são no com crianças com ou sem necessidades educativas especiais. Eu acho que elas próprias, nestes casos que nos estamos a falar, das dislexias, disgrafia, etc., elas próprias não fazem essa distinção. Agora se for maus, tanto são com os colegas que têm necessidades educativas especiais, como com os que não têm. Portanto, na minha experiencia, não tive grandes desafios, pois eram necessidades educativas especiais muito leves e estava provida de matérias e estratégias, e o relacionamento entre as crianças era relativamente bom.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula? Exemplifique.

P7 – Bem, eu tento que as crianças com necessidades educativas especiais estejam mais próximas do quadro e mais próximas de mim, a nível de estratégias de sala de aula. Depois tenho trabalhos de reforço nas áreas onde tem mais dificuldade, por vezes combinados com a família, com os pais. Obviamente, que nos temos sempre a consciência que estamos mais em cima daquela criança com dificuldade, mais atentos, mais seguintes do seu desempenho, do seu trabalho, de forma a quando houver um erro estar logo em cima para conseguir corrigir e colaborar de modo a que não se sintam que elas não conseguem, que são incapazes, que são diferentes dos outros.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P7 – Normalmente em criança com dislexia e com disortografia, temos a despenalização dos erros, temos atenção no espaçamento das perguntas e do tipo de respostas. Portanto, a nível da avaliação, as avaliações são iguais no conteúdo, a pergunta é que pode ser feita de outra forma, com outra linguagem e opção de resposta também.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P7 – Diferenciação pedagógica, segundo as palavras são diferentes pedagogias. Eu dou um exemplo, nós aqui na instituição, no Português começamos a ensinar a ler pela globalização da palavra, a mancha gráfica, primeiro decorar e depois desconstruir, mas eu não acredito só nesse método, portanto eu agarro um bocadinho de cada método que eu conheço e junto aquilo que eu acho importante passar para eles. Não acredito que só um método seja o ideal, acho que não há métodos ideais, na maioria das crianças funciona, mas há sempre uma ou duas que não conseguem acompanhar, portanto ai tenho de fazer uma diferenciação pedagógica a nível do ensino da leitura e da escrita, neste caso, de modo a conseguir chegar a criança. Não posso dizer a criança que tem de aprender este e acabou, não, temos de arranjar outras metodologias, outras formas de chegar a criança, para que possa aprender e ter o mesmo sucesso que os outros.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P7 – É uma equipa que a partida consegue por em prática diferentes áreas, não só a sua área, mas que também consegue por em prática outras áreas que sejam necessárias e que se apliquem, Digamos que são bombeiros polivalentes.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?

P7 – Na minha opinião a nossa equipa tem falta de recursos humanos, como tenho referido, a falta de recursos humanos dificulta muito o processo de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais, pois o seu empenho e a sua dedicação nem sempre são suficientes, por vezes não tem qualificação suficiente. Para além disso, cada vez mais aparecem mais casos de crianças com necessidades educativas especiais e o número de professores que há não consegue dar resposta. Uma criança que tem uma necessidade educativa especial não é com uma hora e meia de apoio por semana que consegue ter grandes resultados ou evolução, muitas vezes fica exatamente igual e não avança. Mais uma vez falo dos recursos humanos, capacidade de pessoas, da quantidade

de pessoas que estejam qualificadas para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais.

E – Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?

P7 – Não sei, não faço ideia, pois este ano não tenho casos na turma e nos anos que tive eram acompanhados fora da escola.

E – Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P7 – Depende das necessidades educativas especiais, ou seja, uma coisa é trabalhar com uma criança com uma disgrafia ou disortografia ou dislexia, em que há estratégias mais específicas, há um acompanhamento diferente que conseguimos fazer, outra coisa é um caso de autismo severo, por exemplo. Num sinto me preparada e já tive alunos com essas necessidades dentro de sala de aula, consegui acompanhar perfeitamente, consegui ajudar e arranjar estratégias para os fazer evoluir e melhorar a sua aprendizagem. Mas, no entanto, não me sentiria capaz se tivesse um caso de autismo severo, o nível comportamental, ao nível social, ao nível do relacionamento com os pares, como se calhar há em ciclos mais avanças, pois não tenho formação para enfrentar tal situação.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P7 – Se tive foi tão breve e tão pouco aprofundada que não me recordo se tive. Devo ter tido se calhar numa disciplina chama Saúde, provavelmente foram faladas essas situações, mas também foi-me obrigado a decorar o plano de nacional de saúde e de vacinação, portanto. Depois é difícil nos retemos determinada informação se não estamos com esse género de crianças, acaba por ser uma coisa que nos passa um bocadinho ao lado.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação?

P7 – Ao longo dos anos vão sempre aparecendo formações de uma hora ou de duas horas, mais tipo palestra sobre o assunto, mas formação específica dessa área não.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P7 – É assim, eu acho que muitas vezes são aqueles casos que aparecem muitas vezes, as dislexias, as hiperatividades e os espectros do autismo. Essas são as que vemos

recorrentemente nas escolas, uns mal e outro bem diagnosticados. Eu gostaria de fazer uma formação que me dê-se instrumentos que me sensibilizassem para que eu própria conseguisse olhar e saber reencaminhar a situação, obviamente que eu não sou psicóloga, nem psiquiatra para fazer esse tipo de avaliação, mas ter instrumentos que me ajudassem a identificar previamente alguns sinais e que me ajudassem inicialmente a lidar com a situação.

E – Não tenho mais questões a colocar. Agradeço muito a sua disponibilidade e participação.

P7 – Já está! Pareceu que o tempo passou a voar. De nada.

ANEXO 10 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 8

Entrevistador (E) – Inicialmente vou perguntar-lhe a sua idade?

Professor 8 (P8) – 37 anos.

E – Tempo de serviço, tanto dentro com fora da instituição?

P8 – Aqui na instituição é o 2.º ano. Desde que comecei a trabalhar tenho 13 anos de serviço.

E – Tem alguma categoria profissional para além de docente?

P8 – Não.

E – Formação académica?

P8 – Licenciatura em professor de 1.º ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Lisboa.

E – Para si, o que é ser professor?

P8 – É alguém que serve de apoio para os alunos, ou seja, … todas as dúvidas que os alunos tem podem esclarece-las comigo ou não. E estou aqui para os orientar.

E – Como é que vê o papel do professor na sociedade atual, ou seja, como é que acha que o papel do professo é encarrado atualmente pela sociedade.

P8 – Acho que é uma profissão que não é reconhecida. Portanto é alguém que toma conta dos filhos enquanto os pais estão a trabalhar.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente diariamente? Com a sua turma neste caso.

P8 – Com esta turma. Mante-los motivados … e com vontade de saber mais, pois os alunos acham que já sabem tudo.

E – Falando agora um pouco sobre as necessidade educativas especiais. Para si, o que são necessidade educativas especiais, no conceito em si?

P8 – É um aluno que necessita de algo mais, de alguma ajuda extra, de um trabalho diferenciado para conseguir atingir os objetivos traçados para ele.

E – Na sua opinião acha que o diagnóstico das necessidades educativas especiais que é feito e apresentado as escolas é ampliado ou reduzido relativamente a realidade das escolas?

P8 – Ampliado.

E – Porque acha isso?

P8 – Eu acho que hoje em dia facilmente se é uma criança com necessidades educativas especiais.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em sala de aula do 1.º ciclo do Ensino Básico?

P8 – As vantagens são … se realmente existir inclusão, acho que é ótimo para a parte da socialização, não só para a criança como também para os outros que vão estar em interação com ela. As desvantagens que eu encontro são devido aos currículos de hoje em dia e ao trabalho que é pedido aos professores, com isto acho que as crianças acabam por ficar um pouco a parte, logo não é feito o trabalho devido que era suposto com esta criança, porque depois falta recursos humanos e materiais.

E – Em relação a inclusão. O que é para si a inclusão?

P8 – Antes não havia inclusão, estavam todos na mesma sala e não se falava disso. Estar incluído … acho que por um lado dizer que esta incluído, ou utilizar a palavra inclusão, …acho que é diferenciar demais essa pessoa. Acho que todos deviam de estar juntos, mas para isso era necessário que houvesse condições. Inclusão será dar as mesmas oportunidades a todos os alunos de igual modo.

E – Agora falando um pouco da escola em si, saindo da sala de aula, quais são as vantagens e desvantagens que acha que existem na Escola Inclusiva?

P8 – Supostamente deveriam ter um maior número e qualidade de recursos. Desvantagens não vejo nenhuma.

E – Na sua opinião que condições físicas deveriam ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com necessidade educativas especiais, ou seja, tendo em conta todas as necessidades educativas especiais existentes?

P8 – As condições que acho necessárias para acolher as crianças com necessidade educativas especiais nas salas de 1.º ciclo são espaço e recursos matérias.

E – Acha que tem essas condições na sua sala? O que falta

P8 – Não tenho. Falta precisamente aquilo que disse, espaço e matérias.

E – Falando agora sobre as práticas de ensino. Não sei se tem ou se já teve crianças com necessidades educativas nas suas turmas, mas quais são as práticas e as estratégias de ensino que utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P8 – É assim, eu na minha turma atual tenho um aluno, que supostamente tem necessidades educativas especiais. O trabalho diferenciado que faço com ele é o que está descrito no PEI, é mais a nível da avaliação, ou seja, os testes dele são organizados de forma diferente e tem mais tempo para os resolver, mais nada.

E – Não se recorda de mais nada, de experiencias anteriores?

P8 – É assim, noutras escolas tive crianças com trissomia 21, mas ai tinha uma professora de apoio, uma professora de ensino especial espetacular, que trabalhava muito tempo com essas crianças.

E – Que recursos, ou seja, desde fichas a materiais didáticos, utiliza no processo de inclusão?

P8 – Neste momento não utilizo nada diferente do resto da turma.

E – Sente algum desafio face a inclusão desse aluno, diariamente?

P8 – Não.

E – A próxima pergunta estava relacionada com os instrumentos de avaliação que utiliza no processo de avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais, mas já respondeu anteriormente. Sendo assim, pergunto-lhe o que entende por diferenciação pedagógica?

P8 – Diferenciação pedagógica é arranjar estratégias diferentes, fichas diferentes, trabalhos diferentes, que sejam adequados aquela criança, para que ela consigo alcançar os mesmos objetivos que os outros. Desconstruir um pouco a tarefa para que ela possa atingir o mesmo objetivo que os outros alunos.

E – Esqueci-me a pouco de lhe perguntar se costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula quando tem crianças com necessidades educativas especiais?

P8 – Atualmente não fiz alterações na sala. Anteriormente, como foi fazer uma substituição, a sala já se encontrava organizada para aquela criança, então não tive de fazer qualquer alteração na sala.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P8 – Uma equipa multidisciplinar é algo que devia de existir, onde estivesse presente um professor, um psicólogo, um terapeuta, podendo ser um terapeuta ocupacional ou da fala. Alguém que conseguisse apoiar a criança nas diversas vertentes.

E – Aqui na instituição existe equipa multidisciplinar?

P8 – Sim.

E – Sabe como funciona?

P8 – Não.

E – Tem alguma sugestão a fazer de como é que devia de funcionar?

P8 – É assim, eu não sei como funciona, pois ainda não precisei dela. Se calhar se precisa-se saberia como funcionava, mas no momento não tenho nenhuma sugestão a fazer.

E – Pergunto-lhe se durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das necessidades educativas?

P8 – Tive pouca, mas tive.

E – Com essa formação sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais?

P8 – Não.

E – Por alguma razão em especial?

P8 – Foi muito pouca, acho que para os dias de hoje já esta completamente desatualizada. Por isso precisaria d ter nova formação nesta área.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das necessidades educativas especiais?

P8 – Fiz na altura em que apareceu o decreto de lei 3 de 2008, para saber em que é que consistia, o que é que tínhamos de fazer, mais a parte burocrática do processo o que propriamente trabalhar com as crianças. Foi a única formação que fi nesta área.

E – Atualmente se pudesse realizar uma ação de formação na área das necessidades educativas especiais, qual o tema que gostaria de trabalhar ou que lhe desperta interesse?

P8 – Eu… Houve uma altura, ainda não perdi a vontade. Eu gostava muito de fazer uma especialização em necessidades educativas especiais, mas gostaria que fosse mais direcionada para a trissomia 21. Dessas necessidades educativas especiais todas que existem era o grupo com que gostava de trabalhar, mas lá esta gostava de trabalhar só com eles, se calhar deixar esta parte e ir para uma instituição trabalhar apenas com eles.

E – Por alguma razão em especial?

P8 – Se calhar devido aos casos que tive no início da minha carreira, que me marcaram muito.

E – Não tenho mais questões. Agradeço a sua colaboração. Muito obrigada.

P8 – De nada.

ANEXO 11 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 9

Entrevistador (E) – Inicialmente pergunto-lhe a sua idade?

Professor 9 (P9) – Tenho 55 anos.

E – A quanto tempo é que se encontra a lecionar?

P9 – Ora, a 31 anos.

E – Tem alguma categoria profissional, para além de docente?

P9 – Não.

E – A sua formação académica?

P9 – Licenciatura em professor de 1.º ciclo do Ensino Básico, tirada na Escola Superior de Educação João de Deus.

E – Para si, o que é ser professor?

P9 – Ser professor é transmitir conhecimentos, é mimar, é todo isso. É todo um conjunto de situações, para além de não só … nós no 1.º ciclo não é só transmitir conhecimentos, é ensinar a atar o atacador do sapato, essas pequenas coisas, por é o mimar, digamos assim.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado pela sociedade atual?

P9 – Bem, isto esta muito mau.

E – Porquê acha isso?

P9 – Na minha opinião ser professor já não é como era antigamente. Antigamente era diferente, portanto acho que os pais descarregam aqui os filhos e preocupam-se, a maioria dos pais, preocupam-se pouco com os filhos, deixam-nos assim a deriva. Já não existe uma preocupação pelo aprender, pelo crescer, acham que o professor é que esta encarregue de educar e ensinar os alunos, só ele.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P9 – Quais os meus maiores desafios? Bem é tentar que os alunos percebam e compreendam quilo que eu lhes estou a transmitir. Portanto perceber se realmente adquiriram os conhecimentos que eu transmiti ou não, é isso, para mim é esse o maior desafio.

E – Certo. Para si, que são necessidades educativas especiais?

P9 – As necessidades educativas especiais é quando uma criança não consegue, portanto aprender aquilo que é transmitido, pode ser desde… pronto. Eu acho que

quando uma criança tem dificuldades em não assimilar aquilo que lhe é transmitido, poderá ser ai um necessidade, haja necessidade de adaptar os conteúdos e o currículo a realidade dessa criança. Existem outras crianças que tem necessidade profundas e outras que não. Acho que essas que não conseguem assimilar logo a primeira vez os conhecimentos transmitido, também pode ser considerada uma criança com necessidades educativas especiais.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas? Porquê?

P9 – Depende das situações. Por exemplo, eu noto que a maioria dos técnicos de saúde diagnosticam muitas crianças com hiperatividade, muitas vez se calhar nem é, isto falando da hiperatividade, se calhar nem é hiperatividade e mais falta de educação, relativamente a este problema. Quanto aos outros problemas, os técnicos é que sabem o que estão a fazer, embora também já tenham chegado diagnósticos errados, que passados uns anos constata-se que aquele diagnóstico não era o correto, já não é a primeira criança, que nós temos conhecimento, que não foi devidamente diagnosticada.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P9 – A principal vantagem é porque vive numa sociedade, se vive em sociedade também tem de estar inserido numa sala de aula e conviver com as outras crianças ditas normais, acho que isso faz parte do crescimento deles e depois para a vida futura, para a sua vida futura é necessário e extremamente importante estarem enquadrados e estarem acompanhados pelas outras crianças ditas normais. A desvantagem é quando é inserido em turmas grandes, para mim é a maior desvantagem, pois não há possibilidade e tempo para lhe dar a atenção que eles precisam.

E – Já não é o primeiro a apontar essa desvantagem.

P9 – E de certeza que não serei o último.

E – De certeza. Prosseguindo, para si, o que é inclusão?

P9 – Inclusão é a criança com necessidades educativas especiais portanto estar inserida numa sala de aula e participar em todas as atividades que os outros fazem, ter os mesmos direitos e os mesmos deveres que as outras crianças ditas normais. Para mim acho que isso é que é inclusão.

E – Saindo do ambiente de sala de aula e passando para o ambiente escola, quais são vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P9 – Portanto, o facto de brincarem juntos é uma mais-valia para todas as crianças e turmas da escola, pois aprendem a contactar com crianças diferentes. Eu acho que isso que veem nos outros seres humanos, pessoas, coisas diferentes, que se não existissem essas crianças, não saberiam que existem pessoas especiais, depois no dia-a-dia, na sociedade, deparam-se com essas pessoas especiais e tem de saber lidar com isso, com essas pessoas.

E – Sendo assim não encontra desvantagens?

P9 – Não, neste momento não encontro nenhuma.

E – Certo. Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P9 – Em sala de aula, a nível físico?

E – Referimos a todos os níveis, físico, humano, material, etc.

P9 – Portanto, recursos humanos, estas crianças para estarem em dala de aula necessitam de um acompanhamento de um adulto permanente, eu acho que isso é extremamente importante. Depois há outros recursos como o acesso a internet, em que a criança esta na sala de aula e pode estar a fazer outras atividades, tem mesmo necessidade de estar a fazer outras atividades e para isso é preciso esses recursos. Bem já falei de recursos humanos e tecnológicos. Depois depende da criança, a redução de turma acho que é muito importante. Depois depende se for a nível físico, por exemplo, cadeira de rodas será preciso adaptar a sala as necessidades da criança.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P9 – Não. Bem, é assim, eu este ano não tive nenhuma criança com necessidades educativas especiais, no ano passado tive um que vinha a sala de aula acompanhada por um adulto. A internet no ano passado não tínhamos, este já temos. Bem eu até acho que as coisas estão a mudar, aos poucos e poucos, mas temos de dar tempo ao tempo.

E – Falando agora das práticas de ensino aprendizagem. Pergunto-lhe quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P9 – Tem de ser um trabalho adaptado especificamente a essa criança, para além de… Nós costumamos elaborar o PEI, que é o plano educativo individual e depois tentar

realizar as atividades propostas nesse PEI, isso geralmente é uma pedagogia diferenciada e específica para aquela criança, pode haver atividades que a mesma consiga fazer iguais aos restantes colegas, mas depois tem de haver mesmo uma pedagogia diferenciada, com atividades específicas para aquela criança.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? E quais os benefícios desses recursos?

P9 – Quais os recursos? Portanto, eu costumo recorrer muito a pesquisas e portanto tentar saber o que é, qual é a problemática da criança e depois fazer uma pesquisa variada sobre essa problemática e depois tentar aplicar isso aquela criança, o que pode resultar ou não, se resultar todo muito bem, se não resultar terá que se fazer novamente todo de início. Logo os recursos que utilizo vão variando conforme a problemática presente, posso usar o computador, os jogos didáticos, etc. mas irá depender da criança e da resposta da mesma as atividades.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P9 – Os maiores desafios muitas vezes com criança deste tipo é… é experimentar, portanto, é experimentar uma estratégia e se resultar continuamos a aplicar, se não resultar se calhar é preciso voltar a estaca zero e arranjar outra estratégia diferente. Acho que é muito tentativa e erro, pois cada criança é uma criança diferente. Nós aqui na escola temos uma unidade de Ensino Estruturado de Autismo, mas nem todos os autistas são iguais, a atividade que se calhar com o A resulta muito bem, pode ser que com o B e o C já não resulte, cada um tem a sua especificidade. E o que acontece dentro de sala de aula cada criança é diferente e é preciso respeitar essa diferença.

E – Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P9 – É o que referir anteriormente, é continuar a pesquisar, outras vezes é conversando com os colegas, também temos aqui colegas de Educação Especial que tem um … como é que eu de dizer, tem experiencias diferentes das nossas e que nos conversando com elas conseguimos ter uma nova perspetiva, digamos um intercâmbio. Ou seja, temos a pesquisa e o intercâmbio com as colegas que estão dentro da problemática da criança e que lidam com elas diariamente.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P9 – Sim, isso é preciso fazer com este tipo de crianças, é mesmo necessário. Por exemplo, coloca-los junto a mim ou fazer trabalho de grupo é o que costumo utilizar mais, entre outras.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P9 – Sim utilizo, das alguns terem PEI, outros terem CEI, portanto nestes documentos nos estipulamos o tipo de avaliação e depois seguimos as orientações dos mesmos, podendo ter fichas adaptadas, trabalhos e atividades específicas para determinada criança e problemática.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P9 – Diferenciação pedagógica é preparar atividades diferentes das do resto da turma específicas para as crianças com necessidades educativas especiais, a meu ver é isso a diferenciação pedagógica.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P9 – Ora uma equipa multidisciplinar é um equipa que terá que ser constituída pelo professor titular de turma, pelo psicólogo, pelo docente de educação especial e mais alguns técnicos, portanto um conjunto de profissionais que nós ajuda a trabalhar com aquela criança e a proporcionar a criança aprendizagens felizes.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?

P9 – Bem a nível do agrupamento temos um psicólogo e não sei se há mais alguma coisa. Sei que psicólogo existe, mas ao nível do agrupamento, ou seja, acompanha todas as escolas do agrupamento. Não sei se temos… terapeuta da fala não temos, o que existe é exterior a escola. De resto não sei como funciona, nem como deveria de funcionar.

E - Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?

P9 – Bem articulação, eu sei que há reuniões entre os departamentos, agora outro tipo de articulação temos as reuniões de professores. Eu por exemplo no ano passado tinha um aluno que estava inserido na unidade de Ensino Estruturado na minha sala e nos tínhamos reuniões onde discutíamos as melhores práticas a utilizar com a criança em questão. Sei também que os técnicos de educação especial se reúnem todos pelo menos uma vez por mês para falarem dos casos que tem.

E – Depois disto pergunto-lhe sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? Porquê?

P9 – Sim, sinto-me preparado e isso é um desafio muito grande, embora que as vezes isso também nos de algum receio, porque nos não sabemos muitas vezes se isso vai dar certo, o trabalho que estamos a pensar fazer. É um trabalho que todos os dias tem de ser pensado e se aquilo não resultar, no outro dia tem de se tentar uma maneira diferente, portanto acaba por ser um desafio mais,… como é que ei de dizer, não é mais maior, é um desafio maior. Sim, sinto-me preparada, mas também preciso de algum apoio, tanto dos pais, como de educação especial, como da escola.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P9 – Bem já tirei o curso há algum tempo, a quase 32 anos. Bem não me recordo, não, sinceramente não me lembro. Tenho é feito algumas formações nessa área, mas na formação inicial não me recordo.

E – Referiu que tem vindo a fazer ao longo do seu percurso profissional ações de formação na área das NEE's, recorda-se dos temas e duração da formação?

P9 – Fiz alguma formações sobre dislexias, fiz também de autismo, muito suavemente, e de momento não me recordo de mais nenhuma. Mas dentro desta área tenho feito mais ações de formação de curta duração do que de longa duração.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P9 – Nesta altura não, nesta altura eu ia era já para casa descansar. Eu ainda não sei o que me espera, mas sinceramente não sei.

E – Bem não tenho mais questões a colocar. Muito obrigado pela sua colaboração e peço mais uma vez desculpa por lhe ter roubado este bocadinho de tempo.

P9 – Não faz mal, espero tem ajudado.

E – Muito Obrigado.

ANEXO 12 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 10

Entrevistador (E) – Começo por lhe perguntar a sua idade?

Professor 10 (P10) – Tenho 44 anos.

E – A quanto tempo é que se encontra a lecionar?

P10 – Penso que a 20 anos. Pois tive no 2.º ciclo durante 8 anos e estou a 12 ou 13 anos no 1.º ciclo.

E – Exerce alguma categoria profissional, para além de docente?

P10 – Para além de docente titular de turma, sou também coordenadora do departamento do 1.º ciclo.

E – Formação académica?

P10 – Licenciatura em Educação Básica, com variante de Educação Física do 1.º ciclo.

E – Pergunto-lhe desde já, o que é para si ser professor?

P10 – Para mim é a melhor profissão do mundo. Agora é a parte que diz que eu sou louca ou devo estar a caminhar para lá.

E – Porquê diz isso?

P10 – Tendo em conta a realidade em que nós encontramos, nós professores, todo o trabalho e burocracia que temos de lidar. Mas para mim ser professor é gratificante, pois ver os meus alunos a crescerem e aprenderem, para mais tarde se tornarem cidadãos ativos e preocupados.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado pela sociedade atual?

P10 – Pela sociedade ah… pelos pais dos meus alunos, que são aqueles de que posso falar e que tenho feedback, penso que dão valor ao que vou fazendo com os seus filhos, mas já começa a surgir alguns focos que antes não existiam, que se calhar não dão tanto valor como deveriam dar, pois acham que nunca chega, que é preciso sempre mais, estando muito focados nos seus filhos. Daí não conseguirem perceber que o que se encontra ao seu redor também é importante para eles. O papel do professor é fundamental, hoje em dia é cada vez mais importante, pois o professor é também psicólogo, médico, terapeuta, etc., ou seja, é todo e mais alguma coisa, infelizmente.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente diariamente?

P10 – O meu maior desafio como professor e com a minha turma, é manter a ordem e o foco, não é que sejam indisciplinados, que não são, mas tem um grande necessidade

de falar e tem dificuldades em participar ordenadamente, devido a ansia de falar entre eles ou mesmo no decorrer de uma aula mais ativa, não esperam pela sua vez e falam todos ao mesmo tempo. Tirando isso acho que não me recordo de mais nada.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais, no conceito?

P10 – É uma criança… que precisa de um trabalho diferente dos outros, até mesmos os outros por vezes precisam de um trabalho diferente, pois nenhum é igual. Mas com as crianças com NEE's temos que perceber onde se encontra a sua maior potencialidade para podermos trabalhar a partir dai, de modo a conseguirem dar o seu melhor. Eu vejo assim os alunos do ensino especial, já tenho alguma experiência nisso, pois tenho tido sempre alunos com NEE's. Na minha primeira turma aqui nesta escola, tive dois alunos com paralisia cerebral, na segunda tive um aluno com a síndrome de Prader-Willi e um aluno com uma perturbação no desenvolvimento da linguagem expressiva, na atual turma tenho um aluno com défice cognitivo e hiperatividade, mas a meu ver acho que existe mais algumas coisas que ainda não sabemos o que são, esta em análise. Com isto acabo por ter uma grande experiencia. Nestes casos que tive, tentei puxar ao máximo por eles e explorar todas as possibilidades para os ajudar e incentivar a progredir. Eu aprendi que eles não são diferentes, todos somos diferentes, ninguém é igual, o importante é incentiva-los e fazer com que sejam felizes, que é o mais importante.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico das NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P10 – Tendo em conta os casos que tive e que referenciei, acho que foi muito mal acompanhada, isto dá-me a ideia que a quantidade de casos que chegam aos especialistas e médicos é tanta que eles acabam por catalogar as crianças toda de igual, ou seja, começam a fazer "chapa 5".

E – Porque acha isso?

P10 – Digo isto, pois já tivemos casos de relatórios onde os nomes dos alunos vem trocados, claro que pode acontecer, mas com tanta frequência não acho possível. Na minha turma tenho um aluno com défice de atenção, que só passou a ser valorizado e analisado quando as notas passaram a ser baixas ou mesmo negativas, dai achar que houve uma desvalorização por parte dos médicos ou especialistas que o avaliaram. Mas não foi o primeiro caso que isso aconteceu, já tivemos um caso de um aluno, que atualmente faz parte do 3/2008, que apresentava muitas dificuldades na escrita e na

leitura, mas que só foi avaliado e encaminhado a partir do momento em que se enviou para o médico que o estava acompanhar um texto produzido pelo aluno. Tirando isso não acho que o processo seja inflacionado, muito pelo contrário.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1.º ciclo?

P10 – Desvantagens para mim não existem, a menos que sejam alunos com NEE's muito graves ou vegetativos, ou seja, alunos que estão ali e que não conseguem aproveitar nada, porque os que aprendem mais são os alunos que não tem NEE, eles aprendem imenso. Inclusive os professores, eu por exemplo aprendi imenso com os alunos que tenho tido. Eu não vejo ninguém diferente, eu vejo-os como pessoas que tem as suas limitações e as suas potencialidades, quem ganha são aqueles que estão ao seu redor, mas eles também ganham muito. Posso dizer que todas as turmas que tive até agora tem um sentido de inclusão e diferença que é qualquer coisa dora do normal, só me posso orgulhar. Sinceramente desvantagens não encontro, só mesmo nos casos mesmo muito graves, em que a criança não esta a aprender nada, acaba por ser um *stress* para ela e para os outros e a mesma não lucra nada com isso. Tirando isso acho que os alnos com NEE's devem de estar inseridos nas turmas, mas bem acompanhados e sem pressão.

E – Para si, o que é inclusão, no conceito?

P10 – Inclusão é fazer parte, é estar como estão os outros. Temos pais que só da jeito em certas alturas, ou seja, o menino só é diferente quando convém, isto também acontece. Mas inclusão é estar, é fazer o eu os outros fazem e podem fazer, mas dentro das suas limitações. É fazer parte da turma, não é ter quinze alunos mais um, não, eu tenho dessásseis alunos, todos eles são diferentes.

E – Quais são para si as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P10 – Bem trabalhado…, ou seja, se forem bem trabalhados em turma e depois na escola, nas atividades da escola, o que depende da direção da escola e da sua organização, acho que todos tem a ganhar, mesmo a escola, por isso existir um respeito muito grande pelo outro ao ter em conta estas crianças. As escolas só tem a ganhar, assim como as turmas em que as crianças estão inseridas, tem muito a ganhar e a aprender, até mesmo os que estão de fora.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's? Considera que as tem na sua sala de aula?

P10 – Devia de existir um assistente a tempo inteiro com estas crianças, grande parte deles precisa, falando do meu caso devia de ter tido uma assistente que estivesse ali para eles, para poder existir um cooperação entre mim e ela. Já não falo no caso de ter dois professores em sala de aula, o que seria ideal ter um professor titular e um professor de educação espacial, em permanência ou em grande parte da aula, pois só quem passa por isso é que sabe como é difícil gerir o trabalho na sala de aula e poder trabalhar individualmente com cada aluno. É muito complicado.

E – Falando agora das práticas de ensino aprendizagem, pergunto-lhe que tipo de práticas ou estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar reposta a diversidade de alunos e para facilitar o processo de inclusão?

P10 – O que faço normalmente para os alunos com NEE's, normalmente faço para todos os alunos da turma, muitos trabalhos de grupo, utilizo muito o quadro iterativo o computador, a internet, isso faço no geral. No caso que tenho este ano utilizava muito o quadro interativo e os jogos didáticos, o que incentivo muito o aluno, pois o mesmo não queria errar e iam tentando ate conseguir acertar. Mas isto resultava com este aluno, mas poderia não resultar com outro aluno, as estratégias depende muito de cada aluno. Normalmente, utilizo as estratégias com a turma toda, pois a inclusão é isto, eles estão como os outros colegas. Mas como disse, as estratégias não resultam com todos é preciso ir diversificando, pois hoje pode funcionar muito bem com um aluno e amanha já pode não resultar. É preciso ir adaptando.

E – Eu ia perguntar-lhe de seguida quais eram os recursos ou materiais que utiliza e quais os benefícios que obtinha com eles, mas acabou por responder a mesma nesta questão, o que não faz mal, logo prosseguimos. Pergunto-lhe de seguida, quais são os desafios que sente face a inclusão de alunos com NEE's?

P10 – Para mim eles são sempre um desafio, pois quando eles chegam eu nunca sei o que vai acontecer e só a cada passa que vão dando é que é possível ver os progressos e evoluções. Cada conquista que vão fazem é também uma conquista para mim, porque quando tenho um aluno com NEE eu não sei se o mesmo vai ler, se vai escrever, nunca sei o que vai acontecer, dai os estimular ao máximo para conseguirem evoluir. Dai eu dizer que estes alunos são sempre um desafio.

E – Como procura dar resposta aos desafios que encontra?

P10 – Eu nunca desisto, dai estimular ao máximo o aluno, para que o mesmo possa evoluir positivamente, tendo sempre em atenção as suas limitações.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P10 – Por vez, utilizo muito os trabalhos de grupo como disse, logo temos um organização diferente, por veze coloco-os mais próximos da minha mesa, para poder monitorizar melhor o trabalho que fazem, e utilizo também as tutorias, ou seja, coloco-os junto a um colega que o irá ajudar. As estratégias de organização vão surgindo conforme a necessidade, não é algo que tenha planeado, por vezes o que temos planeado nem corre como o previsto, por isso as mesmas surgem conforme o desenrolar do tempo a das atividades.

E – Que tipo de instrumentos utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P10 – Eu utilizo fichas informáticas ou os jogos didáticos, uso muito o computador. Utilizo também os trabalhos de grupo e aproveito todos os trabalhos que esse aluno desenvolva para o avaliar, pois a avaliação é contínua e não precisa de um teste para comprovar a evolução e a aprendizagem do aluno.

E – Certo. O que entende por diferenciação pedagógica?

P10 – Isso é todo o que se faz numa sala de aula, porque os alunos são todos diferentes. Mas tendo em conta as condições que temos por vezes é difícil, se houvesse dois professores por sala poderia existir um trabalho mais diferenciado, porque cada aluno é diferente e alcança os objetivos de formas diferentes. Eu faço de acordo com aquilo que consigo fazer. Há alguns anos atrás eu consegui fazer trabalho diferenciado, pois sentava-me com os alunos individualmente e trabalhávamos os dois, mas atualmente é difícil, devido ao grau de exigência do currículo e do volume de conteúdos que existe, mas vou tentando fazer sempre que consigo.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P10 – É um conjunto de agentes educativos que trabalham em função de evolução a aprendizagem da criança. É o que devia de existir e não existe.

E – Quer dizer que não existe equipa multidisciplinar na instituição?

P10 – Apenas temos um SPOC, que é a unidade que avalia os casos urgentes, como foi caso de um aluno que tive, que ao apresentar os primeiros sintomas foi visto de

imediato. Mas o SPOC também não pode dar conta de todos os casos, devido ao elevado volume de casos que tem. Nós professores o que podemos fazer é a partir do médico de família, pedir, fazer, encaminhar e depois em consulta é que se consegue trocar algumas informações. Posso dizer que no meu caso tenho uma boa articulação com os médicos de família dos alunos que encaminhei e que pedi uma avaliação, mas equipa multidisciplinar em si não existe, pois para existir tinha de ser composta por terapeutas da fala, por psicólogos, entre muitos outros agentes educativos.

E – Compreendo. Já me foi referindo aos poucos, mas pergunto-lhe sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P10 – Sim, sinto me preparada.

E – Posso saber porquê?

P10 – Se calhar pelas experiências que tenho tido com as minhas últimas turmas, onde tive diversos casos de alunos com NEE's. Neste momento sinto me preparada sim. Só acho que devia de haver mais condições para trabalhar com eles, porque não existem receitas para trabalhar com crianças com NEE's, são todos diferentes, por mais formação que se tenha, não existe uma receita. Pois só estando com eles é que é possível perceber o que eles me podem dar, agora que é preciso condições é, pois sem elas será cada vez mais difícil.

E – Durante a sua formação académica recorda-se de ter algum tipo de formação na área das NEE's?

P10 – Tive um cadeira de Educação Especial, dada por um professor da área, um suprassumo da área, o senhor doutor professor Ilídio Falcão.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adiciona na área das NEE's?

P10 – Sim, acho que fiz.

E – Recorda-se dos temas e da sua duração?

P10 – Fiz sobre as dislexias e fiz mais algumas, mas não me recordo.

E – Se pudesse realizar uma ação de formação na área das NEE's, qual seria o tema que gostaria de abordar?

P10 – Gostaria de fazer uma formação sobre as adequações curriculares, pois penso que aquilo que se faz e que se tem feito, não esta correto, até acho que devi da existir uma lei intermedia. A meu ver não se pode fugir aos conteúdos nem ao grau de exigência,

mesmo que seja mínimo, as coisas tem que lá estar. Dai a formação, no sentido de compreender como é que tem de ser feito e talvez mais tarde alguma alteração a legislação, mas isso não nos compete a nós, infelizmente.

E – Bem não tenho mais questões a colocar-lhe, agradeço a sua participação e disponibilidade.

P10 – De nada. Foi um prazer ajudar e espero ter ajudado.

E – O prazer foi meu. Muito obrigado.

ANEXO 13 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 11

Entrevistador (E) – Inicialmente pergunto-lhe a sua idade?

Professor 11 (P11) – Tenho 38 anos.

E – Tempo de serviço?

P11 – Cerca de 16 anos.

E – Tem alguma categoria profissional, para além de docente?

P11 – Não, apenas exerço o cargo de docente titular de turma.

E – Formação académica?

P11 – Bem, eu inicialmente fiz a Licenciatura em Ensino Básico do 1.º ciclo, na Escola Superior de Educação de Lisboa. Depois já tirei o 120, ou seja, o Ensino do Inglês no 1.º ciclo, fiz também o Mestrado em Ciências da Educação, dois anos, na Lusófona.

E – Para si, o que é ser professor?

P11 – Está questão vai ao coração. Essencialmente ser professor é preparar o futuro das crianças, é estar com elas e ajuda-las a crescer, a desenvolver, a melhorar, a esperar, a conhecer-se a si próprias, a descobrirem do que são capazes ou não, e abrir-lhes os horizontes.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente na sociedade?

P11 – Neste momento e de forma global, penso que a ideia geral e de que nós não fazemos mais e melhor porque não queremos ou porque somos preguiçosos, que não queremos trabalhar mais para além daquilo que nos compete, esta ideia na minha opinião passa mais ao nível da comunicação social. Depois quando estamos aqui particularmente com os pais, os pais dos nossos alunos, a opinião muda, eles demonstram respeito, a grande maioria, demonstram respeito pelo nosso trabalho, compreendem ou pelo nemos fazem para compreender as nossas dificuldades, apoiam-nos, dão-nos ajuda em algumas situações. Depois aqui parece-me, a nível do núcleo mais pequeno, o papel do professor é muito bem aceite e muito bem compreendido.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P11 – Nesta momento o número tão grande de alunos em sala de aula, crianças com cada vez mais dificuldades e outras com muitas aptidões. Uma desigualdade enorme, que nós as vezes não conseguimos chegar a todos, não temos braços de polvo e

conseguimos chegar a todo o lado. Esses são os meus maiores desafios: turmas extremamente extensas e uma grande heterogeneidade de crianças presentes.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P11 – Necessidades educativas especiais são crianças que apresentam problemas a nível da suade e que lhes impede de ter um progresso chamado de normal e igual ao das outras crianças.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas? Porquê?

P11 – Digamos que temos de todo. As vezes lemos relatórios, e eu não sou psicóloga, nem médica, não faço esse tipo de análises, mas as vezes lemos relatórios que encaixam que nem uma luva naquela criança e por outras vezes temos relatórios em que pensamos que estão a cima e que agravam muito mais aquilo que existe e outras vezes temos relatórios em que vemos dizer que esta todo bem, mas não é o que parece aos nossos olhos. Temos um bocadinho de todo, isso pode dever-se ao médico que o fez ou não, nunca sabemos. Dai a minha opinião depender um pouco daquilo que me chega às mãos.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P11 – A única desvantagem que eu vejo em inserir uma criança com necessidades educativas especiais em sala de aula é quando a turma é muito extensa e o professor sozinho acaba por não conseguir chegar a ela. Porque o que esta na legislação é muito bonito, mas a verdade é que o professor da educação especial as vezes não chega para tantos casos que nos temos na escola, esse é o maior problema. Ele é apenas um e as vezes temos 10 ou 15 casos, não das necessidades educativas especiais de redução de turma, porque essas temos poucas, mas das outras ainda temos algumas. Depende também da necessidade da crianças, as vezes existem situações que são muito difíceis de um professor conseguir dar apoio e estar sozinho com certas crianças dentro da sala de aula, essa é a maior desvantagem, mas isto depende também muito do grau de necessidade educativa. Por outro lado, uma vantagem muito grande é que faz-nos crescer como pessoas, enquanto professores, perceber que aquelas dificuldades, de aprender a trabalhar com elas, faz bem as outras crianças que aprendem a trabalhar com a diferença e a estar com a diferença, perceber que nós somos todos iguais. Há uma

serie de valores que são incutidos nas crianças, o respeito, a ajuda, entre outros, que os fazem crescer também.

E – Para si, o que é inclusão?

P11 – A inclusão seria que essas crianças fossem 100% felizes dentro da nossa sala de aula, mais do que aprenderem a ler e a escrever, que fossem 100% felizes na escola. Muitas vezes eu acho que não são, porque não tem todo aquilo que elas necessitam e não é os meios humanos que estamos a falar, porque felizmente muitas vezes o que acontece de melhor é mesmo as pessoas que temos a trabalhar dentro das escolas, passando pelo pessoal docente e pelo pessoal não docente. Somo muito unidos nesse sentido e ajudamo-nos, por isso acho que nos meios humanos nós não falamos. Mas depois não temos como melhor a vida dessas crianças poi não temos meios materiais para o fazer.

E – Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P11 – No fundo é aquilo que já referi anteriormente. O que se passa dentro da sala de aula transporta-se um bocadinho para a escola, todos nós crescemos se tivermos crianças diferentes no nosso contexto, todos nos aprendemos, toda a comunidade educativa aprende e cresce. Mas depois é preciso cria as condições para se rececionar essas crianças, para que elas estejam no seu pleno e consigam usufruir no seu pleno do espaço escolar e não temos. Inclusiva? As vezes não existe. Aqui nesta escola já tivemos algumas situações mais gravosas do que as que temos agora, tivemos crianças em cadeiras de roda, que era preciso mudar a fralda e essas condições, muitas vezes foi… foram sendo… muitas vezes partia mais da boa vontade das auxiliares que estavam encarregues disso, do que realmente das condições físicas que existiam dentro da escola.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P11 – Depende da necessidade da criança. Mas a nível físico deveríamos ter mesas adequadas a essas crianças, que começamos por não ter, caso tenhamos uma criança em cadeira de rodas as nossas mesas não servem, deveria de existir material físico mais específico. No ano passado tive a necessidade de uma cadeira de braços, porque tive uma criança que tinha um problema muito específico e que as cadeiras sem braços não davam. As vezes as pequenas coisas, já para não falar no computador, o que ajudava

determinadas crianças a trabalhar, os jogos didáticos, entre outras coisas que não me recordo.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P11 – Não tenho, infelizmente. Não tenho computador e maior parte do material didático presente na sala foi trazido por mim. Mas não, não tenho e não sei quando as terei.

E – Falando agora sobre as práticas de ensino aprendizagem, pergunto-lhe, quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P11 – Para além do apoio mais individualizado, que tento dar. Por vezes crio grupos de trabalho onde coloco os alunos mais safos a fazerem as coisas e que tem menos dificuldades a ajudar e a dar apoio aos outros colegas, assim eu consigo chegar mais perto daqueles que precisam realmente de 10 ou 20 minutos da minha presença. Porque eles são muito dependentes do professor e da sua explicação, dependem muito de nos, portanto as vezes aqueles que são mais avançados e que tem menos dificuldades, coloco-os a ajudar os outros, desenvolvendo o trabalho de grupo e a interajuda. Utilizo muito o trabalho de grupo e a pares e tento aproximar-me mais dessas crianças, fazendo um trabalho diferenciado caso seja preciso, trabalho adaptado as necessidades, jogos didáticos por vezes. Depende mas uma vez das dificuldades da criança.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? E quais os benefícios desses recursos?

P11 – Como já referi, utilizo jogo didáticos, fichas adaptadas, por vezes utilizo o meu próprio computador. Mas as vezes sinto que precisava de bem mais e as vezes os recursos são fracos, pois existem diversos jogos didáticos indicados para certas crianças. Mas devido aos fracos recursos não os temos em sala ou quando vem, pois são muito caros, não existe em quantidade suficiente. Na minha opinião as escolas estão muito carentes em material.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P11 – Os maiores desafios que sinto? É mesmo a falta de apoio que tenho, porque não há dentro da sala de aula. A professora de ensino especial esta com eles se for preciso duas ou três horas por semana, porque não consegue mais, porque tem mais alunos,

logo todo o resto esta ao encargo do professor e portanto se essa criança precisa realmente de mim ao lado dela é difícil. No ano passado passei por isso, pois tinha um 1.º ano, com 25 alunos e correr para aquela criança sempre que havia algum problema era difícil.

E – Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P11 – Como procuro dar resposta? Bem eu dou o melhor de mim, sinceramente acho que dou o melhor de mim e vou muitas vezes para casa a pensar que se calhar poderia ter feito mais isto ou feito de outra forma, porque todo sai de nós. Não sei bem o que dizer. Todo sai de nós, do nosso espirito de ajuda, que todos os professores o tem um bocadinho, temos todos uma parte muito humana que nós consegue aproximar e ver que aquela criança podia ser os nossos filhos e então tentamos dar o melhor de nós.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P11 – Sim. A minha sala de aula ora esta organizada em U, ora esta organizada em linha, ora esta organizada em grupos, é conforme eu vou achando que é preciso ou necessário ou que esta na altura de mudar. Os alunos cada vez são mais faladores, enfrentamos cada vez mais a conversa paralela na sala de aula, alguma má educação sim, mas dentro da sala de aula não tenho situações gravosas, mas por vezes para evitar a conversa troco os pares, as mesas, os grupos, troco todo.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P11 – Bem neste momento não tenho nenhum aluno com necessidades educativas especiais, já tive. Nesse caso utilizei o PEI, onde tinha as estratégias e os objetivos específicos para a criança, por vezes simplifiquei mais para que a criança conseguiu-se atingir os objetivos. Mas para além do PEI, utilizo fichas adaptadas, trabalhos de grupo e de pares, por vezes trabalhos de casa e de pesquisa.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P11 – A diferenciação pedagógica para mim é realmente diferenciar aquela criança das outras. Estamos sempre a falar nos que tem necessidades educativas especiais, mas até aqueles que conseguem ir mais além, mais longe, por vezes precisam de um trabalho diferenciado. Ou seja, para ser motivador para eles por vezes tenho de lhes dar outro tipo de trabalho, não lhes posso dar sempre o mesmo trabalho que dou aos outros, acabo por dar mais difícil para os motivar a continuar a aprender. Mas depois tenho de

dar aqueles que têm mais dificuldades trabalhos mais fáceis. Portanto a diferenciação pedagógica é adaptar todo o nível de trabalho, muitas vezes acontece que nos livros existem exercícios que eu vejo que algumas crianças não conseguirão realizar, por isso opto por fazer um outro exercício parecido ou trabalho dentro do mesmo tema a trabalhar, mas adaptado as necessidades das crianças.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P11 – Era aquilo que todos nos gostaríamos que existisse nas escolas a 100%, que existe mais na teoria do que na prática. No meu entender uma equipa multidisciplinar deveria ser composta pelo docente titular, pelo docente de educação especial, pelo psicólogo e por diversos outros terapeutas e técnicos que fazem falta para melhorar a vida das nossas crianças, principalmente as de necessidades educativas especiais.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar?

P11 – Bem aqui na escola existe um professor de ensino especial. No agrupamento temos psicólogos, terapeutas acho que não existe nenhum, só temos acho eu 2 psicólogos, se não estou em erro. Mas equipa multidisciplinar acho não temos, não sei.

E – Tem conhecimento de como funciona e como devia funcionar?

P11 – Bem conhecimento de como funciona não tenho ideia. De como deveria de funcionar, eu acho que devíamos nós juntar de vez enquanto para falar acerca de determinados assuntos. Só que … os psicólogos que temos este ano não conseguem dar resposta ao número de casos, pois temos um agrupamento tão grande, ele é enorme, e eles não conseguem dar resposta a todo. Por exemplo, eu enviei um caso e até a data ainda estou a aguardar resposta, não conseguem dar conta de todos os casos existentes. Na minha opinião para que as coisas resultassem se calhar deveria de haver mais técnico, mais psicólogos. Nós estamos sempre a pedir mais e mais, mas as coisas mudaram e os tempos mudaram, e a nossa tutela tem de perceber que cada vez mais existem problemas nas escolas, que precisam de ser resolvidos, cada vez mais problemas sociais que precisam de ser resolvidos. Precisamos de mais apoio, pois os técnicos e profissionais que temos não chegam para resolver todos os casos e problemas que existem e que surgem.

E – Depois de falarmos sobre as necessidades educativas especiais, a inclusão, as práticas de ensino e aprendizagem e da diferenciação pedagógica. Pergunto-lhe sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? Porquê?

P11 – Em alguma situações sim em outras não, sinto que não tenho formação suficiente para lidar com determinadas situações, casos mais graves de necessidade educativas especiais. Acho que num caso desses eu não saberia como atuar e resolver os problemas que pudessem surguir. Agora casos mais leves já teria mais facilidade, pois já tive casos desses nas minha turmas e foi ganhando alguma experiência, mas por mim própria. Não tenho formação nem apoio, por isso a minha resposta.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P11 – Que eu me recorde não. Tenho é feito muita pesquisa, auto pesquisa, mas por vezes essa pesquisa não se aplica a prática.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação?

P11 – Não tenho recordação de nenhuma. Eu fiz o 1.º ano do Mestrado de Ensino Especial e durante o mesmo fiz diversos trabalhos sobre as diversas temáticas. Ninguém me ensino nada, eu foi aprendendo através da pesquisa, da leitura e da escrita, mas depois quando chegamos a realidade vemos que não bem como a teoria diz, a prática é muito diferente. A teoria e a prática ensinam coisas diferente.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P11 – Eu tenho feito diversas ações de formações noutras áreas, por vezes existem ações que se sobrepõem e eu acabo por escolher a que mais me interessa, mas pretendo fazer ainda alguma nas áreas das necessidades educativas especiais. Quanto ao tema a trabalhar é uma resposta difícil, pois existem tantas problemáticas que eu não sei por onde escolher, mas se calhar o autismo.

E – Bem, não tenho mais questões a colocar. Agradeço imenso a sua colaboração e disponibilidade.

P11 – De nada. Espero que tenha ajudado. Boa sorte.

E – Obrigada.

ANEXO 14 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 12

Entrevistador (E) – Antes de mais pergunto-lhe a sua idade?

Professor 12 (P12) – Tenho 39 anos.

E – Pergunto-lhe ainda a quanto tempo de que leciona?

P12 – Leciono a 10 anos.

E – Tem alguma categoria profissional, para além de docente?

P12 – Não.

E – Formação académica?

P12 – Tenho Licenciatura em Ensino Básico do 1.º ciclo, tirada na Escola Superior de Educação de Beja.

E – Para si, o que é ser professor?

P12 – É aquilo com que sempre sonhei, é a minha concretização pessoal. Trabalhar com os alunos para que os mesmos se tornem cidadãos responsáveis.

E – Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente na sociedade?

P12 – Eu acho que cada vez somos encarrados como bonecos, uns matraquilhos que andamos aqui de um lado para o outro, onde os pais mandam cada vez mais, onde o Ministério manda e nós simplesmente obedecemos e andamos aqui de um lado para o outro. É um desprestígio muito grande hoje em dia ser professor.

E – Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P12 – Tentar chegar aos alunos, em primeiro lugar, a nível pessoal, que também acho que é importante. Depois é fazer com que eles compreendam os conteúdos e todas as matérias abordadas, claro.

E – Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P12 – Necessidades educativas especiais como o nome indica são necessidades especiais, são necessidades diferentes que algumas crianças sentem e tem em relação ao dito normal, não é, dito alunos normal. Requer sempre mais atenção da nossa parte, um cuidado maior da nossa parte.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas? Porquê?

P12 – Na minha opinião são muito reduzidos, pois existem crianças que as vezes precisam de ser avaliadas psicologicamente …mais ao nível da terapia da fala, ao nível

psicológico, acho que são áreas… não é pouco desenvolvidas, não é isso, mas nos referenciamos uma criança para um técnico ou medico e primeiro que aquilo chegue é uma chatice, demora muito tempo a chegar a resposta.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?

P12 – É assim, eu tenho uma opinião muito própria. Depende das necessidades educativas especiais, se um aluno … quer dizer eu já vi muita deficiência, pois existem salas de multideficiência, esses alunos com necessidades educativas especiais profundadas, acho que não existe nenhuma vantagem em irem e a estarem nas salas de aula, porque eles acabam por não fazer lá nada, não é por de parte ninguém, nem excluir ninguém, mas acho que eles nas sala de multideficiência acabam por ganhar mais do que propriamente irem a sala de aula. Uma criança que não tenha necessidades educativas especiais profundas, ou seja, que já entenda alguma coisa, ai sim acho que existe beneficio em estar em sala de aula ou ir a sala de aula, três ou quatro vezes por semana, determinadas horas por dia, mas acompanhado por alguém capacitado para isso, um profissional da área.

E – Para si, o que é inclusão?

P12 – Bem não sei, inclusão? Inclusão é incluir algo ou alguém, não é. Inclusão é integrar essas crianças numa turma, acho eu.

E – Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?

P12 – Os restantes alunos acabam por ter uma perceção diferente, e muito mais abrangente do que é um menino especial e acabam por crescer com uma realidade diferente e ter um maior cuidado com os meninos especiais, não é, é como chamamos dentro da sala de aula e é como dizemos aos outros que aquele menino é especial. Portanto vamos ter certos e determinando cuidados com ele, a maneira como falamos, a forma como agimos, é diferente eu acho que sim, eu acho que é de todo um benefício para eles e para os outros pertencerem a comunidade escolar.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P12 – Todas as escolas deveriam de ter rampas, em primeiro lugar, não é, esta por exemplo não tem. Bem sei lá, deveria de existir uma sala de multideficiência, acho que todas as escolas deveriam de ter e beneficiavam com ela, é uma mais-valia. Eu já estive

em varias escolas que tinham esta sala e é fantástico o trabalho que lá fazem, é de louvar. Na sala de aula deveria de existir quadro interativos, um computador, internet, espaço para circular, no caso das cadeiras de rodas, e material didático adaptado.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?

P12 – Não, não as tenho, muito longe disso. Infelizmente falta todo.

E – Falando agora sobre as práticas de ensino aprendizagem, pergunto-lhe quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?

P12 – As práticas? Bem eu beneficio sempre o crescimento pessoal das crianças, eu não me baseio apenas em despejar matéria ou que eles aprendam todo isso, não. Eu favoreço mesmo muito a amizade, o espirito de grupo e sempre o proteger dos nossos. Na minha turma tenho um aluno autista, uma síndrome de Asperger com fobias, com enumeras fobias, teve dois anos sem vir a escola, pois chagava a porta da escola e gritava, coisas assim, e no entanto o meu intuito era que os outros alunos sempre o protegessem e foi isso que aconteceu, nos vamos acabar o ano como um grupo, uma turma unida, a melhor na amizade e no espirito de grupo e de ajuda.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? E quais os benefícios desses recursos?

P12 – Físicos, bem eu não posso utilizar, eu até utilizaria se os tivesse, como o caso do quadro interativo, o que possibilitaria utilizar enumeras coisas, material pedagógico para ajudar na concretização e na aprendizagem e na compreensão. A nível humano tenho a turma, com os valores de união, amizade, espirito de grupo, etc., pois técnicos capacitados também não temos, dai ser difícil. Quanto aos benefícios por vezes é possível ver alguns e por outras não, depende da criança e da sua necessidade.

E – Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's? E como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P12 – Desafios? Bem é sempre um desafio, pois temos de arranjar forma de chegar a eles, por exemplo, o aluno que tenho com autismo e com fobias, poderia ou não encarrar comigo, foi um grande desafio mesmo, para além de outras situações, como ter marcado uma ida ao pavilhão, ele na altura disse que sim, mas quando chegou a altura não quis e estava em casa a recusar-se sair, a mãe ligou para mim muito aflita, pois não conseguia dissuadi-lo e eu pelo telefone falei com ele e convenci-o a vir. Ai está,

o meu maior desafio ao início foi pensar se conseguiria chegar a essa criança. Numa escola tive de aprender a fazer Graffiti para poder chegar a um aluno que tinha necessidades educativas especiais. Lá esta nos somos… nos temos que ser moldados a turma que nos apresentam e principalmente a essas crianças. Mas é muito gratificante no final.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P12 – Por norma coloco as crianças com necessidades educativas especiais mais perto da minha mesa, para poder ajudar e monitorizar o trabalho, de resto só se for necessário é que crio e modifico a sala.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P12 – Faço adaptações das provas, caso seja preciso. A leitura da prova é muito importante, por exemplo, este ano saíram da sala alguns alunos para realizarem provas, onde foram acompanhados pela coordenadora, que lhes lia a prova e ajuda na compreensão da mesma, uma vez que não existiam adaptações.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P12 – É fazer uma diferenciação na forma como ensinamos e na forma como trabalhamos, em todo. Baseio-me muito neste ano, na sala de aula não tive essa necessidade de fazer, a não ser nas provas de avaliação e eles saiam da sala, eram cinco alunos, que saiam para fazer as provas, em principio é uma forma de diferenciação pedagógica, é um forma diferente de chegar ao mesmo objetivo, mas por caminhos diferente.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P12 – É uma equipa que esta preparada, supostamente, para lidar com casos especiais, com casos que necessitam. Uma equipa multidisciplinar é formada pelo menis por um psicólogo, por um terapeuta, por um docente de ensino especial, acho que não estou a dizer nenhuma asneira. Por isso é que eu mais uma vez, eu sou apologista de todas as escolas terem uma sala de multideficiência, porque essa equipa multidisciplinar era uma mais-valia, se houve-se uma equipa multidisciplinar por cada escola isso seria ouro sobre azul. Mas não é possível.

E – Aqui na instituição existe uma equipa multidisciplinar?

P12 – Sim existe, existe no agrupamento, aqui na escola temos docentes de educação especial e auxiliares de apoio, equipa só no agrupamento. Mas não sei como funciona

E – Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?

P12 – Bem nos docentes referenciamos o aluno, depois o mesmo é avaliado dentro de todos os parâmetros e a partir dessa avaliação fazem um relatório, que depois nos chega a nós. É a única articulação que tenho tido com os outros intervenientes. Bem, tenho a ajuda dos pais, não sei se conta, e por vezes tenho necessidade de recorrer aos meus colegas da educação especial para tirar dúvidas ou pedir ajuda.

E – Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? Porquê?

P12 – Depende das necessidades educativas especiais, no meu curso trabalhei, ou melhor foi proposta para trabalhar com um grupo de crianças com necessidades educativas especiais profundadas, neste caso aula de natação, só lá foi uma vez, pois não consegui, é muito difícil e eu não estava preparado. O mesmo acontece em trabalhar numa sala de multideficiência, pois não estou preparado nem psicologicamente nem nada para isso. Em contexto de aula de aula se aparecer um aluno com necessidades educativas especiais, que aparecem todos os anos, sinto-me preparada, agora numa sala só com necessidades educativas especiais não.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P12 – Recordo-me de ter, sim, mas o nome e que a lecionava, isso já não me lembro.

E – Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação?

P12 – Sim fiz algumas. Fiz uma de necessidades educativas especiais no geral, que teve uma duração media, e depois já fiz mais algumas, mas já não me recordo dos temas.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P12 – Gostava de fazer uma ação de formação sobre o autismo e a dislexia, que são as que tenho mais curiosidade e necessidade de trabalhar e conhecer melhor.

E – Não tenho mais questões a colocar. Agradeço a sua participação.

P12 – De nada. Foi um gosto ajudar. Desejo todo de bom.

ANEXO 15 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 13

Entrevistador (E) – Começo por lhe perguntar a sua idade?

Professor 13 (P13) – Tenho 50 anos.

E – A quanto tempo é que se encontra a lecionar?

P13 – Encontro a lecionar a 26 anos.

E – Tem alguma categoria profissional, para além de docente?

P13 – Atualmente, não.

E – Formação académica?

P13 – Tenho Licenciatura em Ensino Básico do 1.º ciclo, tirada na Escola Superior de Educação João de Deus.

E – Para si, o que é ser professor?

P13 – Ser professor é ajudar na formação global dos alunos, em todos os aspetos e também a nível académico. Portanto é uma transversalidade de disciplinas, de atitudes, valores, educação e isso todo. Portanto ser professor é formar cidadãos da forma mais global possível.

E – Na sua opinião como acha que a sociedade atual encarra o papel de professor, ou seja, o seu papel como professor?

P13 – A sociedade encarra o professor dando-lhe muito pouca importância, achando que todo o que o professor faz pode ser questionado, achando que podem interferir em todo aquilo que o professor faz, em todo que a escola faz, muitas vezes de uma forma negativa e sem terem formação própria para isso. Portanto o professor é visto de uma forma muito pouco considerada, neste momento é isso que eu acho.

E – Como professor, quais são os seus maiores desafios diariamente?

P13 – Conseguir ultrapassar… fazer com que as crianças ultrapassem as dificuldades que tem, para que consigam aprender todo aquilo que é necessário, que faz parte dos conteúdos de cada ano letivo, para que consigam acompanhar o grupo e terem bons resultados.

E – Falando agora sobre as Necessidades Educativas Especiais. Para si, o que são NEE?

P13 – São crianças que tem problemas, que podem ser a nível mental, a nível motor, que não lhes permitem, de forma normal entre aspas, aceder aos conhecimentos da mesma forma que os outros alunos considerados normais conseguem fazer.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE´s ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas? E Porque?

P13 – É assim, a última vez que fiz um relatório de referenciação de NEE já foi há muito tempo, pois neste momento estou com uma turma de 3.º ano enão tenho crianças com NEE's e antes desta turma tive 5 anos na coordenação de escola, portanto não tenho uma ideia concreta sobe o assunto. Mas acho que pode existir as duas coisas, pode haver diagnósticos muito ampliados e outros muito reduzidos, depende do técnico que o faça.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's nas salas de aula de 1.ºCEB?

P13 – Depende do grau da NEE. Eu acho que a inclusão é benéfica tanto para as crianças com NEE's como para as crianças ditas normais, porque aprendem a respeitar a diferença e aprendem a ajudar-se mutuamente. Por sua vez as crianças com NEE's acabam por ter como modelo as outras crianças que conseguem fazer outras coisas que elas ainda não conseguem, mas que poderão vir a conseguir fazer, porque estão inseridas numa turma de crianças ditas normais. A dificuldade é não conseguir ajudar a criança com NEE's da forma mais correta, porque as vezes nós não temos a formação adequada para ajudar. Também depende do grau da NEE, como disse anteriormente, porque se for um caso de NEE muito grave, ai já não considero benéfico, pois já passei por essa experiência e nem as crianças com NEE's beneficiam, porque não conseguem acompanhar a turma e as crianças ditas normais tem alguma dificuldade em lidar com as crianças com NEE's muito graves.

E – Continuando no tema da inclusão. Pergunto-lhe, para si, o que é inclusão?

P13 – Inclusão é dar a possibilidade a todos de terem as mesmas oportunidades, ou seja, as mesmas que todos os outros tem, acho que é isso. É receber de uma forma… com respeito, com vontade de ajudar e de poder proporcionar as crianças que são incluídas o melhor, para que consigam ter uma vida social e competências socias, mesmo que não tenham capacidade para terem outras competências.

E – Saindo da sala de aula e passando para a escola. Pergunto-lhe, quais as vantagens e desvantagens que encontra numa escola inclusiva?

P13 – As vantagens e desvantagens são as mesmas que referir há pouco. A desvantagem esta relacionado com o tipo de NEE e de grau das mesma, de resto não vejo desvantagem, só vantagens.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.ºCEB para a inclusão de alunos com NEE's?

P13 – Bem, primeiro deveríamos reduzir o número de alunos por turma, para dar maior apoio as crianças com NEE's e ao mesmo tempo responder as necessidades dos outros alunos também. Depois depende da NEE apresentada, se for uma NEE motora as escolas não estão minimamente preparadas para as receber, nomeadamente, cadeiras de rodas, não há rampas, não há elevadores, não há nada disso, portanto é complicado, nesse espeto grande parte das escolas não tem essas condições para as receber.

E – Considera que tem essa condições na sua sala de aula e na sua escola? O que falta?

P13 – Bem, se forem crianças com NEE´s motoras não, não temos essas condições. Se forem crianças com outras NEE's, temos as turma reduzidas a 20 alunos, que é o que esta estipulado na legislação, mas acho que mesmo assim não chega, as turma continuam a ser grandes demais.

E – Falando agora das práticas de ensino e aprendizagem, pergunto-lhe que tipo de práticas ou estratégias de ensino aprendizagem utiliza para facilitar o processo de inclusão e para dar resposta a diversidade de alunos?

P13 – Bem, utilizo uma pedagogia diferenciada, através de jogos de conhecimentos mútuos, de modo a motivar os alunos e aproximar os alunos uns dos outros, portanto forma variadas de levar os alunos a respeitar a diferença e a terem vontade de se ajudarem mutuamente, esse tipo de coisas.

E – Quais os tipos de recursos utiliza nesse processo de inclusão? Tanto materiais, como humanos?

P13 – Em termos materiais utilizo trabalhos, fichas diferenciadas, utilizo o computador, o PowerPoint, a internet, entre outros. Em termos humanos tento encontrar estratégias que levem os alunos a conhecer-se melhor e a respeitarem-se e ajudarem-se, por exemplo através de trabalhos de grupo.

E – Que benefícios encontra nesses recursos que utiliza?

P13 – Os benefícios que encontro… dão-me possibilidade de atingir os objetivos que são proposto alcançar ao longo do ano.

E – Quais são os maiores desafios que sente face a inclusão de alunos com NEE's?

P13 – O maior desafio é fazer e conseguir que estas crianças consigam evoluir e aprender, na globalidade, o mais possível, para se tornarem agentes sociais.

E – Como procura dar resposta aos desafios com que se depara?

P13 – Vou acabar por me repetir, mas tento desenvolver o meu trabalho tendo em conta as necessidades de cada criança, de forma a conseguir atingir os objetivos pretendidos. Nem sempre é fácil e nem sempre conseguimos os progressos e os resultados que pretendemos, que definimos, mas o importante é não desistir, temos de continuar a tentar, pois iremos conseguir atingir os objetivos, mas pouco a pouco.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula, quando tem crianças com NEE's na turma?

P13 – Depende da NEE da criança que tenha na sala, ou seja, se houver necessidade de estabelecer uma nova organização de sala de aula, sim modifico. Caso não existir necessidade mantenho a organização, depende sempre se achar que esta adequado ou não a criança e a NEE que a mesma tenham.

E – Que tipo de instrumentos utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P13 – Utilizo fichas de trabalho e de avaliação adaptadas a NEE da criança, ou seja, todo o trabalho a realizar com a criança tem de ser adaptado consoante a NEE apresentada.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P13 – Diferenciação pedagógica é fazer um trabalho diferente daquele que estão a fazer os restantes alunos, ou seja, de acordo com as NEE's que a criança apresente.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P13 – Uma equipa multidisciplinar é uma equipa constituída por vários técnicos, desde docentes, pais, psicólogos, docentes de educação especial, entre outros, ou seja, por todas as pessoas que lidam com a criança, que trabalham com ela, de forma a poder acompanhar, ajudar e apoiar o seu crescimento, proporcionando experiencias benéficas a mesma.

E – Aqui na sua instituição existe alguma equipa multidisciplinar?

P13 – Eu penso que sim e acho que é constituída por professores de educação especial, assistentes sociais, psicólogos e docentes titulares.

E – Tem alguma ideia de como funciona ou como deveria de funcionar?

P13 – Não, sinceramente não sei. Pois como lhe disse não tenho tido alunos com NEE's nos últimos anos, por isso não sei como funciona atualmente. Na minha opinião, acho que esta equipa devia juntar-se sempre que necessário, de modo a conseguirem

articular o seu trabalho, para encontrarem soluções para os problemas que possam surguir e para ajudar na evolução da criança.

E – Centrando-nos agora no professor. Pergunto-lhe, sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? E porque?

P13 – Depende da NEE e do seu grau. Preparada, preparada eu não estou, eu não tive preparação, nem formação específica em ensino especial, portanto irá sempre haver da minha parte necessidade de aprofundar os meus conhecimentos, isto em conjunto com a professora de educação especial, no que diz respeito a maneira mais adequada para trabalhar com a criança.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área da NEE's, disciplina ou unidade curricular?

P13 – Não sei, se tive não me recordo.

E – Ao longo do seu percurso profissional faz algum tipo de formação adicional na área das NEE's?

P13 – Sinceramente não me recordo, acho que não fiz nenhuma, mas não me recordo. Já trabalho há 26 anos e se fiz não tenho memoria.

E – Não faz mal. Se pudesse realizar uma ação de formação na área das NEE's, qual o tema que gostaria de aprofundar?

P13 – Bem não sei, se calhar o autismo.

E – Esse temo por alguma razão específica?

P13 – Porque são crianças que… com as quais nos temos dificuldade em comunicar, nos temos por elas também não permitem e portanto eu gostaria de saber quais as melhores maneiras ou possibilidades que eu teria de conseguir chegar a essas crianças e de as fazer aproximar de mim e interagir comigo e com os colegar de turma.

E – Não tenho mais questões a colocar. Muito obrigada pela sua participação e pela sua disponibilidade para falar comigo.

P13 – De nada. Espero que tenha ajudado.

ANEXO 16 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PROFESSOR 14

Entrevistador (E) – Inicialmente gostaria de saber a sua idade?

Professor 14 (P14) – 30 anos.

E – Há quanto tempo se encontra a exercer? Tanto fora como dentro desta instituição?

P14 – Leciono já a 8 anos.

E – Categoria profissional, ou seja, se tem algum cargo para além de docente?

P14 – Não, apenas sou professor titular de turma.

E – A sua formação académica?

P14 – Tenho licenciatura em professor de 1.º ciclo do ensino básico; posteriormente fiz uma Pós-graduação em Ensino de Inglês ao pré-escolar e ao 1ºCEB. Fiz também o Mestrado em Educação Especial, no domínio cognitivo e motor, e este ano fiz e terminei o Doutoramento em Ciências da Educação: Formação e Supervisão de Professores.

E – Muito bem. Então, para si o que é ser professor?

P14 – Ser professor passa sem dúvida pela transmissão de conhecimentos, pela capacidade de orientar, aliciar e encorajar os alunos para a aprendizagem, desenvolvendo o gosto pela pesquisa, reflexão, estudo…Ser professor é ser capaz de dinamizar uma relação com os alunos,… é uma profissão muito relacional, sendo que a abordagem aos conteúdos depende dos alunos que temos à nossa frente. Por vezes, ou muitas vezes, ser professor é também ser-se mãe/pai, psicólogo, enfermeiro, etc.

E – Como é que vê o papel do professor na sociedade atual? Ou como é que acha que a sociedade atual encarra o papel do professor?

P14 – Posso dar 2 respostas a esta pergunta. Em primeiro lugar assistimos a uma desvalorização enorme da classe docente por parte da sociedade, a um crescente desrespeito aos professores e a uma limitação cada vez mais evidente do professor poder usar as suas estratégias criativas em sala de aula, porque os programas são extensos e nem sempre adequados à faixa etária, não existindo tempo para nada. Por outro lado, uma resposta completamente diferente posso afirmar que apesar da desvalorização da sociedade face à classe docente, cada vez mais os pais depositam não só os seus filhos na escola, como depositam integralmente a responsabilidade à escola de educar os seus filhos, desresponsabilizando-se cada vez mais do seu papel enquanto

pais e educadores. Em consequência, os professores deparam-se com crianças sem regras, sem acompanhamento…e com um programa extenso para cumprir.

E – Compreendo. Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?

P14 – Como professor o meu maior desafio é o tempo útil de trabalho e por vezes a falta de alguns recursos.

E – Compreendo, quase todos os professores tem referido esses aspetos. Para si, o que são necessidades educativas especiais?

P14 – Um aluno quando tem necessidades educativas especiais precisa de estratégias individualizadas que o ajudem a reduzir a sua desvantagem em relação aos outros, cabendo ao professor e aos outros intervenientes ajustarem as suas expectativas face ao que a criança poderá eventualmente ser capaz de atingir, potenciando ao máximo as suas capacidades cognitivas. Muitas vezes cai-se no erro de partir do princípio que a criança coitada não será capaz e adotam-se medidas restritivas sem se tentarem outras.

E – Na sua opinião acha que há um diagnóstico das NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?

P14 – Devido ao tamanho das equipas multidisciplinares de cada escola, pode ser ou não possível fazer mais ou menos avaliações ao perfil cognitivo e emocional dos alunos, de forma a ter a capacidade de os acompanhar posteriormente. Por vezes também depende da sensibilidade dos professores em detetarem dificuldades e procederem à sua referenciação.

E – Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB? E porquê?

P14 – Quando o grau de comprometimento cognitivo é grande, a maior vantagem é a socialização/interação com os seus pares, já a maior desvantagem é a preparação que o professor da turma tem ou não para adaptar as suas aulas à heterogeneidade dos alunos, acrescendo um aluno ou mais com pouca ou nenhuma autonomia e dependente, por vezes de certos cuidados quase médicos, para os quais não tem qualquer formação. Quando o comprometimento cognitivo é ligeiro, não há desvantagens para nenhuma das partes.

E – Falando agora sobre a inclusão. O que é que é para si a inclusão?

P14 – É a capacidade de a escola se adaptar, de forma a criar todas as condições capazes de responder às necessidades da criança com NEE's, sem discriminação e num ambiente solidário.

E – Para si, quais são as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva? E porquê?

P14 – A principal desvantagem é a falta de recursos, quer materiais, quer humanos. As vantagens são inúmeras para o aluno com NEE's, como interação e socialização, e também para os seus pares que desde cedo se tornam solidários e crescem com o conceito de respeito pela diferença, regra geral tornam-se protetores dos colegas com deficiência.

E – Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?

P14 – Não sinto que devam ter nenhumas condições especiais em situações ligeiras, contudo em situações mais graves as turmas não deveriam ter mais de 15 alunos ou, tendo mais alunos por impossibilidade deste número seria essencial uma auxiliar a tempo inteiro para acompanhar o aluno, só assim haveria de facto uma inclusão com sucesso onde o aluno seria constantemente apoiado, sem ter de sair da sala de aula e sem provocar constrangimentos ao professor de se sentir pouco preparado/apoiado para lidar com a situação e cumprir o programa escolar.

E – Considera que têm essas condições na sua sala de aula? Ou acha que falta alguma coisa?

P14 – Neste momento não acho que me falta-te nada na minha sala, uma vez que os as NEE's que tenho em sala são ligeiras, mas eventualmente faltara recursos humanos e alguns materiais.

E – Falando agora um pouco sobre as práticas de ensino e sobre a equipa multidisciplinar. Inicialmente pergunto-lhe quais são os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem que utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e para facilitar o processo de inclusão?

P14 – Para trabalhar os diferentes conteúdos recorro em simultâneo à exposição oral, à esquematização de conceitos essenciais e/ou apontamentos no quadro e imagens e sempre que seja adequado ou pertinente recorro a gestos ou exploração sensorial de determinados materiais.

E – Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão?

P14 – Utilizo imagens, materiais adaptados, como: lápis mais grossos, fichas com tipo de letra maior. Utilizo muito a estratégia dos alunos tutores, colocando os melhores alunos ou alunos mais responsáveis ao pé de quem precisa de ajuda, e todos os técnicos da equipa multidisciplinar.

E – Quais os benefícios desses recursos?

P14 – Até agora os benefícios que encontro são positivos, pois os alunos com que apliquei este tipo de estratégias demonstram mais segurança e a própria turma desenvolve um espirito de interajuda e cooperação enorme.

E – Quais desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?

P14 – Neste momento como tenho uma turma mista de 1º e 4º ano de escolaridade, o maior desafio é o tempo útil de trabalho com todos os alunos sem que ninguém fique excluído (os alunos vagarosos, os rápidos, os que têm dificuldades, os que precisam de "polícia para trabalhar", os que fazem birrinhas e os alunos com NEE).

E – Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?

P14 – Recorro aos alunos tutores sempre que possível e, por vezes dou apoio extra tempo letivo ao aluno NEE.

E – Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?

P14 - A disposição da sala de aula é dinâmica, os lugares são alterados dependendo do tipo de atividade ou necessidade de regular qualquer situação que surja; posso dar mais ou menos autonomia aos alunos dentro da sala de aula.

E – Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?

P14 – Neste momento, no caso de um aluno com défice cognitivo ligeiro moderado, os testes são iguais ao restante grupo, mas com perguntas mais diretas, de resposta curta, de Verdadeiro e Falso e valorizo a participação oral.

E – O que entende por diferenciação pedagógica?

P14 – Para mim a diferenciação pedagógica é algo simples de explicar: é adequar a prática do professor aos diferentes perfis cognitivos ou de aprendizagem dos alunos. Não é necessário haver alunos com NEE para haver diferenciação pedagógica em sala de aula – nenhuma turma é homogénea.

E – O que entende por equipa multidisciplinar?

P14 - Uma equipa com várias valências que trabalha em conjunto, em articulação para atingir os mesmos objetivos.

E – Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar?

P14 – Existe apenas uma psicóloga e a professora de educação especial, que sou eu, quando um aluno precisa de outros apoios específicos é enviado para apoio no exterior.

E – Como funciona? Acha que devia funcionar de outra forma?

P14 – A equipa é coordenada e articula o trabalho com os professores da turma, contudo a sua ação é limitada.

E – Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?

P14 – Sobretudo reuniões quinzenais de monitorização do desempenho dos alunos e definição de estratégias para o professor da turma trabalhar com os seus alunos.

E – Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's?

P14 – Sim.

E – Porquê?

P14 – Tendo em conta a minha formação académica e a experiencia que tenho adquirido ao longo dos anos. Claramente que não deixo de pesquisar e de experimentar novas estratégias, mas sinto-me preparado para trabalhar com esse tipo de crianças.

E – Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?

P14 – Na licenciatura, que é pré-Bolonha, tive uma disciplina semestral de NEE, o que achei insuficiente. Entretanto fiz o mestrado em Educação Especial: domínio cognitivo e motor, com duração de 2 anos.

E – Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE's, qual o tema em que gostava de participar?

P14 – Eu gostava de aprender língua gestual.

E – Não tenho mais questões, terminando assim a nossa entrevista. Agradeço-lhe imenso a sua colaboração. Muito obrigada.

P14 – De nada.

ANEXO 17 – ANÁLISE DE CONTÉUDO DAS ENTREVISTAS

Bloco	Subcategoria (questões)	Respostas dadas
Bloco C **Conceções sobre o papel do professor**	1. Para si, o que é ser professor?	"transmissão de conhecimento" – **P1, P5, P6, P9, P14,** "partilha de conhecimento, intercâmbio" **– P1, P4,** "estar atualizado" **– P2** "conhecer os programas" **– P2** "saber adaptar os programas" **– P2, P3** "conhecer as crianças" **– P3** "perceber e antecipar dificuldades" **–P3** "acompanhar a evolução" **– P3** "dar formação cívica" **– P3, P7, P10, P12, P13** "motivar para a aprendizagem" **– P4** "grande responsabilidade**" – P5** "gosto em estar com crianças" – **P5** "dar confiança"- **P5** "ajudar a crescer" – **P5, P7,P10, P11, P13** "dar carrinho" **– P5, P9** "pilar de apoio" – **P5, P8** "esclarecer as dúvidas" – **P8** "orientar" – **P8**, **P11, P14** "ajudar a descobrir do que são capazes" – **P11** "abrir os horizontes" – **P11** "dinamizar uma relação com os alunos" – **P14**
	2. Como acha que o papel do professor é encarrado atualmente na sociedade?	"desvalorização da classe docente" **– P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P12, P13, P14** "crianças mal formadas, sem regras e sem acompanhamento" **– P1, P14** "desacreditar do professor" – **P1** "poucos pais preocupados com a escola" – **P2, P9, P10, P11** "falta de compromisso com o trabalho" – **P2** "falta de valores em casa" – **P2** "papel da escola a margem da preocupação" – **P2** "acham que pode opinar e questionar" – **P3, P4, P13** "não reconhecem o que feito pela criança" – **P3, P10, P11** "antes era visto como uma figura de respeito" – **P4, P9** "não há estabilidade nos concursos e nas escolas" – **P4**

		"algo descartável" – **P5, P12** "mero prestador de serviços" – **P6** "cumprir todas as exigências pedidas" – **P6, P7, P12** "não existe preocupação pelo aprender e pelo crescer" – **P9** "acham que o professor é responsável por educar e ensinar" – **P7**, **P9, P14** "papel fundamental" – **P10** "no núcleo mais pequeno, o papel do professor é bem aceite e compreendido" – **P10, P11**.
	3. Enquanto professor, quais são os maiores desafios que sente no seu dia-a-dia?	"o respeito o outro, saber respeitar e o saber ouvir" – **P1, P10** "crianças muito estimuladas" – **P1** "ensino ainda tradicional" – **P1, P4** "fazer entender que o 1.º ciclo exige compromisso, exige empenho e exige trabalho" – **P2, P7** "compromete-los diariamente com o trabalho" – **P2** "turmas grandes" – **P3, P11** "turmas muito heterogenias" – **P3, P11** "falta de tempo para o acompanhamento, o apoio individualizado e de trabalho" – **P3, P14** "captar a atenção, motivar e cativar as crianças" – **P4, P5, P8** "chama-los para a realidade" – **P5** "chegar a todas as crianças" **- P6, P7, P9, P12** "grande quantidade de conteúdos a de trabalhar" – **P6** "crianças imaturas e infantis" – **P6, P7** "dificuldade em relação aos pais, falta de acompanhamento" – **P7** "manter a ordem e o foco" – **P10** "grande necessidade de falar" - **P10** "fazer com que eles compreendam os conteúdos abordados" – **P12** "ajudar a ultrapassar as dificuldade e conseguir aprender" – **P13** **"**falta de alguns recursos" – **P14**
Bloco D **Conceções sobre Necessidades Educativas Especiais**	1. Para si, o que são necessidades educativas especiais?	"dificuldade em adquirir alguma competência" – **P1, P13** "impede de ter um progresso chamado de normal" – **P1, P2, P3, P4, P11, P12, P13** "não adquire alguma competência" **- P1, P9** "uma necessidade que não vai ser respondida de forma tradicional" – **P2** "requer outro tipo de recursos, de pessoas, de materiais, de programas" - **P2, P7, P8, P9, P10** "impede a criança de realizar alguma tarefa" – **P3, P5** "encontrar e dar uma atenção especial, trabalhar e acompanhar essas crianças" – **P3, P4, P8, P9, P10, P12, P14** "criança que não consegue controlar a dificuldade que têm" - **P6**

		"algo intrínseco, algo que não se consegue controlar" – **P6** "encontrar e trabalhar as potencialidades" – **P10, P14** "incentiva-los e fazer com que sejam felizes" – **P10** "crianças que apresentam problemas a nível da saúde" – **P11, P13**
	2. Na sua opinião acha que há um diagnóstico de NEE's ampliado ou reduzido relativamente à realidade das escolas?	Reduzido – **P1, P6, P10, P12** Ampliado – **P2, P5, P8** "depende de cada caso" **– P2, P3, P5, P9, P11** "número elevado de crianças com dificuldades" – **P1, P10,** "depende da resposta que a escola pode ou não dar" - **P1, P14** "confusão entre NEE, com a tal falta de compromisso" – **P2** "utilizas como escapatória ao insucesso" – **P2, P5, P7, P8** "muitos casos resolviam-se por iniciativa própria, com a ajuda dos pais" – **P2, P7** "muitos casos são causados por desinteresse e a falta de empenho" – **P2** "depende do local e de quem faz os relatórios" **– P3, P4, P6, P13** "depende da aceitação dos pais" **– P3, P6, P7** "depende de quem trabalha com a criança fora da escola" **– P4, P5** "depende da informação passada a escola" – **P4** "necessidade de um trabalho de equipa dentro da escola" – **P6** "nem sempre o que é sugerido se aplica" – **P6** "os relatórios que chegam nem sempre correspondem a realidade" – **P7, P9, P11** "hoje em dia facilmente se é uma criança com NEE" - **P8** "diagnósticos muito parecidos" **– P9, P10** "demora na resposta ao pedido de avaliação" **– P2, P12** "sensibilidade dos professores detetarem dificuldades e procederem a referenciação" – **P14**
	3. Na sua opinião quais são as vantagens e desvantagens da inclusão de alunos com NEE's em salas de aula do 1º ciclo do EB?	"depende da problemática" – **P1, P7, P10, P11, P12, P13** "depende da capacidade da escola responder ou não as necessidades da criança**" – P3, P4, P7** "depende se há ou não acompanhamento especializado" **- P1, P4, P7** "depende se os professores tem ou não formação e preparação para os receber" **– P4, P13, P14** "vantagem: relação social, socialização com as outras crianças" – **P1, P4, P8, P9, P14** "vantagem: crescimento pessoal e humano" – **P2, P3, P6, P9, P11** "vantagem: ajuda a desenvolver o espirito socialmente correto" – **P3** "vantagem: possibilita trabalhar a heterogeneidade" – **P5** "vantagem: estar inserido numa comunidade" – **P9, P10**

		"vantagem: incutidos valores de respeito pela diferença e ajuda" – **P6**, **P11, P13** "desvantagem: turmas muito grandes" – **P9, P11** "desvantagem: muito trabalho, difícil de gerir" – **P2, P5, P6, P8** "desvantagem: quando há falta de recursos humanos e materiais" – **P1, P8, P11** "desvantagem: falta de tempo para acompanhar e trabalhar com a criança" **– P6, P9, P13** **P6 –** "acaba por ser bom ter essas crianças em sala de aula quando o esforço e trabalho são reconhecidos"
Bloco E **Conceções sobre a inclusão**	1. Para si, o que é inclusão?	"ter oportunidade de interagir com outras crianças" – **P1, P6, P8, P10, P12, P13** "participar nas rotinas diárias de uma sala de aula" – **P1, P3, P4, P6, P8, P9, P10** "não ser excluído" – **P1, P5, P7** "aceitar os outros como eles são, independentemente do aspeto" **– P2, P5** "ser olhados de maneira exatamente igual aos outros" – **P2** "participar ativamente nas dinâmicas de sala e de escola" – **P3, P4, P9, P10** "Incluir é diferente de integrar" – **P3** "fazer um esforço por alguém que tem dificuldades" - **P5** "corresponder as suas dificuldades e necessidades" – **P6, P14** "ter mesmas experiencias e oportunidades que os outros" - **P6, P7, P8, P13** "necessário existir condições" **– P8** "ter os mesmos direitos e os deveres que as outras crianças ditas" - **P9** "estar 100% felizes na escola" **– P11** "ter meios e materiais necessários a inclusão" **– P11, P14** **"**receber com respeito, com vontade de ajudar e de poder proporcionar as crianças o melhor" – P13 "capacidade de a escola se adaptar" - **P14**.
	2. Quais as vantagens e desvantagens de uma escola inclusiva?	"criar condições para receber este tipo de crianças" – **P1, P7, P8, P11** "maior número de pessoas para trabalhar e acompanharem as crianças" – **P1, P7,** "forma melhores pessoas" – **P2** "necessário existir equipas de terapeutas, uma equipa de orientação, de psicologia" – **P2** "trabalho articulado entre a equipa de técnicos e o professor, para uma inclusão bem-feita" **- P4** "pessoal apto e qualificado para trabalhar com essas crianças" – **P7** "O que ocorre dentro da sala de aula transporta-se para a escola" - **P11** "vantagem: estarem incluídos" - **P1, P12** "vantagem: crescimento social e humano" – **P2, P6, P9, P11, P12, P14**

		"vantagem: ser respeitada dentro do seu espaço e das suas limitações" – **P3** "vantagem: aprender a partilhar e a ajudar o outro" – **P3** "vantagem: consciência e respeito pela diferença" – **P3, P5, P9, P10, P12, P14** "vantagem: alarga os horizontes" – **P3** "vantagem: diversidade de alunos" – **P5, P9, P12** "desvantagem: depende que há em cada sala" – **P2** "desvantagem: grupos demasiado heterogéneos" – **P2** "desvantagem: falta de recursos humanos e materiais" – **P3, P5, P14** "desvantagem: turmas grandes" – **P3** "desvantagem: falta de tempo" – **P5** "desvantagem: muito trabalho" – **P6** " desvantagem: tipo de NEE e grau" - **P13**
	3. Na sua opinião que condições devem ter as salas de aula de 1.º ciclo para a inclusão de alunos com NEE's?	"meios informáticos" – **P1, P5, P6, P9, P11, P12** "acessos: rampas e elevadores" – **P1, P4, P12, P13** "reduzir a turma" – **P2, P3, P7, P9, P13, P14** "mais recursos humanos" – **P2, P4, P7, P9, P10** "professor titular tem de ter formação na área" – **P2** "mais apoio e acompanhamento da criança" – **P7, P9, P10, P14** "salas de aulas mais espaçosas" – **P3, P4, P6, P7, P8, P12** "mais recursos materiais de apoio" **– P4, P5, P6, P8, P11, P12** **P1 –** "salas de aula minimamente equipadas, mais ou menos estruturada" **P2 –** "depende da realidade das crianças de que estamos a falar" **P3 –** "depende da NEE da criança" **P6 –**"sala dividida em cantinhos para a existência de matérias específicos" **P9 –** "a nível físico depende se existe necessidade de adaptar a sala" **P12 –** " existir sala de multideficiência"
	4. Considera que têm essas condições na sua sala de aula? O que falta?	"Falta todo." **– P1, P3, P4, P6, P7, P9, P11, P12, P13** "Não falta nada" **– P5, P14** "falta recursos humanos, para acompanhamento" – **P1,P7, P14** "falta espaço" – **P4,** "falta ter turmas mais pequenas" – **P4, P7, P13**

		"falta materiais" – **P6, P8, P11, P12, P13, P14** **P2 –** "O problema não é a sala, é as estratégias de atuação que desenvolvemos e recebemos das avaliações". **P3 –** "os casos severos, não estão inseridos em sala de aula, encontram-se na sala das NEE". **P6 –** "tento ter alguns materiais que possam ser utilizados" **P9 –** "as coisas estão a mudar, aos poucos e poucos, temos de dar tempo ao tempo". **P14 –** "não acho que me falta-te nada, eventualmente faltara recursos humanos e materiais".
Bloco F **Práticas de Ensino-Aprendizagem e Equipa Multidisciplinar**	1. Quais os tipos de práticas/estratégias de ensino aprendizagem utiliza para dar resposta a diversidade de alunos e facilitar o processo de inclusão?	"depende do caso" **– P1, P10** "seguir o protocolo, o PEI" – **P2, P8, P9** "aplicação das estratégias sugeridas caso sejam adequadas" – **P2** "procurar/pesquisar formação, informação e ajuda" – **P2, P6** "dar mais atenção" – **P2** "adaptar o trabalhos, consoante as necessidades" – **P2, P3, P4, P7, P9, P11, P13** "ter uma linguagem acessível, óbvia e clara e atenção ao tom de voz" – **P3, P6** "recorrer a parte visual" – **P3, P14** "utilizar as tutorias e trabalhos de grupo" – **P5, P10, P11** "utilizar materiais concretos" – **P6** "apoiar individualmente" – **P6, P7, P11** "colocar mais a frente e mais próximo da mesa do professor" – **P6** "tirar os elementos distrativos" – **P6** "explicar os exercícios" – **P6** "testes organizados de forma diferente e com mais tempo para resolver" – **P8** "utilizar meios tecnológicos, computador" – **P10** "utilizar jogos didáticos" – **P10, P11, P13** "favorecer o crescimentos pessoal" – **P12** "favoreço a amizade, o espirito de grupo" – **P12** "exposição oral" – **P14** "esquematização de conceitos e apontamentos no quadro" – **P14** "exploração sensorial de determinados materiais" – **P14** **P1 –** "um relatório muito vasto, não especificando a NEE", "bloqueia o trabalho do professor" **P2 –** "no 1.º ciclo não somos confrontados com casos de NEE graves" **P3 –** "Não tenho um leque de estratégias estabelecidas" **P10 –** "pode resultar com uns, mas pode não resultar com outros"

		P11 – "muito dependentes do professor e da sua explicação"
	2. Quais os recursos que utiliza no processo de inclusão? Quais os benefícios desses recursos?	"utilização de recursos informáticos" – **P2, P3, P4, P6, P9, P11, P13** "utilização de materiais didáticos" – **P2, P3, P9, P11, P12, P14** "concretização e manipulação de objetos" – **P3** "utilização de apresentações de PowerPoint" – **P3, P4, P5, P6, P13** "adaptação de fichas" – **P4, P11, P13** "utilização de plataformas educativas, escola virtual" – **P4** "utilização do projeto" – **P5** "utilização de trabalhos de grupo e tutores" – **P5, P14** "criar uma relação positiva com a turma" – **P7** "falar abertamente com a turma sobre os diversos assuntos" – **P7** "valorização de valores como união, amizade e espirito de grupo" – **P12** **P1 –** "beneficiar mais se tivesse uma turma com menos meninos", "estaria mais próxima e conseguiria chegar mais rapidamente aos problemas dele". **P2 –** "utilização de um recurso leva ao aumento da atenção", "as fichas e o manual fazem parte da rotina". **P4 –** "Utilizo coisas mais visíveis e apelativas", "ficam mais atentos". **P6 –** "mais fácil atingir a compreensão do conteúdo". **P7 –** "os benefícios são sempre para a criança", "pensar na evolução da criança", "trabalhar e tentar melhorar as dificuldades que vão aparecendo". **P8 –** "não utilizo nada diferente do resto da turma". **P9 –** "pesquisa variada sobre a problemática", "os recursos utilizados variam conforme a problemática", "depende da criança e da resposta da mesma as atividades". **P11 –** "as escolas estão muito carentes em material". **P12 –** "material pedagógico ajuda na concretização, na aprendizagem e na compreensão", "técnicos capacitados também não temos", "benefícios depende da criança e da sua necessidade". **P13 –** "possibilidade de atingir os objetivos propostos". **P14 –** "demonstram mais segurança e desenvolve um espirito de interajuda e cooperação".
	3. Quais são os desafios que sente face à inclusão de alunos com NEE's?	"ajudar e chegar a estas crianças" – **P1, P3, P12** "conjunto de exigências a cumpri, plano de estudos, um programa" – **P1** "carga horária, falta de tempo para apoio individual" – **P1, P14** "fazer com que não fiquem para trás" – **P2** "incentiva-los a não desistir" – **P2, P4** "colmatar as diferença" – **P4**

		"fazer com que não se sintam a margem dos demais" – **P4** "dar a compreender que todos são diferentes, é preciso respeitar" – **P4, P9** "estar preparados para todas as situações" – **P5** "relacionamento entre as crianças" – **P6** "falta de confiança" – **P6** "compreenderem que são capazes de todo se forem dedicados e esforçados" – **P6** "falta de apoios" – **P1, P11** "conseguir que estas crianças evoluam e aprendam" – **P13** "torna-los agentes sociais" – **P13** **P3 –** "experimentar, mas não conseguimos saber se estamos a fazer da melhor forma". **P7 –** "não me recordo de ter grandes dificuldades". **P8 –** "Não senti". **P9 –** "experimentar uma estratégia e se resultar continuamos a aplicar, se não resultar é preciso voltar a estaca zero e arranjar outra estratégia". **P10 – "**são sempre um desafio", "nunca saber o que vai acontecer, só a cada passo é que vai dar para ver os progressos e evoluções". **P12 –** "é sempre um desafio", "temos que ser moldados a turma que nos apresentam e a essas crianças".
	4. Como procura dar resposta aos desafios que se lhe apresentam?	"investigar/pesquisar" – **P3, P9** "falar com os colegas do departamento de NEE" – **P3, P9** "falar com pessoas qualificadas da área" – **P3** "resolver pelo lado positivo" – **P5** "arranjar soluções menos puníveis" – **P5** "criar uma boa relação" **– P6** "apoio extra, tutores" – **P6, P14** "fazer com que não desistam, continuar a tentar e a lutar" – **P6, P10, P13** "estimular o máximo, para possibilitar a evolução" – **P10** "dar o melhor" – **P11** "desenvolver um trabalho tento em conta as necessidades da criança" – **P13**
	5. Costuma criar novas formas de organização e gestão de sala de aula?	"não costumo, tentar manter igual" – **P1, P2** "sim costumo criar" – **P3, P4, P5, P6, P7, P9, P10, P11, P12** "colocar mais próximo do professor" – **P2, P3, P6, P7, P9, P10, P12** "destacar um colega como tutor para o ajudar" – **P3, P5, P10**

		"dar mais atenção a essas crianças" – **P4** "organização e trabalhos em grupos" – **P6, P9, P10** "mais próximas do quadro" – **P7** "trabalho de reforço na área com dificuldades" – **P7** **P1 –** "necessidade de mudar a disposição da sala mais vezes", "crianças conversadoras e que se distraem com facilidade, período curto de concentração" **P2 –** "a proximidade com o professor ajuda a inclui-lo na turma e nas atividades". **P3 –**"adaptar, fazer de todo o que seja possível para que a criança evolua". **P4 –** "criar espaços na sala de aula em que os outros tem mais autonomia", "dar autonomia aos outros para conseguir dar mais atenção a criança". **P5 –** "conhecer bem o grupo", "perceber como é cada criança" **P6 –** "gerir a sala e a sua organização consoante a NEE", "ajudar e monitorizar a evolução das crianças". **P8 – "**Atualmente não fiz alterações na sala". **P10 –** "monitorizar melhor o trabalho que fazem", "vão surgindo conforme a necessidade". **P11 –** "conforme é preciso ou necessário", "alunos cada vez mais faladores". **P12 –** "ajudar e monitorizar o trabalho". **P13 –** "Depende da NEE da criança", "depende se for adequado ou não adequado". **P14 –** "lugares alterados dependendo do tipo de atividade ou necessidade".
	6. Quais os tipos de instrumentos que utiliza para adequar o processo de avaliação de alunos com NEE's?	"testes, fichas, atividades e trabalhos de casa adaptados" – **P1, P3, P4, P6, P9, P11, P12, P13** "utilização das medidas e estratégias presentes no PEI ou no CEI" – **P1, P9, P11** "leitura e descodificação dos enunciados" – **P1, P3, P12** "modificação do formatação e da organização dos testes, mas conteúdo igual" – **P2, P7, P14** "avaliação continua: avaliação do trabalho diário" – **P2, P3, P4, P6, P10** "realização de testes com acompanhamento, fora de sala" – **P3, P12** "utilização de meios informáticos e de materiais didáticos" – **P10** "utilização de trabalhos de grupo" – **P10** "avaliação da participação oral" – **P14** **P1 –** "estratégias que vou experimentando e vejo se resultam ou não" **P2 –** "não sou grande apologista de adaptações nos testes" **P6 –** "crio um caderno, caderno de trabalhos extra de apoio", "possibilidade de utilizar de materiais para manipular, para a concretização" **P13 –** "o trabalho a realizar é adaptado consoante a NEE".

	7. O que entende por diferenciação pedagógica?	**P1 –** "reduzir um bocadinho a fáscia", "reduzindo ali um bocadinho os conteúdos". **P2 –** "adaptar o estilo de ensino ao estilo de aprendizagem", "identificar os pontos fortes e fracos e trabalha-los para que a criança evolua". **P3 –** "algo que todos nós acabamos por ter de fazer em sala de aula", "não partir do princípio que nos explicamos e que os alunos vão todos ouvir e compreender", "adaptar as metodologias, as dinâmicas, as atividades, consoante as necessidades da criança" **P4 –** "atitude que o professor tem perante crianças com NEE", "adaptar-se a elas", "adaptar os testes, as fichas". **P5 –** "perceber que cada aluno captada a mensagem de forma diferente". **P6 –** "adequar a forma de ensinar consoante as necessidades de cada um", "As crianças não são todas iguais, tem ritmos diferentes de aprender". **P7 –**"arranjar outras metodologias, outras formas de chegar a criança, para que possa aprender e ter sucesso". **P8 –** "arranjar estratégias, fichas e trabalhos diferentes, que sejam adequados a criança, para que consiga alcançar os objetivos". **P9 –** "preparar atividades diferentes das do resto da turma específicas para as crianças com NEE". **P10 –** "cada aluno é diferente e alcança os objetivos de formas diferentes", "difícil, devido ao grau de exigência do currículo e do volume de conteúdos". **P11 –** "diferenciar aquela criança das outras", "adaptar todo o nível de trabalho as necessidades das crianças". **P12 –** "fazer uma diferenciação na forma como ensinamos e como trabalhamos", "forma diferente de chegar ao mesmo objetivo". **P13 –** "fazer um trabalho diferente dos outros", "trabalho de acordo com as necessidades da criança". **P14 –** "adequar a prática do professor aos diferentes perfis cognitivos ou de aprendizagem dos alunos", "nenhuma turma é homogénea".
	8. O que entende por equipa multidisciplinar?	"equipa que trabalha em conjunto para o bem-estar da criança**" – P2, P3, P6, P9, P11, P13** "objetivo evolução e aprendizagem positiva da criança" – **P2, P3, P4, P7, P9, P10, P13** "trabalhar compreendendo as potencialidades e as limitações" – **P2, P3, P8** "trabalha para solucionar os problemas" **– P3, P13** "traçar plano de ajuda" **– P5** "equipa constituída por vários elementos especializados" **- P6, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14** **P4 – "**Parte muito dos professores que trabalham na escola", Parte também depois da equipa que acompanha a criança fora da escola" **P12 –** "equipa preparada para lidar com casos especiais" **P14 –** "atingir os mesmos objetivos".

	9. Na sua instituição existe uma equipa multidisciplinar? Como funciona e como devia funcionar?	"sim existe na escola" – **P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P14** "sim existe a nível do agrupamento" – **P9, P11, P12, P13** "não existe" – **P10** "realização de reuniões semanais com os intervenientes" – **P1** "partilha de opiniões, estratégias e informações" – **P1** "não sei como funciona" – **P3, P5, P8, P11, P12, P13** "poucos recursos qualificados" – **P2, P4, P6, P7, P9, P11, P14** "elevados casos de crianças com NEE" – **P6, P7, P10** "pouca partilha e apoio ao professor titular" – **P6** **P2 –** "A equipa que existe trabalha bem e esta bem organizada". **P7 –** "falta de recursos humanos dificulta muito o processo de inclusão de crianças com NEE". **P10 –** "temos um SPOC, que é a unidade que avalia os casos urgentes". **P11 –** "devíamo-nos juntar de vez enquanto para falar", "Precisamos de mais apoio, pois os técnicos e profissionais que temos não chegam para resolver todos os casos e problemas que existem e surgem". **P13 –** "devia juntar-se sempre que necessário, para articular o trabalho e encontrar soluções para os problemas e ajudar na evolução da criança". **P14 –** "articula o trabalho com os professores da turma, contudo a sua ação é limitada".
	10. Que tipo de articulação existe entre os vários intervenientes no processo do aluno com NEE's?	"Troca de informação" - **P4, P6** "reuniões semanais, de monitorização da evolução" – **P4, P6, P9, P14** "troca de sugestões e de opiniões" – **P4** "recorrer aos técnicos de educação especial para tirar dúvidas ou pedir ajuda" - **P12** **P10 –** "boa articulação com os médicos de família dos alunos que encaminhei e que pedi uma avaliação". **P12 –** "referenciamos o aluno, depois é avaliado dentro de todos os parâmetros e a partir dessa avaliação fazem um relatório, que depois chega ate nós"
Bloco G **Formação Profissional ao nível das NEE**	1. Sente-se pedagogicamente preparado para trabalhar com crianças com NEE's? Porquê?	"sinto-me preparado" – **P2, P4, P9, P10, P14** "sinto-me preparado, dependendo na NEE" – **P1, P3, P5, P7, P11, P12, P13** "não me sinto preparado" – **P8** **P1 –** "temos pessoas que estão direcionadas para trabalhar com essas crianças", "já tenho alguma experiência com casos leves e vou percebendo o que é necessário fazer e como atuar", "se eu tivesse um autista em sala de aula, não sabia como lidar com ele nem atuar".

		P2 – "algo que tenho feito e que estou habituado a fazer". **P3 –** "sinto que tenho mais informação e experiencia que alguns dos meus colegas", "tendo em conta o meu passado", "noção de que é complicado gerir as NEE, o currículo e adapta-lo a todos". **P4 –** "passa muito por termos uma criança nessas condições e sabermos adaptarmo-nos", "só vivendo as situações e passando por elas, e vendo as dificuldades e os desafios é que uma pessoa consegue ir ganhando alguma experiencia e fazer um balanço do que é realmente importante para a criança aprender". **P5 –** "casos muito pesados não". **P6 –** " já fiz e contínuo a faze-lo", "precisava de saber mais, de ter tempo, de ir a mais formações, de conseguir ajuda-los de outra forma". **P7 –** "não me sentiria capaz se tivesse um caso de autismo severo", "não tenho formação para enfrentar tal situação". **P8 –** "pouca formação e desatualizada". **P9 –** "algum receio, porque não sabemos muitas vezes se vai dar certo, o trabalho que estamos a pensar fazer", "trabalho que tem de ser pensado", "mas preciso de apoio dos pais, da educação especial e da escola". **P10 –**"por causa das experiencias que tenho tido", "devia de haver mais condições para trabalhar com eles", "não existem receitas para trabalhar com crianças com NEE's". **P11 –** "não tenho formação suficiente para lidar com determinadas situações", "Não tenho formação nem apoio". **P12 –** "contexto de aula sinto-me preparada, agora numa sala só com NEE não". **P13 -** "não tive preparação, nem formação específica em ensino especial", "necessidade de aprofundar os meus conhecimentos". **P14 –** "tendo em conta a minha formação académica e a experiencia que tenho adquirido", "não deixo de pesquisar e de experimentar novas estratégias".
	2. Durante a sua formação académica teve algum tipo de formação na área das NEE's?	"Sim tive" – **P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P10, P12, P14.** "Não tive" **– P1.** "Não me recordo" **- P9, P11, P13.**
	3. Ao longo do seu percurso profissional fez algum tipo de formação adicional na área das NEE's? Quais os temas e duração da formação?	"Sim" – **P1, P2, P3, P4, P6, P8, P9, P10, P11, P12, P14** "Não" – **P5, P7, P13** "Curta duração" **– P1, P2, P3,P4, P6, P8, P9, P10,** **"**Grande duração" **– P11, P12, P13** **P1, P4, P9 –** "Hiperatividade, Défice de atenção, Autismo". **P6 –** "autismo". **P8 – "**o decreto de lei 3 de 2008".

		P10 – “dislexias”- **P11 –** “1.º ano do Mestrado de Ensino Especial”. **P12 –** “NEE’s no geral”. **P14** – “mestrado em educação especial”.
	4. Se pudesse realizar um ação de formação na área da NEE’s, qual o tema em que gostava de participar?	“Autismo” – **P3,P4, P7, P11, P12, P13** “Dislexia” **– P6, P7, P12** “Hiperatividade” **– P1, P7** **P1 –** “dificuldade na escrita e na leitura, parte auditiva”, “défice de atenção e concentração”. **P2 –** “parte psicológica e as crianças com problemas familiares”. **P5 –** “Mestrado em NEE’s”. **P8 –** “especialização em NEE, a trissomia 21”. **P9 –** “não sei”. **P10 –** “adequações curriculares”. **P14 – “**língua gestual”.